

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

SARA CAROLINY PIRES

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NO ROMANCE A *MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS*,
DE NICOLE KRAUSS**

GOIÁS
2020

SARA CAROLINY PIRES

**MEMÓRIA E IDENTIDADE NO ROMANCE A *MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS*,
DE NICOLE KRAUSS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para conclusão do curso e obtenção do título de Mestra em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: Estudos Literários e Interculturalidade
Orientador: Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota.

GOIÁS
2020

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE
BANCA EXAMINADORA

-
- 1) Prof. Dr. Adolfo José de Souza Frota – UEG/POSLLI (Presidente)
-
- 2) Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo – FL/UFG/PPGLL (Membro externo)
-
- 3) Profa. Dra. Émile Cardoso Andrade – UEG/POSLLI (Membro interno)
-
- 4) Prof. Dr. Alexandre Bonafim Felizardo – UEG/POSLLI (Suplente interno)
-
- 5) Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira – UFT (Suplente externo)

*Dedico este trabalho à minha esposa Fernanda Lelis,
por fazer dos meus dias melhores.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me sustentar até aqui;

Ao Professor Dr. Adolfo José de Souza Frota, orientador e amigo, pelo cuidado, pelo exemplo, pela paciência e respeito;

À Professora Dra. Émile Cardoso Andrade e ao Professor Dr. Flávio Pereira Camargo, membros da banca de qualificação, pelas sugestões fundamentais para a versão final desse trabalho;

Aos Professores Dr. Alexandre Bonafim e Profa. Dra. Rejane de Souza Ferreira, por terem aceitado tão prontamente o convite de participação na banca

À minha mãe, que não pode ver esse momento;

À Marislene Pires, minha irmã, pela força nos dias difíceis;

À Marcela e Cícera Lorryne, pela amizade, pelo apoio e cuidado;

Aos companheiros de mestrado, que ao longo do percurso foram essenciais na contribuição de experiências e saberes;

Aos meus alunos do Colégio Estadual José Marcelino, pelo estímulo a continuar aprendendo e pelo ensinamento diário sobre a diversidade do outro;

À FAPEG, não só pela ajuda financeira, mas pelo apoio que tornou possível a realização desse sonho.

Sabe, nós procuramos padrões só para descobrir onde os padrões se rompem. E é ali, naquela fissura, que levantamos acampamento e esperamos.

Krauss (2012, p. 107).

RESUMO

PIRES, Sara Caroliny. **Memória e identidade no romance *A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss**. 2020. 86 f. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

Nesta dissertação, proponho uma análise do romance *A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss (2012), verificando o entrelaçamento da temática da memória e da identidade. Neste romance, Krauss constitui as diversas personagens que habitam nos interstícios da narrativa por meio do recurso mnemônico, o que leva a hipótese de que a representação da memória, no romance *A memória de nossas memórias*, tem um papel preponderante na construção da identidade dos narradores. Os conceitos de memória e de identidade se manifestam imbricados na tessitura desse romance, de forma que, ao falar sobre as diversas memórias dos narradores e as construções das identidades das personagens, os aspectos concernentes aos Regimes Totalitários implantados durante o século XX (Estado Nazista — Ditadura Militar Chilena) são indispensáveis para entender essa relação, especialmente por serem resgatados pela memória. Esta dissertação apoia-se também na temática concernente a solidão que é uma sensação recorrente na vida das personagens e narradores, sobretudo quando elas atravessam experiências traumáticas, geralmente relacionadas às consequências assombrosas dos Regimes Totalitários, ao esquecimento ocasionado pelo Mal de Alzheimer e à morte. Assim, esses sentimentos demarcam o caráter existencial de cada história narrada no romance. Nesse livro, há uma presença misteriosa de um objeto mobiliário, a “escrivantina”, que desperta estranhamento e ao mesmo tempo fascinação naqueles que tiveram a oportunidade de possuí-la durante um espaço de tempo. Símbolo da memória de antepassados, o objeto é responsável por transportar lembranças e experiências dos diversos proprietários que já a tiveram. No romance de Nicole Krauss, fica evidente uma relação conflituosa entre o passado e presente na conjuntura das personagens e narradores; entre as relações familiares e amorosas; entre a memória e o esquecimento. Todos esses componentes ficam evidentes através da composição mnemônica e identitária, temas centrais desta dissertação.

Palavras-chave: Identidade. Memória. Romance. Nicole Krauss.

ABSTRACT

PIRES, Sara Caroliny. **Memory, identity in the novel *GreatHouse*, by Nicole Krauss**. 2020. 86 f. Dissertation (Masters in Language, Literature and Interculturality) – Câmpus Cora Coralina, State University of Goiás, Goiás, 2020.

In this research, I intend to analyze the novel *Great House*, by Nicole Krauss (2012) in order to verify the intertwining of the theme of memory and identity. In this book, Krauss begets the different characters who dwell in the interstices of the narrative by means of mnemonic scheme, what leads to the hypothesis that the memory representation, in the novel *Great House*, has a preponderant role in the conception of the identity of the narrators. The concept of memory and identity manifests itself in the tissue of this novel, in a certain way that talk about different memories of the narrator and the creation of the characters' identities, the aspects concerning the Totalitarian Regimes implanted during the 20th Century (Nazi State – Chilean Military Dictatorship) are necessary to understand this dimension, specially because they are brought back by memory. This research is also supported by themes related to melancholy and loneliness, which are recurrent feelings in the lives of the characters and narrators, especially when they go through traumatic experiences, usually related to the amazing consequences of Totalitarian Regimes, to the forgetfulness caused by Alzheimer's disease and death. Thus, these feelings mark the existential character of each story narrated in the novel. In this book, there is a mysterious presence of a movable object, the “desk”, which awakens strangeness and at the same time fascination in those who have had the opportunity to have it for a period of time. Symbol of the memory of ancestors, the object is responsible for carrying memories and experiences of the various owners that it has had. In Nicole Krauss' novel, a conflicting relationship between the past and the present is evident in the conjuncture of characters and narrators; between family and loving relationships; between memory and forgetfulness. All these components are evident through the mnemonic and identity composition, central themes of this thesis.

Key-words: Identity. Memory. Novel. Nicole Krauss.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	TRAÇOS IDENTITÁRIOS EM A <i>MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS</i>	18
2.1	Concepções sobre a identidade na modernidade	23
2.2	Identidade Judaica e o Holocausto em <i>As memórias de nossas memórias</i>	34
3	AS SOMBRAS DA MEMÓRIA: ENTRE ABISMOS E SUPERFÍCIES EM A <i>MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS</i> , DE NICOLE KRAUSS	44
3.1	“Entre o presente e o passado, memórias e objetos”	51
3.2	Memórias do trauma: luto, melancolia e silêncio em <i>Bondade verdadeira e Buracos para nadar</i>	60
3.3	<i>Mentiras contadas por crianças</i> , ou a busca obsessiva pelo passado	73
3.4	A memória que significa prolongamento da finitude.....	80
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
	REFERÊNCIAS.....	86

1 INTRODUÇÃO

Apesar de bastante jovem, Nicole Krauss, é uma escritora cujo lugar de destaque já está garantido no rol dos escritores americanos. Admirada pelo romancista americano Philip Roth, considerado um dos maiores escritores da segunda metade do século XX, Krauss vem se destacando por expressar uma originalidade em sua escrita que ao mesmo tempo é de ordem íntima e épica. Escolho a obra dessa autora como *corpus* para nossa pesquisa sobre a memória, identidade e trauma precisamente por se tratar de uma autora que representa, com sofisticação e sensibilidade, diversas experiências de personagens, que estão representadas em uma conjuntura sociocultural extremamente rica e relevante. Krauss analisa a identidade e sua relação com fatos históricos que reportam aos períodos da Segunda Guerra Mundial, bem como o Regime Militar de Augusto Pinochet, no Chile, manifestados ora de forma explícita ora implicitamente, através de indícios nas entrelinhas da narrativa da autora, muitas vezes pelo silêncio das personagens, denunciando um contexto marcado pela barbárie e pelo mistério.

A representação literária da memória é o fio condutor que estrutura o romance *A memória de nossas memórias* (2012), da escritora Nicole Krauss, sobretudo, porque é a memória o trajeto escolhido pelos narradores para manifestar as suas experiências e impressões vivenciadas. A tentativa de [re]construir um passado obscuro que nos escapa, seja para recompor alguma coisa incompleta, não deixa de ser uma possível tentativa crivada pelo fluxo do esquecimento.

Para Rebecca Newberger¹, no *The New York Times Book Review*², o romance *A memória de nossas memórias*³(2012) é “concebido com detalhes sensoriais primorosamente escolhidos, que produzem enorme intensidade emocional [...] uma performance na corda bamba, mas a corda aqui foi substituída por um nervo exposto que nos suspende a respiração”. Ao externar as impressões positivas que o romance causou, Rebecca valoriza a elegância performática da escrita de Nicole Krauss, salientando o quanto é subjetiva e surpreendente a narrativa. Além da receptividade positiva que o romance tem tido desde sua publicação, o que verificamos é uma latente tentativa de Nicole Krauss em ressignificar um passado apunhalado pelos Regimes

¹ Newberger é uma filósofa, escritora romancista e intelectual pública americana. Possui mais de dez livros publicados, dentre eles, narrativas ficcionais e não-ficcionais. Além de ser convidada constantemente para participar de palestras e entrevistas nacionais e internacionais.

² Uma revista semanal em papel do *The New York Times*, que visa tecer análises e comentários sobre os livros atuais de ficção e não-ficção. Considerado uma das publicações de resenhas de livros mais influentes e lidas do setor jornalísticos dos Estados Unidos. A citação foi retirada da contracapa da edição que utilizo nesta citação.

³ *Great House*, versão original.

Totalitários⁴ e seus consequentes reflexos traumáticos até a contemporaneidade, de forma que a memória incorporada à narrativa ficcional desempenha um importante papel na compreensão do comportamento dos personagens, pois, ao incorporar as narrativas da contemporaneidade, Nicole Krauss desprende-se de um imaginário fantasioso e irrealizável com projeto esteticamente definido para um espaço amplo à possibilidade de estilos.

Para Márcio Seligmann-Silva (2003), o estudo do *Shoah*⁵, no panorama literário, necessita ser mais estudado e compreendido, de modo que o *Shoah* foi um episódio histórico terrível, que atingiu proporções devastadoras, metamorfoseando até mesmo a

literatura tradicional, a filosofia e a nossa visão mesma de homem moderno ocidental. Vimos que [este] continua sendo capaz de praticar genocídios desta magnitude e o progresso tecnológico não implica progresso moral. O holocausto exige mais do que nunca a literatura para podermos enfrentar a realidade da violência. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 12).

Diante disso, pretendo lançar reflexões sobre os efeitos que o passado desempenha no presente, pois o processo de conscientização possibilita chamar a atenção da humanidade para não cometer os mesmos erros. Ainda que a literatura apresente outros termos para discutir sobre o genocídio executado pelo Estado Nazista, como a *Shoah*, em linhas gerais, adotamos neste trabalho o termo Holocausto quando formos tratar das situações mencionadas no romance em específico. Para esclarecer as diferenças entre a literatura através dos termos mencionados acima, Kremer (2003) afirma:

O Holocausto Nazista e suas consequências criaram contextos culturais e intelectuais, impactando profundamente a consciência individual e coletiva e gerando abundante literatura, que passou por importantes mudanças de paradigma. A literatura da *Shoah* é uma literatura de testemunho e luto, um trauma mediador da literatura e suas implicações para o pensamento pós-guerra. A *Literatura do Holocausto* examina textos em todos os gêneros literários, respostas de escritores que estavam lá e escritores que tiveram a sorte de “não estar lá”: escritores de origem culturais e nacionais amplamente diferentes; e escritores de diversas filosofias estéticas. (KREMER, 2003, p. 21, grifo do autor).

⁴Deve ser entendido como um sistema de governo característico do século XX. Diz-se país, regime ou governo totalitário quando um grupo centraliza todos os poderes políticos e administrativos, não permitindo a existência de outros grupos ou partidos políticos. Um estado totalitário é reconhecido pela atuação de uma polícia secreta, pela monopolização da verdade, pela instauração de um partido único e a manutenção de um clima constante de insegurança e terror. Tanto o nazismo na Alemanha como o stalinismo na União Soviética são exemplos-padrão para os estudos sobre o totalitarismo, apesar das diferenças ideológicas que os distinguem. (ARENDDT, 2007).

⁵Holocausto ou *Shoah*, palavra hebraica que significa destruição, ruína, calamidade (cf. Isaías, 10:3), é utilizada em Israel para designar o extermínio dos judeus na Europa nazista. Holocausto, do grego *holókauston*, significa sacrifício em que a vítima era queimada inteira. Entre os antigos hebreus possui o mesmo significado. (ARENDDT, 2000).

Nesse sentido, Nicole Krauss é uma autora que resgata do passado (Holocausto e Regime Militar Chileno) eventos traumáticos circunstanciados por Regimes Totalitários que perpassam ao longo de várias décadas pela sociedade, sinalizados em várias narrativas modernas e Pós-Modernas.

Leyla Perrone-Moisés (2016), em *Mutações da literatura no século XXI*, assevera que a literatura não escapou das mutações da virada do século. A partir de 2000, a humanidade presenciou várias previsões de muitos “fins” e, na esteira da literatura, não foi diferente, pois os romancistas também temiam pelo “fim” de vários fatores atrelados a literatura:

fim do Homem, fim da história, fim dos grandes relatos, fim das utopias, fim da cultura ocidental, fim dos intelectuais, fim da arte... Felizmente, nenhum desses ‘fins’, até agora, se concretizou. Mas é evidente que essas mortes anunciadas eram índices de mutações. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 17).

Com o advento do novo milênio, o trânsito entre passado, presente e futuro intensificou-se no contexto das narrativas, visto que o exercício de ressignificação do passado se dá através da memória, e que em hipótese alguma deve ser desvinculado do contexto literário contemporâneo. Sendo assim, a necessidade da prática mnemônica se tornou fundamental na composição da escrita de grande parte dos escritores modernos e contemporâneos. O fim de uma era e início de outra anuncia a importância da luta contra as forças do esquecimento que impedem de lembrar sobre a grande barbárie que dizimou mais de 6 milhões de judeus na primeira metade do século XX.

Mais uma vez Leyla Perrone-Moisés (2016) é assertiva ao sinalizar sobre a relevância da literatura na vida do sujeito, pois a ficção possibilita uma viagem no tempo através da memória, evitando que fatos e eventos caiam no esquecimento: a literatura “nos faz viver em vários outros tempos, e cria assim um tempo imóvel fora do tempo, que nos libera da consciência melancólica da finitude, da morte” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 51). Ao longo de todo romance *A memória de nossas memórias*, o leitor é desafiado a compreender quatro histórias diferentes contadas a partir dos seus respectivos narradores-personagens, em tempos e espaços diferentes, mas que se bifurcam no processo de compreender a representatividade de uma mobília, em especial, a escrivaninha, sendo seu destino sempre negociável e incerto, ao passo que todos os narradores se valem da memória para reconstrução do passado.

A primeira história, *Todos em pé*, é contada pela narradora-personagem Nadia, uma escritora que reside em Nova Iorque e que por indicação de um amigo recebe em seu apartamento uma mobília pertencente a Daniel Varsky, um escritor chileno que está prestes a embarcar para o Chile. Em meio a alguns objetos, destacava-se em especial uma escrivaninha,

que segundo o seu proprietário, o objeto teria pertencido a Lorca. A mobília ficaria sobe os cuidados de Nadia até o momento em que Varsky conseguisse retornar aos EUA, porém o jovem é preso pela polícia de Pinochet, torturado e assassinado.

A segunda história, *Bondade verdadeira*, é narrada por Aaron, um advogado bem sucedido que relata a dor por perder sua esposa. Pai de dois filhos, Dov e Uri, ele transita entre o passado e presente buscando compreender o comportamento e a predileção de seu filho mais novo, Dov, pela sua esposa. Existe um conflito entre as duas personagens, uma dificuldade de aceitação de Aaron, pelo fato de Dov desde sua infância ser uma criança sensível e reflexiva, além de ter abandonando o exército em Israel para estudar e se tornar um Juiz em Londres.

A terceira história, *Buracos para nadar*, é contada a partir do ponto de vista do narrador-personagem Arthur Bender, esposo de Lotte Berg, uma escritora que sofre com o efeito devastador do Mal de Alzheimer. Ao longo da narrativa, Arthur conta sobre toda a trama vivida durante do matrimônio, até os últimos dias de vida de Lotte. Ele ainda reitera sobre o quanto a identidade do passado de Berg sempre representou um verdadeiro mistério. Sabe-se que no passado Lotte fugira da perseguição nazista, mas a sua família foi submetida a um campo de extermínio durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, ela perdeu todos seus entes queridos para o exército nazista. Além de todos os traumas vivenciados na infância, na sua juventude, Berg deu à luz a uma criança, mas que por algum motivo ela não pode mantê-lo ao seu lado. Por fim, em determinado momento da terceira história, surge a figura de Daniel Varsky, que é recebido com muita surpresa por Berg em sua casa, e que quando parte, leva consigo como presente, a imponente escrivadinha. Assim, como um quebra cabeça, Arthur Bender tenta montar esse mosaico de peças no desejo de compreender o silenciamento e introspecção de sua companheira.

Na quarta história, *Mentiras contadas por crianças* (cuja sequência é *Weisz*), a narradora é uma jovem estudante, cujo nome é Izzy. Durante sua estadia em Oxford para pesquisas, ela conhece Yoav, filho de George Weisz, proprietário de um antiquário especializado em procurar móveis confiscados dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Durante a narrativa de Izzy, percebe-se que os jovens se envolvem de tal forma que a narradora-personagem consegue vivenciar de perto o quanto os irmãos Yoav e Leah são dominados rigorosamente pelo pai. Embora sejam protegidos com exagero pelo pai, eles também cooperam com a rotina do antiquário, buscando objetos e visitando clientes, de modo que há um tempo eles estão à procura de uma importante escrivadinha para composição do antiquário de George Weisz. Por fazer parte daquela atmosfera dos Weiszs, mesmo que seja como um elemento “intruso” e temporário, Izzy consegue captar a insegurança e o medo que assombram Yoav. Assim,

narradora reforça o momento em que Leah viaja a Nova Iorque a negócios, pois foi informada que a peça que faltava no quebra-cabeça poderia estar a sua espera em um apartamento de uma escritora, a escrivaninha.

Na quinta e última história, intitulada *Weisz*, o narrador George Weisz, através de um relato biográfico, descreve seu percurso de vida desde a infância até a maturidade. Essa atividade de rememoração só é possível por meio do exercício mnemônico. Weisz é proprietário de um antiquário conceituado, várias pessoas o procuram para resgatar objetos mobiliários vendidos, perdidos ou confiscados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. O narrador guarda consigo peças de um quebra-cabeça que fazem parte das outras histórias do romance *A memória de nossas memórias*, sobretudo, da imponente e misteriosa escrivaninha que está presente nas lembranças dos outros narradores.

Dessa forma, as cinco narrativas são compostas por histórias distintas e em tempos diferentes, mas que são atravessadas pela presença da escrivaninha, sobretudo na primeira história, *Todos em pé*, e na terceira, *Buracos para nadar*.

Para a proposta deste trabalho, de estudar o romance *A memória de nossas memórias*, deve ser levada em conta que Nicole Krauss é filha de mãe britânica e pai americano, ambos judeus. Seus avós maternos nasceram na Alemanha e seus avós paternos, na Hungria, lugares que diretamente inspiraram a escrita da autora. Entre os anos de 2004 a 2014, Nicole Krauss foi casada com Jonathan Safran Foer, também escritor estadunidense. Ambos ocupam um espaço entre os séculos XX e XXI na literatura americana sobre o Holocausto. Dessa forma, o projeto literário da escritora Nicole Krauss pode ser compreendido através das temáticas identidade, memória e trauma na formação do caráter narrativo e descritivo de seu romance.

Outra característica considerável na narrativa de Nicole Krauss é a construção de seus narradores. Visto que o romance é dividido em cinco histórias centrais, conforme já mencionado, a primeira história intitulada, *Todos em pé*⁶; segunda, *Bondade verdadeira*; terceira, *Buracos para nadar*; quarta, *Mentiras contadas por crianças*; e a quinta, *Weisz*, que é a continuação de *Mentiras contadas por crianças*.

Além da narrativa de Nicole ser marcada por cinco vozes distintas, que buscam entender seus próprios conflitos e os comportamentos alheios das outras personagens e, assim, narram na tentativa de externar seus traumas e angústias na esperança de que alguém as ouçam, tais narradores revelam identidades que perpassam tempos diferentes, mobilizando por meio dos seus discursos, conflitos de ordem intimista.

⁶ Versões originais dos capítulos: *All standing*; *True goodness*; *Holes for swimming*; *Lies counted by children* (*Weisz*).

Jeanne Marie Gagnebin (2009, p. 11), em seu livro intitulado *Lembrar escrever esquecer*, assegura que, desde a época de Platão até os escritores que fizeram parte do século XX, a memória humana se ergue entre dois sentidos: “o da conservação pela escrita, inscrição que pode durar por mais tempo, mas que desenha o vulto da ausência, e o da transmissão oral viva, mas frágil e efêmera”. A palavra, as experiências vividas, o enfrentamento para manter a memória surgem desde a *Odisseia*, pois Ulisses, em sua trajetória errante para voltar à Ítaca, pode ser entendida como uma “luta travada contra o esquecimento” (GAGNEBIN, 2009, p.18). A capacidade de ressignificar o passado através da ação de lembrar manifesta-se na camada da memória através de imagens reminiscentes, que oscilam e, em alguns casos, podem afetar diretamente o sujeito no processo de rememoração. Dessa forma, a memória é evidenciada por imagens traumáticas que anseiam pelo esquecimento e imagens alegres. Destarte, reassumir imagens, fatos e gestos não são garantias de objetividade e fidelidade.

Existe um número considerável de narradores no romance contemporâneo que, na tentativa de buscar o autoconhecimento, viajam nas sinuosidades da memória e rompem em busca de espaços vividos, vozes silenciadas no tempo, lembranças traumáticas. Para tanto, designam um distanciamento temporal que permite o esquecimento e a ação de lembrar do passado. Os narradores do romance *A memória de nossas memórias* procuram entender a subjetividade de um passado carregado de heranças conflituosas, seja por eventos traumáticos advindos dos campos de concentração, seja de relacionamentos fracassados naufragados em um mar sem fim de solidão e angústia. As problemáticas enfrentadas pelas personagens de Nicole Krauss evidenciam traços comportamentais herdados de um passado movido por uma atmosfera aterrorizante que insiste em permanecer obscuro em seu caráter psicológico. Situações que envolvem regime totalitário, o antissemitismo e exílio são recorrentes na constituição das personagens.

Hannah Arendt, em seu livro *Origens do totalitarismo* (2012), ao refletir sobre o sistema totalitário e as condições dos campos de concentração, assinala que:

é apenas aparente a inutilidade dos campos, a sua anti-utilidade cinicamente confessada. Na verdade, nenhuma outra das suas instituições é mais essencial para preservar o poder do regime. Sem os campos de concentração, sem o medo indefinido que inspiram e sem o treinamento muito definido que oferecem em matéria de domínio totalitário, que em nenhuma outra parte pode ser inteiramente testado em todas as suas radicais possibilidades, o Estado totalitário não pode inspirar o fanatismo das suas tropas sem manter um povo inteiro em completa apatia (ARENDR, 2012, p. 565).

A violência praticada pela milícia nazista a milhares de vítimas, encaminhadas aos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial, influenciou diretamente na rotina

dos sobreviventes após o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, de modo que as sucessivas gerações carregam o fardo traumático de um passado sombrio. Diante dessa realidade, as narrativas, ao longo das últimas décadas, desempenham um papel importantíssimo na conservação da memória e no rompimento do silêncio instaurado pelos regimes ditatoriais.

Os estudos assinalados acima demonstram a representatividade do romance de Nicole Krauss para os estudos literários na contemporaneidade. Desse maneira, em nossa pesquisa, proponho estudar o romance *A memória de nossas memórias* para verificar de que maneira a correlação entre a identidade, a memória e o trauma, além de serem temáticas recorrentes na gama de produções contemporâneas, sugerem a impressão de que as personagens, por terem dificuldades em lidar com a experiências traumáticas do passado, se valem da memória para tentar compreender a lógica do presente. Por esse motivo, elas continuam em uma constante busca pela manutenção de suas identidades.

A partir desses apontamentos, o romance *A memória de nossas memórias* é considerado como *corpus* de estudo desse trabalho por ser elencado pelo discurso memorialístico na perspectiva de cinco narradores diferentes, por entrelaçar eventos do passado ao presente no processo de reconstituições de histórias e identidades. Desse modo, neste romance, Nicole Krauss consegue entrelaçar a memória das personagens com a necessidade dos narradores em preencher os vazios das identidades fraturadas pelos traumas vividos ao longo da vida, o que nos leva a refletir sobre a hipótese de que a representação dos traumas, nesta narrativa, tem um papel preponderante na elaboração e construção da memória subjetiva dos narradores. Sob esse prisma, o estudo da memória, no que tange ao procedimento narrativo, impulsiona reflexões alinhadas ao diálogo do esquecimento e da lembrança. Isto posto, a hipótese apresentada, nesse trabalho, é substancial para compreender como a identidade do sujeito é atravessada pelo trauma.

A hipótese do trabalho surgiu das seguintes reflexões e questionamentos: o que há de relevante na temática da memória em *A memória de nossas memórias*, que nos possibilita refletir sobre as experiências traumáticas do passado atreladas ao sujeito contemporâneo?; e de que maneira a representação do trauma (passado) abala a subjetividade das personagens e nos possibilita refletir a respeito da identidade na esfera contemporânea?

Na tentativa de responder a esses questionamentos e refletir sobre a hipótese levantada, meu objetivo é desenvolver, nesse trabalho, o diálogo entre a teoria sobre a memória do trauma e teoria da memória, refletindo sobre o processo de (re)construção da memória e as lembranças do passado constituem uma suposta indagação a respeito da identidade do sujeito, manifestado pelos conflitos externos e internos de um passado crivado por eventos revestidos de traumas.

Escolhi por estruturar esse trabalho em dois capítulos, dentre eles crítica e teoria manifestam associados à luz da análise do texto ficcional de maneira dialógica. A atenção dada às temáticas memória, ao trauma e à identidade surgem conectados na tessitura do romance *A memória de nossas memórias* de maneira que, ao discutir sobre memória dos narradores e as (re)construções das identidades das personagens, as experiências traumáticas são indispensáveis para compreensão dessa relação.

Destarte, no primeiro capítulo intitulado, *Traços identitários em A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss, problematizo o modo como o tema da identidade é configurada na construção do panorama das quatro narrativas conjugadas no romance, enfatizando a representação da identidade e cultura judaica na constituição da escrita de Nicole Krauss, bem como os efeitos que o trauma pode causar na performance psicológica dos narradores de *A memória de nossas memórias*. O aporte teórico-crítico utilizado para analisar a configuração das identidades dos sujeitos no romance remete aos estudos de Anthony Giddens (1991, 2002), Kathryn Woodward (2014) e Stuart Hall (2006), dentre outros. Também trato, nesse capítulo, a relação entre literatura e às configurações do Holocausto, evento referente à primeira metade do século XX, reportado a Segunda Guerra Mundial, além do Regime Totalitário discutido por Arendt (2012), para analisar os reflexos bárbaros que tais eventos desencadearam na posição desses narradores e os sentidos que manifestam de suas vozes e olhares, tendo em vista que o lugar de discurso do narrador implica na contribuição das reflexões sobre as identidades. Para isso, escolhi duas narrativas: *Todos em pé* e *Buracos para nadar*.

No segundo capítulo, intitulado *As sombras da memória: entre abismos e superfícies em A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss, apresento um panorama de definições mnemônicas até a contemporaneidade, além do modo como a temática da memória discute a relação entre esquecimento e lembrança, aspectos coletivos e individuais, para refletir sobre o resgate da memória na conjuntura social contemporânea. Ao investigar as faces dos narradores através de seus discursos, noto que o trauma é um aspecto que desencadeia os dilemas, fragmentos e angústias das personagens. Para compreender a memória, por meio de um evento traumático, endosso a discussão e reflexão nos comentários de Aleida Assmann (2016), Ecléa Bosi (1994), Jeanne Marie Gagnebin (2009), Maurice Halbwachs (2006), Márcio Seligmann-Silva (2002, 2003), Michael Pollak (1989), Paul Ricoeur (2007), Pierre Nora (1993), Primo Levi (2004), Santo Agostinho (2004), para, através deles, designarmos um diálogo profícuo com outros críticos e analisarmos os sentidos tomados pela memória no romance de Nicole Krauss, destacando as narrativas *Todos em pé*, *Bondade verdadeira*, *Buracos para nadar* e *Mentiras contadas por crianças*.

É importante ressaltar que os estudos reflexivos propostos, nesse trabalho, não ambicionam esgotar as temáticas que circundam a narrativa de Nicole Krauss, de modo que ao dedicar análise deles, disponho da noção de que as investigações apontadas e as análises progressistas envolvem os estudos literários contemporâneos. Por conseguinte, ao concluir a pesquisa, anseio poder contribuir com o capital crítico da obra ficcional de Nicole Krauss, especificamente, sobre o romance *A memória de nossas memórias*, de modo interpretativo subjetivo porque as apurações teóricas, quando equiparadas com a leitura e análise do romance, corroboram diversas possibilidades de reflexões e questionamentos.

2TRAÇOS IDENTITÁRIOS EM A MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS

Vocês que vivem seguros em suas cálidas casas vocês que, voltando à noite, encontram comida quente e rostos amigos, pensem bem se isso é um homem que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão, que morre por um sim ou por um não. Pensem bem se isto é uma mulher, sem cabelos e sem nome, sem mais força para lembrar, vazios os olhos, frio o ventre, como um sapo no inverno. Pensem que isto aconteceu: eu lhes mando estas palavras. Gravem-na em seus corações, estando em casa, andando na rua, ao deitar, ao levantar; repitam-nas a seus filhos. Ou, senão, desmorone-se a sua casa, a doença os torne inválidos, os seus filhos virem o rosto para não vê-los.

Primo Levi(1988)

A escuridão não se dissipa, mas se adensa enquanto penso como é pouco o que logramos conservar na memória, como tudo cai constantemente no esquecimento com cada vida que se extingue, como o mundo por assim dizer se esvazia por si mesmo, na medida em que as histórias ligadas a inúmeros lugares e objetos por si sós incapazes de recordação não são ouvidas, não são anotadas nem transmitidas por ninguém.

Winfried Georg Sebald(2008)

Depois veio o golpe de Estado, o levante, o pronunciamiento militar, bombardearam La Moneda, e quando terminou o bombardeio, o presidente se suicidou e tudo acabou. Então eu fiquei quieto, com um dedo na página que estava lendo, e pensei: que paz. Levantei, fui à janela: que silêncio. O céu estava azul, um azul profundo e limpo, marcado aqui e ali por algumas nuvens.

Roberto Bolaño(2000)

As três passagens das epígrafes correspondem a distintos autores, mas que coincidem em um aspecto importante por apresentarem reflexões sobre a condição humana quando alguma situação adversa conduz o homem a situações limites de sobrevivência, além de revelar a fragilidade da vida perante o poder de governos totalitários e militares. Um dos romances mais notáveis de Primo Levi (1988), *É isto um homem?*, discute sobre a sua própria permanência naquele que ficou sendo o mais conhecido campo de concentração: *Auschwitz*. A deterioração da esperança por meio da opressão, violência e angústia revelou o quanto as pessoas estavam submersas em um profundo abismo, sem autonomia de reagir, temer ou revoltar-se, de modo que as milhares de pessoas que dividiam aquele mesmo espaço tornaram-se sujeitos autômatos,

sem disposição ou incapacidade de responder as imposições realizadas pelos nazistas. Por meio de uma narrativa mnemônica, Levi convoca os leitores a pensar sobre as definições que a palavra extermínio alcançou no campo de concentração:

Desejaríamos, agora, convidar o leitor a meditar sobre o significado que podiam ter para nós, dentro do Campo, as velhas palavras “bem” e “mal”, “certo” e “errado”. Que cada qual julgue, na base do quadro que retratamos e dos exemplos que relatamos, o quanto de nosso mundo moral comum poderia subsistir aquém dos arames farpados”. (LEVI, 1988, p.125-126).

A memória assume o protagonismo no intercâmbio entre o presente e o passado por meio do poder revelador da narrativa. Ela é a única forma de tentar explorar o infortúnio enfrentado pelos sobreviventes dos campos nazistas, inclusive de Primo Levi, uma das vítimas que sobreviveu ao maior genocídio em massa que a humanidade presenciou.

Na segunda epígrafe, Winfried Georg Maximilian Sebald, em seu romance *Austerlitz* (2008), convoca o leitor a pensar sobre os diversos reflexos negativos que o Holocausto provocou ao longo da história de gerações, além de enfatizar sobre a importância da memória no processo de compreensão de um passado marcado por sombra e medo. O tom melancólico reforça a ausência da essência humana que foi retirada de forma violenta pelos nazistas ao longo da primeira metade do século XX.

Em sequência, a terceira epígrafe é referente ao mais célebre romance de Roberto Bolaño, *Noturno no Chile* (2000), que apresenta um painel de um dos assuntos mais caros à obra do autor: o Chile, sua terra natal, e a ditadura de Augusto Pinochet. Por meio da narrativa ficcional o autor assevera o quão nocivo pode ser o uso do autoritarismo na proporção de um regime militar, as consequências são terríveis, pois o progresso de um regime militar coloca em risco todo direito de livre expressão de um povo, tornando constante a repressão e encaminhamento de milhares de vítimas ao exílio, bem como a censura em todas as esferas da sociedade, inclusive no âmbito da vida de intelectuais literários:

Agora eu morro, mas ainda tenho muitas coisas a dizer, estava em paz comigo mesmo. Mudo e em paz. Mas de repente as coisas vieram à tona: aquele jovem é o culpado. Eu estava em paz. Agora não estou em paz. Alguns pontos precisam ser esclarecidos. Então, vou me apoiar em um cotovelo e erguer minha cabeça, minha nobre e trêmula cabeça, e procurarei no canto das memórias os atos que me justificam e, portanto, desprezam as infâmias que o jovem idoso espalhou em meu descrédito em uma noite piscando. (BOLAÑO, 2000, p.11).

No trecho supracitado, existe a junção de um relato estético de um poeta crítico literário, que trava um diálogo solitário consigo mesmo, externando a problemática enfrentada pela sociedade chilena ao longo do golpe militar, que foi motivado por forças políticas do então

general do exército Pinochet. Roberto Bolaño (2000) ressalta o papel da literatura na elaboração e no processamento da memória e identidade de um povo massacrado e oprimido em todas as esferas sociais.

A reunião destas três epígrafes, de livros diversos, se justifica para o início de uma discussão proposta, pois o que eu faço é analisar a representação de diferentes aspectos mnemônicos e identitários presentes nas quatro narrativas interligadas no romance *A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss (2012), ao longo desta dissertação.

As cinco narrativas interligadas foram divididas em duas seções: Na seção 1, elas são: *Todos em pé*, *Bondade verdadeira*, *Buracos para nadar*, *Mentiras contadas por crianças*. Na seção 2, os títulos continuam os mesmos, com exceção da continuação de *Mentiras contadas por crianças*, que passa a se chamar *Weisz*.

Ao analisar a narrativa de Nicole Krauss (2012), uma autora viva, jovem e profícua deve ser considerada levando em conta, também, quem é essa autora, e o lugar que ela veio ocupar na literatura dos Estados Unidos.

Krauss, judia-americana e neta de judeus alemães e ucranianos, é representante da Terceira Geração de sobreviventes do Holocausto, e está intimamente ligada às memórias daquele fato. Em *A memória de nossas memórias*, a autora oferece um panorama da importância da memória para compreensão da condição humana, além de manifestar a memória e seus depositários, onde é guardada, como é transportada para o interior, como ela conduz efetivamente.

A confluência do viés mnemônico e os reflexos históricos e catastróficos do Holocausto na Europa Oriental, não só colocaram em dúvida todas as bases da existência judaica, como também refletiu na produção literária de autores como Nicole Krauss, herdeira da memória dos seus antepassados, sobreviventes da Segunda Guerra Mundial. Essa carga do passado está diretamente ligada a uma parcela das personagens que fazem parte do caráter constitutivo do romance *A memória de nossas memórias*, esse panorama complexo está alinhado a bagagem memorialística, identitária e cultural daqueles que reconhecem os efeitos desastrosos que o Holocausto causou, mesmo pertencendo a gerações posteriores:

Me lembrei de repente de uma fotografia que havia encontrado anos antes enquanto pesquisava a obra de Emanuel Ringelblum para um de meus cursos de história na faculdade, a imagem de um grande grupo de judeus em Umschlagplatz, ao lado do gueto de Varsóvia, todos acorados ou sentados em sacos sem forma ou no chão, esperando a deportação para Treblinka. A foto havia me marcado na época não só por causa do mar de olhares todos voltados para a câmera, que sugeria que a cena era calada a ponto de o fotógrafo ter conseguido se fazer ouvir, como por causa da elaborada composição que o fotógrafo havia claramente trabalhado, observando a

maneira como os rostos pálidos, encimados por chapéus escuros e lenços, eram espalhados pelo padrão aparentemente infinitos de tijolos claros e escuros da parede contra a qual estavam retidos. Atrás dessa parede havia um edifício retangular com fileiras de janelas quadradas. O conjunto dava uma sensação de ordem geométrica tão poderosa que se tornava inevitável, onde cada material comum — judeus, tijolos, janelas — tinha seu lugar próprio e irrevogável. (KRAUSS, 2012, p. 182-183).

A impressão deixada pelo trecho acima reforça o quanto a memória do Holocausto permeia as lembranças dos indivíduos, e o quanto a imagem do judeu está diretamente ligada a composição do cenário romanesco da produção literária da escritora Nicole Krauss. Nesse caso, temos a representação das impressões de Izzy, uma narradora personagem que deixa transparecer sua sensibilidade ao contemplar uma imagem que remete ao gueto de Varsóvia, umas das maiores comunidades judaicas que existiu na época da Segunda Guerra Mundial, e que foi palco do massacre liderado pelos nazistas, assim como nos campos de concentração.

Izzy é a responsável por narrar a quarta história, *Mentiras contadas por crianças*, presente no romance *A memória de nossas memórias*. A narradora personagem é uma jovem pesquisadora da Universidade de Oxford, que ao longo da narrativa deixa transparecer seus conhecimentos sobre o cenário literário e histórico da Segunda Guerra Mundial. Ela também demonstra uma notável sensibilidade ao relembrar o contexto bárbaro experienciado pelos judeus no gueto de Varsóvia por meio de uma fotografia, símbolo vivo de um longo período traumático que ficou registrado para as futuras gerações.

Ernst Simmel⁷, autor de *Kriegsneurosenundpsychisches Trauma*⁸, expôs descritivamente o trauma de guerra com um método que deixa notório a relação entre violência, técnica, trauma e o registro de imagens: “a luz do flash do terror estampa uma impressão fotograficamente exata” (SIMMEL, 1918 apud ASSMANN, 2016, p. 157). A consistência de um registro fotográfico é um dos dispositivos mais pujantes quando se trata de se observar a inscrição mnemônica e, não inesperadamente, Freud apelou para ela (fotografia) com o intuito de pensar nossa psique, sinalizada pelas inscrições traumáticas.

A fotografia é um testemunho de um presente e, como todo testemunho, alterna entre o plausível de representar um exato evento e a falência dessa representação. Mesmo diante dessa duplicidade, nada garante que o processo de rememoração testemunhal por meio da fotografia possa libertar o trauma, mas por meio do lastro da referencialidade histórica, possibilitou a

⁷Autor Ernst Simmel é lembrado no *Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil*, de Márcio Seligmann-Silva (2014). Inserido no livro *Literatura e exclusão*, organizado por Laetícia Jensen Eble e Regina Dalcastagné (2017, p. 87-105). Seligmann-Silva traça um panorama sobre a importância da fotografia para [re]significação da memória em panoramas traumáticos.

⁸Neuroses de guerra e trauma psíquico.

narradora voltar ao passado por meio da memória, e constatar o impacto negativo do holocausto na constituição da identidade das vítimas.

Os efeitos do genocídio contra os judeus alcançaram as gerações seguintes, restando-lhes duas alternativas: a responsabilidade de sempre lembrar a humanidade do massacre liderado pelo Estado Nazista ou entregar-se ao profundo silenciamento, fruto do trauma ocasionado pela violência sofrida durante a barbárie da primeira metade do século XX.

Essa temática do Holocausto, mesmo manifestada de maneira sutil nas malhas do romance *A memória de nossas memórias*, não deixa de ser lembrado por Nicole Krauss como um marco na memória e na história da sua existência, bem como dos seus ancestrais e dos milhões de judeus silenciados pela violência do ato. As consequências violentas da Segunda Guerra Mundial assumiram o papel de protagonista na ficção literária a partir dos anos 60, pois são várias as formas de se vivenciar a violência impostas pelos Regimes Totalitários e Ditatoriais.

Assim, a narrativa proposta pela autora abre possibilidades de análise a partir da constituição das personagens centrais de cada história do romance, de modo que a memória e esquecimento são os recursos mais valiosos que acompanham o sofrimento e amadurecimento das experiências sentidas pelas personagens, que mesmo pertencendo a períodos diferentes, se valem do mesmo recurso: as lembranças do passado para constituição da narrativa no presente.

Outro detalhe resgatado por Krauss em seu romance é sobre o Regime Militar Chileno conduzido por Augusto Pinochet, entre a década de 70 a 90. Muitos escritores pertencentes a essa época, em destaque Roberto Bolão (2000), cuja epígrafe está no início desse capítulo, presenciou o impacto desse momento histórico na constituição dos sujeitos daquela geração.

O Regime Totalitário foi responsável por disseminar a violência, a intolerância, além de fixar formas homogêneas para o pensar e o agir, impossibilitando o ser humano de algo de mais humano que é a capacidade de fazer: refletir e pensar. Desse modo, Roberto Bolão atuou frente aos acontecimentos autoritário e totalitário por meio das suas produções ficcionais, promovendo a figura das personagens a um patamar intelectual fora da realidade opressora do Regime Ditatorial de Pinochet, a relação dos personagens, em sua maioria escritores e poeta, frente aos acontecimentos da época.

Não diferente da atuação de Bolão, Nicole Krauss (2012) instaura, em seu romance *A memória de nossas memórias*, a figura de uma personagem que sofre as consequências do Regime Ditatorial Chileno. A perseguição sofrida pelo personagem principal de *Todos em pé*, Daniel Varsk, um jovem poeta chileno que tem sua vida ceifada pelos agentes secretos de Pinochet, toma forma através da narrativa memorialística de Nadia, narradora personagem

responsável pela transmissão das poucas referências e informações do contexto de vida do poeta. Daniel Varsk vivia anonimamente em diversos lugares. Quando ele voltou para o Chile, seus pertences ficaram sob custódia de Nadia.

Dessa forma, o percurso proposto neste capítulo procura demonstrar de que forma a identidade está ligada a composição da memória dos narradores e personagens, de modo que as concepções de identidades surgem, nesse capítulo, para evidenciar o percurso dos narradores e personagens dilacerados pela experiência do tempo e em processo de compreensão de suas próprias identidades. Alguns eventos traumáticos, como Holocausto e as consequências dos Regimes Totalitários geraram profundos impactos na identidade dos indivíduos.

2.1 Concepções sobre a identidade na modernidade

Vários têm sido os estudos sobre identidade. A começar pela filosofia, passando pela história, religião, psicologia e pelas ciências sociais. Esse tema percorreu um extenso caminho ao longo dos séculos, mas pretendo me dedicar a uma discussão mais contemporânea.

Os impactos das relações sociais e culturais, que se articularam a partir da segunda metade do século XX, foram acompanhadas por uma transformação da vida social cotidiana, com profundas consequências para as atividades pessoais. Nesse sentido, as antigas âncoras da identidade (a igreja, a família, o ambiente de trabalho, entre outras) estão enfrentando transformações, assim esse contexto marcado pelo surgimento de novas concepções identitárias possibilita a abertura para problematização das identidades. Tais problematizações das identidades também são encontradas e confrontadas no panorama literário, em especial, na performance de cada personagem existente nas diversas narrativas, que especialmente, encontra em sua realidade uma força simbólica de representação da identidade, além da conservação da memória em suas duas noções: coletivo e individual.

O universo narrativo de Nicole Krauss é um mar no qual se navega pelo leme de múltiplas histórias, de modo que não há mais uma única fronteira a ser transportada, é necessário estabelecer pontes entre o presente e passado para que o sujeito tente reconhecer a si mesmo. A narrativa de Krauss incorpora os aspectos mais pessoais de nossa vida, aquilo que a incomoda, seus traços instauram o esboço do veloz processo da existência de cada personagem transfigurado em cada história, além dos seus particulares modos de se [re]conhecer nas diversas paisagens da vida. Estar parado significa exclusivamente pertencer ao passado e, portanto, a tentativa de se compreender as transformações da vida, as reflexões

sobre a condição do “outro” e a arte da escrita, faz desse sujeito um ser autêntico ao lidar com o processo identitário, por meio da memória.

A memória de nossas memórias é o romance que no quadro narrativo de Krauss evoca a suspensão de diferentes personalidades, mas que ao mesmo tempo possuem raízes interligadas, sobretudo pelo exercício vivo da representação da escrivaniha na vida de cada narrador, móvel que se desloca em diferentes espaços e tempos.

Em *Todos em pé*, a primeira história que descortina o romance *A memória de nossas memórias*, a narradora personagem Nadia, trata de rememorar muitos eventos reservados ao passado que são conectados diretamente a Daniel Varsky, responsável por colocar em movimento todo percurso de sua narrativa. A rápida aparição do poeta Varsky problematiza sua constituição identitária enquanto sujeito expatriado, que guarda consigo um passado incógnito, daí ele estar envolto em um mistério que seduz a narradora:

Mas às vezes, no mergulho ou vazio entre uma frase a esmo e outra, *uma nuvem escura surgia em seu rosto*, hesitava por um momento como se quisesse ficar, e depois passava, dissolvendo-se nos limites da sala, e nesses momentos eu quase sentia que devia me retirar, uma vez que *embora tivéssemos falado muito sobre poesia, não falamos quase nada sobre nós mesmos*. (KRAUSS, 2012, p. 18, grifos nossos).

Envolto em uma aura de mistério, que muito se relaciona ao passado do poeta enquanto militante político em um Chile dominado pela figura ditatorial de Pinochet, Varsky é de poucas palavras. Embora ele se calasse, muito do não dito era revelador, causava uma impressão angustiante, como se algo estivesse escondido dentro de si, e que, por algum motivo, jamais poderia ser revelado. Enquanto sujeito expatriado de um país mergulhado na ditadura, Varsky se refugia em outros países, transparecendo ser ele um personagem que foi obrigado a se exilar e ter contato com outras culturas, outras identidades nacionais.

Considerando o tema identidade, Michael Pollak (1992, p. 204), afirma ser ela “a imagem que uma pessoa adquire ao longa da vida referente a ela própria”, sendo “a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros”.

Kathryn Woodward (2014) em um capítulo do livro *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*, assevera que a ideia de identidade é amplamente dependente de outra identidade para sua existência. Ela se configura na relação com o outro, o que indica haver uma ideia de comparação e de realce de diferenças culturais existentes entre nacionalidades. Sendo assim, a identidade é relacional, em outras palavras, depende de fatores exteriores a ela para existir, de uma identidade, por consequência, é sinalizada pela diferença

que pode ser mais considerável que outras, de acordo com grupos particulares ou casos. Desse modo, o romance de Krauss, em especial a parte *Todos em pé*, é formado a partir de unidades simbólicas e sociais que se conectam por meio dos discursos dos narradores, colaborando no processo da construção e manutenção das identidades dos personagens.

Utilizando de um discurso demasiado detalhista, Krauss insere em sua narrativa diferentes contextos que envolvem a figura de personagens atravessados pelos Regimes Ditatoriais. Daniel Varsky é uma dessas figuras que possibilita o exercício de compreensão do real conceito de identidade apresentada por Woodward (2014), pois sua situação deflagra na condição de um sujeito excluído ou inferiorizado na cultura normativa imposta pela sociedade. O fato de ele estar em constante deslocamento devido seu posicionamento contrário as forças ideológicas concernentes a Ditadura Chilena, pode ser bem compreendida pela discussão sobre identidade e diferença apresentada por Kathryn Woodward (2014).

A inconsistência de informações sobre a vida pregressa de Daniel Varsky, e seu real paradeiro, deixa a narradora personagem muito desconfortável e ao mesmo tempo motivada a compreender os reais motivos que levaram esse jovem poeta a assumir uma posição identitária obscura durante sua vida:

Daniel tinha vinte e três anos, um a menos que eu, e, embora ainda não tivesse publicado um livro de poemas, parecia ter empregado melhor seu tempo, ou mais imaginativamente, ou talvez o que se pudesse dizer é que ele sentia uma pressão para ir aos lugares, conhecer pessoas e experimentar coisas que me faziam ficar com inveja sempre que eu encontrava em alguém. Ele tinha passado os últimos quatro anos viajando, morando em diferentes cidades, no chão de apartamentos de gente que conhecia no caminho, e às vezes em apartamentos próprios quando conseguia convencer a mãe ou talvez a avó a lhe enviar dinheiro, mas agora, afinal, ia voltar para casa para assumir seu lugar ao lado de amigos com quem havia crescido e que lutavam pela liberação, pela revolução ou ao menos pelo socialismo no Chile. (KRAUSS, 2012, p.16).

Dessa forma, é possível compreender, de um lado, as notáveis observações que Nadia fez sobre o embaraçoso ritmo de vida assumido por Varsky. Os diversos deslocamentos realizados por ele, ao longo dos seus vinte e três anos despertou muito interesse em Nadia, pois compreender a dinâmica dos passos dessa figura tão misteriosa e atraente proporcionou inspiração a ela para o exercício da escrita, já que ela era escritora. De alguma forma, a rápida passagem do poeta chileno, muito devido àquilo que era diferente nele, a inspirou em suas futuras produções no campo profissional.

Como peças de um mosaico, cujas imagens são refletidas através dos resquícios das lembranças deixadas pelo encontro entre Daniel Varsky e Nadia, antes da definitiva partida para o Chile, em cada fragmento do discurso da narradora, evidencia-se a tentativa de recompor a

imagem desse sujeito de caráter misterioso (o outro que ela tentou entender) que também carregava consigo um símbolo pertencente a outras épocas e a outros sujeitos identitários que a possuíram: a escrivaninha. Conforme Nádia:

Foi então que ele me disse que a escrivaninha tinha sido usada brevemente por Lorca. Eu não sabia se estava brincando ou não, parecia altamente improvável que esse viajante do Chile, mais novo que eu, pudesse possuir um item tão valioso, mas resolvi que ele estava falando sério para não correr o risco de ofender alguém que só havia me demonstrado gentileza. Quando perguntei como tinha arrumado a escrivaninha, ele deu de ombros e disse que tinha comprado, mas não se estendeu a respeito. Achei que ele ia dizer “e agora estou dando a escrivaninha para você”, mas ele não disse, simplesmente deu um pequeno chute numa das pernas dela, não um chute violento, mas de leve, cheio de respeito e continuou andando. (KRAUSS, 2012, p. 20).

Nesse fragmento, no apartamento onde estava concentrada toda mobília de Daniel, acontece uma revelação surpreendente por parte dele, quando questionado sobre a origem da escrivaninha. Ele afirma que o objeto teria pertencido ao poeta espanhol Federico Garcia Lorca, confissão que deixa Nadia ainda mais impressionada e ao mesmo tempo, corresponsável por ter em posse um objeto importante na trajetória de uma figura literária tão importante, que também foi uma das vítimas da Guerra Civil Espanhola, na década de 30. Como se vê no excerto acima, a significância do objeto para Daniel Varsky é algo impressionante, pois a representação simbólica da escrivaninha em sua vida retrata o quanto o objeto reflete o grito pela sobrevivência e liberdade diante das perseguições outrora sofridas por Lorca no passado, em face das perseguições enfrentadas por Daniel no presente motivadas pelo Governo de Pinochet.

Na leitura de Kathryn Woodward (2014) há um momento em que a pesquisadora afirma que uma das formas de reivindicações e construção da identidade é por intermédio do apelo histórico, ou seja, a teórica dá importância para a investigação do passado, embora, cumprindo tal ação, possam-se construir novas identidades. Desse modo, com a constatação de que a escrivaninha é um objeto que carrega uma carga histórica e afetiva para seus antepassados proprietários, pode-se dizer que para Daniel Varsky o desfazer desse objeto lhe custaria muito, pois existe uma carga simbólica que estabelece conexão com sua verdadeira identidade, dado que é um mobiliário de grande valor, principalmente pensando sobre suas referências identitárias do passado e seus respectivos proprietários:

Passaram-se dois anos. No começo, eu costumava receber cartões-postais. Primeiro eram calorosos, até joviais: está tudo bem. Penso me filiar à Sociedade Espeleológica Chilena, mas não se preocupe, não vai interferir na minha poesia, no máximo as duas coisas vão se complementar. Talvez eu tenha a chance de assistir a uma palestra de matemática de Parra. A situação política está indo para o inferno, se não me filiar à Sociedade Espeleológica, vou me filiar à MIR. Cuide bem da escrivaninha de Lorca, um dia volto para buscá-la. *Besos*, D.V. (KRAUSS, 2012, p. 22-23).

O que se percebe, portanto, a rigor da forma como é expressa a mensagem enviada por Daniel Varsky a Nadia, através de um cartão-postal, caracteriza seus planos para o engajamento na militância esquerdista, além de salientar sobre o cenário caótico da política de Augusto Pinochet. Por fim, ao despedir-se da destinatária, Varsky reforça seu grande apreço pela escrivaninha de Lorca, onde mais uma vez, demonstra seu interesse em retornar a Nova Iorque só para buscar seu mobiliário, em especial a escrivaninha. Nesse movimento de escamotear o passado pela narradora personagem, tomamos conhecimento de que esse cartão-postal foi praticamente o último veículo de comunicação entre ela e o poeta, visto que na sequência ela explicita os possíveis motivos que levaram-nos a incomunicabilidade:

Depois do golpe, ficaram sombrios, e depois crípticos, e depois, uns seis meses antes de eu saber que ele havia desaparecido, pararam de vir completamente. Eu guardava todos numa gaveta de sua escrivaninha. Não respondia porque não havia endereço para onde escrever de volta. (KRAUSS, 2012, p.23).

Durante todos os anos em que a mobília esteve sob a responsabilidade de Nadia, houve vários momentos em que ela pensou em descartar todos aqueles objetos e seguir o percurso da sua vida sem ter de lidar com as lembranças do passado ao associar os objetos ao poeta. Porém, sempre voltava atrás e se submetia mais uma vez na companhia daqueles que eram o símbolo da memória tangível de alguém que no passado lhe fez se sentir importante e feliz:

Sempre me considerei apenas a guardiã temporária e supus que viria o dia em que, apesar dos sentimentos conflitantes, eu me veria aliviada da responsabilidade de conviver e zelar pela mobília de meu amigo, o poeta morto Daniel Varsky, e que a partir de então eu estaria livre para mudar para onde quisesse, talvez até para outro país. Não exatamente a mobília que me prende a Nova York, mas se me pressionarem tenho de admitir que essa foi a desculpa que usei todos esses anos para não ir embora, mesmo muito depois de ter ficado claro que a cidade não tinha mais nada para mim. E no entanto, quando chegou esse dia, a minha vida, que estava finalmente solitária e serena, entrou em torvelinho. (KRAUSS, 2012, p. 25).

O sentimento de afetividade pela escrivaninha é muito presente na composição do itinerário das personagens e dos narradores no romance de Nicole Krauss. A identidade desse objeto corresponde a diversas épocas, quiçá séculos, de modo que sua grandeza não parte apenas da premissa dimensional física, mas sim, da sua representação simbólica, seja por ter pertencido ao poeta Lorca, seja por ter sido possivelmente uma testemunha de tempos sombrios e bárbaros. A “presença” desse objeto na vida da narradora personagem ao longo dos anos tornou-se viva e operante em seu processo como escritora. Mesmo diante de relacionamentos fracassados e abandonos, Nadia sempre contou com a “presença” desse objeto que simbolicamente era atribuído a memória do poeta chileno.

Segundo as observações de Kathryn Woodward (2014, p. 10), ao argumentar sobre a construção da identidade, “a construção da identidade é *tanto* simbólica *quanto* social” (grifos da autora). Ela também reforça que o simbólico e o social são exatamente dois processos diferentes, mas que se completam de modo necessário para a construção e manutenção das identidades. Considerando *Todos em pé*, mesmo Daniel Varsky vivendo em diferentes lugares, experimentando rotinas, línguas e culturas diferentes, não foram situações suficientes para destituí-lo da condição de sujeito perseguido pelo Regime Militar Chileno. Sua identidade simbólica, assim como das milhares de pessoas que pensavam divergente da imposição militar, foram suprimidas e silenciadas.

Ainda considerando identidade, relacionando-a à sua força cultural, é preciso enfatizar que na constituição da modernidade, presenciamos a uniformização das culturas postas pela indústria cultural num fluxo ágil de informações que, em um processo natural, provoca alterações nas identidades. Assim, ao passo que novas formas de pensar e entender a existência são condições indispensáveis para a interação do sujeito no mundo social, se faz necessária a compreensão das transformações da realidade, pois segundo Anthony Giddens (2002, p. 9), “a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência”, visto que é essa dinâmica de modificação rápida e inevitável do meio social cotidiano, que fomenta a ideia de que ao transformar os aspectos individuais, inevitavelmente as identidades antes estáveis sofrem um processo de faturamento. Nesse sentido, as tendências das culturas, ao estabelecerem uma aproximação são grandes, pois a disparidade entre espaço e tempo tem início a partir da versatilidade das relações sociais. Essa relação se configura em um processo irreversível de fluência das culturas, que proporciona o estreitamento dos laços do homem com a sociedade.

Giddens (2002) ainda afirma que:

O “mundo” em que agora vivemos, assim, é em certos aspectos profundos muito diferentes daqueles habitados pelos homens em períodos anteriores da história. É de muitas maneiras um mundo único, com um quadro de experiência unitário (por exemplo, em relação aos eixos básicos de tempo e espaço), mas ao mesmo tempo um mundo que cria novas formas de fragmentação e dispersão. (GIDDENS, 2002, p. 12).

Surgiram novos indícios de autoidentidade apoiadas nas influências sociais ligadas diretamente a fenômenos globais. A condição de vida das identidades modernas é marcada por um acentuado processo de reorganização do espaço e do tempo, fruto de um expansionismo das relações sociais que rearranjam a ideia de distância. Ao reestruturar os laços entre o tempo e espaço, a sociedade passou a desfrutar das transformações globais institucionalizadas pelas

ações prefixadas da modernidade, de modo que as transformações afetaram tanto o caráter da natureza coletiva, quanto a natureza da vida social cotidiana.

Destarte, Anthony Giddens (2002) também alerta para a cultura do risco que a modernidade pode oferecer, não especificadamente que a vida social moderna seja mais arriscada, mas que a reorganização do mundo social e as situações podem configurar-se de maneira complexa:

Nas condições da modernidade, o futuro é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento. A modernidade reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, mas ao mesmo tempo introduz novos parâmetros de risco, pouco conhecidos ou inteiramente desconhecidos em épocas anteriores. Esses parâmetros incluem riscos de alta consequência, derivados do caráter globalizado dos sistemas sociais da modernidade. O mundo moderno tardio — o mundo do que chamamos de alta modernidade — é apocalíptico não porque se dirija inevitavelmente à calamidade, mas porque introduz riscos que gerações anteriores não tiveram que enfrentar. Por mais que tenha havido progresso na negociação internacional e no controle das armas, uma vez que continuarem a existir armas nucleares, ou mesmo o conhecimento necessário para construí-las, e uma vez que a ciência e a tecnologia continuarem a se envolver com a criação de novos armamentos, o risco da guerra maciçamente destrutiva permanecerá. (GIDDENS, 2002, p. 11-12).

Nessa passagem, nota-se que, na modernidade, os fatores de riscos em algumas áreas ou modo de vida ligado ao cotidiano se intensificaram, a dominação humana nas diferentes esferas da sociedade ocasionou a convergência de riscos desde fatores econômicos globais a surgimento de experiências extremistas apoiadas em Estados Totalitários. O domínio de eventos distantes sobre acontecimentos do cotidiano próximo em face da particularidade do “eu”, se configura em uma situação recorrente, influenciando tanto a intimidade da autoidentidade quanto a estruturação das relações sociais. Na perspectiva do Holocausto, do fascismo, do stalinismo e demais acontecimentos históricos que fizeram parte do século XX, podemos observar que o Governo Totalitário, ao conciliar o poder militar, ideológico e político, sobrepujou qualquer possibilidade de passividade na ordem da modernidade. Os conflitos advindos dos Regimes Totalitários foram responsáveis pelo massacre que gerou o fim de milhares de vidas, envolvendo perdas substanciais da identidade, um verdadeiro ataque contra à vida, a exemplo os judeus.

Ainda considerando a modernidade, do ponto de vista de Anthony Giddens (1991), em *As consequências da modernidade*, percebo que ele chama a atenção para as transformações sociais associadas à modernidade, dedicando-se especialmente aos temas da “segurança, perigo, confiança e risco” e analisando os complexos mecanismos que separam o moderno do pré-moderno, definindo os conceitos de “desencaixe, tempo e espaço” para compreender a própria modernidade. Neste trabalho, ele destacou não só a ameaça do confronto nuclear, como também

o panorama do conflito militar que foi o maior responsável pela disseminação da violência durante o século XX, evidenciando o caráter sombrio da modernidade. Ao destacar os modos de vida produzidos pela modernidade, Giddens reflete sobre a ideia de uma nova ordem social:

O mundo em que vivemos é um mundo carregado e perigoso. Isto tem servido para fazer mais do que simplesmente enfraquecer ou nos forçar a provar a suposição de que a emergência da modernidade levaria à formação de uma ordem social mais feliz e segura. A perda de crença do “progresso”, é claro, é um dos fatores que fundamentam a dissolução de “narrativas” da história. (GIDDENS, 1991, p. 20).

É essencial nos determos um pouco nesta passagem em que Giddens discute sobre os riscos alavancados pela modernidade. O desenvolvimento das instituições sociais modernas e seu alargamento em proporção mundial geraram oportunidades significativas para os seres humanos desfrutarem de uma experiência apoiada na segurança e satisfação, porém, o mundo moderno trouxe consequências perigosas para o homem. Os conflitos políticos, sociais, culturais e identitários marcaram o início de uma época centrada em guerras e na marginalização da democracia e do progresso.

Do ponto de vista das culturas pré-modernas, a relação do homem com o tempo e o espaço era constituída pelo ciclo e os fenômenos da natureza, ponderando sua rotina a partir do seu “próprio tempo biológico”, ou seja, suas ações eram exclusivamente monitoradas pelos fatores de ordem natural, agregando a ideia de harmonia entre o tempo e o espaço. Com o surgimento da modernidade, o cálculo do tempo a partir do relógio e do calendário viabilizou a ideia de “desencaixe” elaborada por Giddens (1991), pois o tempo regula as práticas do dia a dia, conferindo transformações nas relações sociais e identitárias praticadas pela sociedade. Esse desencaixe entre o tempo e o espaço é uma das marcas fundamentais da modernidade estabelecida pelo sociólogo:

Em primeiro lugar, ela é a condição principal do processo de desencaixe que passo a analisar de maneira breve. A separação entre tempo e espaço e sua formação em dimensões padronizadas, “vazias”, penetram as conexões entre a atividade social e seus “encaixes” nas particularidades dos contextos de presença. As instituições desencaixadas dilatam amplamente o escopo do distanciamento tempo-espaço e, para ter este efeito, dependem da coordenação através do tempo e do espaço. Este fenômeno serve para abrir múltiplas possibilidades de mudanças liberando das restrições dos hábitos e práticas locais. (GIDDENS, 1991, p. 30).

Como vemos, a dinamicidade entre tempo e espaço é um fator crucial para a dinamicidade da modernidade, pois, através das mudanças, a sociedade experimentou uma espécie de “deslocamento” das relações sociais de ordem particular ao universal, de interação e reestruturação por intermédio do tempo-espaço. Essa ideia corrobora-se com a noção de

“organização racionalizada” defendida por Giddens (1991), definido o contraste do caráter moderno sustentado pela ordem pré-moderna: “[a]s organizações modernas são capazes de conectar o local ao global de forma que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais, e, assim fazendo, afetam rotineiramente a vida de milhões de pessoas” (GIDDENS, 1991, p. 30). Em virtude desse novo conceito de organização moderna, que parte da premissa de separação entre tempo e espaço, possibilitou-se a cadência das transformações da autoidentidade e da globalização, ou seja, as mudanças de ordem local e global influenciaram aspectos íntimos da identidade pessoal do ser humano, visto que estes aspectos estão conectados ininterruptamente na teia social de grande amplitude. Assim, devido ao processo de dilatação do tempo-espaço inserido por meio da alta modernidade, é possível notar a interdependência do “eu” e “sociedade” através do meio global, de modo que:

Vários fatores, nas circunstâncias da alta modernidade, influenciam diretamente a relação entre auto-identidade e instituições modernas. A modernidade introduz um dinamismo elementar nas coisas humanas, associado a mudanças nos mecanismos da confiança e nos ambientes de riscos. Não penso que seja verdade que, como sugerem alguns, a era moderna seja uma era marcada por alta ansiedade em contraste com épocas anteriores. Ansiedade e inseguranças afetaram outras épocas além da nossa, e é provavelmente pouco justificável supor que a vida em culturas menores e mais tradicionais tenha um teor mais equilibrado que o de hoje. (GIDDENS, 2002, p. 36-37).

Segundo as noções relacionais entre “modernidade e identidade” apresentadas por Giddens (1991), a reflexividade da modernidade se alonga ao princípio do eu, pois, na conjuntura moderna, o eu metamorfoseado, necessariamente, tem de ser explorado e incorporado como fração de um desenvolvimento reflexivo sujeito a mudança de ordem pessoal e social. O que reforça a ideia de que a formação e continuidade do eu será um fator decisivo para o processo de estruturação da autoidentidade. É em decorrência dessas transformações que “a modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais” (GIDDENS, 2002, p.38). Dessa forma, o indivíduo é privado de “segurança” em um mundo carente de apoio psicológico, diferentemente da sensação de segurança apresentada em ambientes mais tradicionais, visto que

a auto-identidade se torna problemática na modernidade de uma maneira que contrasta com as relações eu-sociedade em contextos mais tradicionais, mas essa não é apenas uma situação de perda, e tampouco implica que os níveis de ansiedade aumentem necessariamente. (GIDDENS, 2002, p. 38).

Seguindo essa premissa, Giddens (2002) acredita que, através da expressão da reflexividade do eu, ao lidar com as novas ansiedades advindas da modernidade, o indivíduo inaugura a possibilidade de equilibrar a oportunidade e a catástrofe potencial em proporções iguais.

Essa perspectiva da vida moderna e suas implicações está atrelada ao caráter existencial da autoidentidade, de modo que:

Auto-identidade está mesclada com a natureza frágil da biografia que o indivíduo “fornece” de si mesmo. A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem — por mais importante que seja — nas relações dos outros, mas na capacidade *de manter em andamento uma narrativa particular*. A biografia do indivíduo, para que ele mantenha uma interação regular com os outros no cotidiano, não pode ser inteiramente fictícia. Deve integrar continuamente eventos que ocorrem no mundo exterior, e classificá-los na “estória” em andamento sobre o eu. (GIDDENS, 2002, p. 55-56, grifo do autor).

Por isso, a percepção de autoidentidade pelo indivíduo no panorama da sociedade moderna é concomitantemente frágil e sólida, pois a biografia internalizada em sua mente é entendida como uma mera “estória” assim como várias outras estórias que são representadas a partir do desenvolvimento do eu, logo, sólida porque um mecanismo de autoidentidade nessa perspectiva, em diversas vezes pode ser conservado com prudência e segurança de maneira absoluta em situações de elevada tensões e transições nos crivos dos variados meios sociais em que os indivíduos transitam.

Kathryn Woodward (2014), no ensaio *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*, ao discutir a estreita relação entre esses dois conceitos e viabilizar as relações entre subjetividade e identidade, assevera que “a luta para afirmar as diferentes identidades tem causas e consequências materiais: isso é visível no conflito entre grupos em guerra e na turbulência e na desgraça social e econômica que a guerra traz” (WOODWARD, 2014, p. 10). Talvez esteja aqui uma das discussões para iniciar uma reflexão sobre a composição das diferentes identidades marcadas por fatores históricos e conflituosos do passado, seja no espaço político-social, ou ficcional.

Nesse sentido, é possível afirmar que a identidade se configura em face do passado que insiste em povoar o caráter do sujeito, mesmo em um panorama contemporâneo, permitindo que “a emergência dessas diferentes identidades seja histórica; ela está localizada em um ponto específico no tempo” (WOODWARD, 2014, p. 11). Assim, os antecedentes históricos são mecanismos explorados para reafirmação das identidades, supostamente perdidas, mas que o ato de analisar as identidades detidas a um passado histórico sugere uma nova produção de identidades, porque:

A reprodução desse passado, nesse ponto, sugere, entretanto, um momento de crise e não, como se poderia pensar, que haja algo estabelecido e fixo na construção da identidade sérvia. Aquilo que parece ser simplesmente um argumento sobre o passado e a reafirmação de uma verdade histórica pode nos dizer mais sobre a *nova* posição-de-sujeito do guerreiro do século XX que está tentando defender e afirmar o sentimento de separação e de distinção de sua identidade nacional no *presente* do que sobre aquele suposto passado. Assim, essa redescoberta do passado é parte do processo de *construção da identidade* que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise. (WOODWARD, 2014, p. 11-12, grifos da autora).

O argumento de Woodward (2014), nesse sentido, quanto à existência da crise de identidade, deve-se essencialmente a fatores entendidos como a globalização⁹, que desencadeia o processo de migração e imigração dos trabalhadores, característico da desigualdade em aspectos de desenvolvimento. Nessa perspectiva, a noção de diáspora fortalece o entendimento destas identidades sem pátria, novas dinâmicas de movimentos sociais, políticos e as mudanças sociais. Por isso, tanto as identidades quanto as diferenças são arquitetadas e não dadas e acabadas. Entretanto, apesar desse fator alinhar-se na constituição das identidades, elas aparam os sujeitos na compreensão do eu e no que concerne à subjetividade, que envolve o caráter humano.

Os acontecimentos políticos, sociais e culturais, que impactaram o século XX, caracterizaram um período de grande instabilidade das identidades hegemônicas e das crenças tradicionais, de modo que, “o passado e o presente exercem um importante papel nesses eventos. A contestação no presente busca justificação para a criação de novas – e futuras – identidades nacionais evocando origens, mitologias e fronteiras do passado” (WOODWARD, 2014, p. 24), sendo assim, nem mesmo a abertura da fronteira do passado para dialogar com o presente conseguiu garantir a permanência das concepções tradicionais de identidade. As transformações na sociedade reforçam a fluidez da identidade:

As mudanças e transformações globais nas estruturas políticas e econômicas no mundo contemporâneo colocam em relevo as questões de identidade e as lutas pela afirmação e manutenção das identidades nacionais e étnicas. Mesmo que no passado as identidades atuais reconstroem seja, sempre, apenas imaginado, ele proporciona alguma certeza em um clima que é de mudança, fluidez e crescente incerteza. As

⁹ Milton Santos (2001) constata três concepções de mundo, em concordância ao assentimento da globalização: 1) “o mundo tal como nos fazem vê-lo: a globalização como fábula”; 2) “o mundo tal como ele é: a globalização como perversidade”; 3) “o mundo como ele pode ser: uma outra globalização”. Indica, a exemplos de fantasias, o conceito de “aldeia global”, o cujo mercado global, capaz de homogeneizar o planeta, e a morte do Estado. E antevê a possibilidade de uma “outra globalização”, a partir de condições empíricas e teóricas, tais como a enorme mescla de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes e de filosofias, em detrimento do racionalismo europeu, promovidas pelos progressos da informação e pela diversificação e aglomeração exponencial e concentrada da população.

identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. As identidades que são construídas pela cultura são contestadas sob formas particulares no mundo contemporâneo – num mundo que se pode chamar de pós-colonial. Este é um período histórico caracterizado, entretanto, pelo colapso das velhas certezas e pela produção de novas formas de posicionamento. (WOORDWARD, 2014, p. 25).

De acordo com os apontamentos de Renato Mezan (1987), em *Psicanálise e judaísmo: ressonâncias*, o termo identidade tem o sentido de convergente, e a aprovação de semelhanças depreende a existência de diferenças, de forma que a identidade é como um elemento que vai sendo constituído paulatinamente: “A identidade situa-se no ponto de cruzamento entre algo que vem de nós (o equipamento psíquico com o qual nascemos) e algo que nos vem de fora, isto é, da realidade externa” (MEZAN, 1987, p. 44). A interação social é dada no momento em que a constituição do eu – identidade pessoal se relaciona com o “outro”.

Pensando em *Todos em pé*, a identidade de Varsky revelada para a narradora Nadia está principalmente relacionada ao seu passado enquanto militante político de esquerda. Embora não se saiba o paradeiro do poeta, compreende-se que ele foi provavelmente vitimado por sua volta ao Chile, quando decide enfrentar aquilo que o motivou a saída.

2.2 Identidade Judaica e o Holocausto em *As memórias de nossas memórias*

O tema da identidade judaica tem ganhado destaque nas discussões de diversos autores das mais distintas áreas de conhecimento.

Um aspecto que se destaca é a experiência da primeira metade do século XX. O ano de 1945 é marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial, as consequências assombrosas promovidas pelo nazismo geraram morte de mais de seis milhões de judeus, além de outros milhões de não-judeus, como homossexuais, testemunhas de Jeová, doentes mentais, comunistas, ciganos e outras tantas minorias. De acordo com os critérios imposto pelo Estado Nazista, essas pessoas eram consideradas “indivíduos indesejáveis”, “escória da Terra” e “sujeitos supérfluos”. Quer dizer, existia uma profunda intolerância em relação às diferenças humanas, que foi fomentada por Adolf Hitler, que combatia a pluralidade de pensamento (étnico, religioso e social) e das raças. Houve a implementação de uma nova forma de governo e de dominação, caracterizando-se o regime de Hitler como um sistema político totalitário. Os nazistas possuíam o poder de dominação sobre a grande massa da população, de forma que a ideologia do partido ganhou proporções incalculáveis, resultando no extremo totalitarismo:

Muitos ainda julgam que a ideologia nazista girou em torno do antissemitismo por acaso, e que esse acaso nasceu a política que inflexivelmente visou perseguir e,

finalmente, exterminar os judeus. O horror do mundo diante dos resultados derradeiros, e mais ainda, diante do seu efeito, constituído pelos sobreviventes sem lar e sem raízes, deu à “questão judaica” a proeminência que ela passou a ocupar na vida política diária. (ARENDR, 2012, p. 25).

Primeiramente, para melhor compreensão dos fatos, o instante inicial da missão contra os judeus partiu do que denominavam de solução da questão judaica, que através de instaurações de leis imediatas, aparentemente inofensivas, mas, que, em um breve espaço de tempo, tornaram-se insustentáveis por todos os judeus e descendentes; a primeira lei partiu da premissa de que “impreterivelmente, desta forma, todo judeu precisava registrar-se sem ocultar sua verdadeira identidade” (ARENDR, 2000, p. 142), a segunda lei, todo judeu era obrigado a carimbar em seus documentos pessoais a letra “J”, designação da palavra *Jude* (judeu, em alemão), e por fim, a terceira lei impunha a necessidade de que todo judeu carecia usar o símbolo da estrela de David, feita em tecido amarelo posicionada na altura do coração, além de os judeus serem proibidos de sair à rua após as 19 horas, de modo que a presença dos judeus nas repartições públicas e privadas era de alta nocividade, pois foram verdadeiramente identificados como “abjetos” de uma sociedade intolerante e manobrada pelo Regime Totalitário Nazista.

Historicamente, os judeus foram apontados como culpados e queimados em uma ilha do Reno pelos habitantes da região da Basileia (Suíça), perante a acusação de terem envenenado poços da água, além de serem acusados pela epidemia de peste negra e por catástrofes naturais, como terremotos. Além disso, até o século XIX, persistiu-se a convicção de que os judeus assassinaram Cristo. Crenças como essas só reforçavam o ódio e a intolerância contra os judeus, representantes de uma raça inferior. Assim, o extermínio dos judeus é avaliado como uma progressão lógica nas ligações entre cristãos e judeus ao longo do tempo na história ocidental. Diante da supremacia imperada pelo cristianismo ao tornar-se a religião do ocidente, o judeu foi inserido em três etapas: conversão, expulsão e eliminação. Os nazistas recorreram a esta prática secular, dispondo-se de maiores requintes de crueldade, além de novos conhecimentos e aparatos científicos e tecnológicos para a solução final.

O objetivo dos nazistas era perseguir, torturar e destruir grupos minoritários, dentre os quais estavam os judeus. Eles foram privados, sequer, de usar seu nome. Primo Levi (1988), autor e ex-prisioneiro, ao descrever suas experiências no campo de concentração em Auschwitz, em seu livro *É isto um homem?* registrou, emocionado, o momento em que tomou conhecimento do seu número 174517:

Então pela primeira vez nos demos conta de que nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a destruição de um homem. Em um instante, com intuição que profética, nos foi revelada a realidade: tínhamos chegado ao fundo. Mais baixo que isso

não se pode chegar: uma condição humana mais miserável não existe e nem se pode imaginar. Não temos mais nada nosso: nos tiraram as roupas, sapatos, até os nossos cabelos; se falamos não nos escutam e, se nos escutassem, não nos entendiam. Nem se quer nos deixaram o nome. (LEVI, 1988, p. 15).

Conforme o depoimento de Primo Levi, é possível constatar o silenciamento da identidade judaica pelos nazistas. O sofrimento vivido nos campos de concentração era descomunal. Sobreviver em um ambiente institucionalizado pelo terror, sem dignidade, sem nome, sem língua, sem pátria, foi uma realidade marcada por diversas formas de violências e traumas, de modo que narrar a sobrevivência no campo de concentração é um exercício árduo, pois tal experiência transporta o indivíduo para o limiar de sua humanidade, o que chega a ser desgastante, pois a linguagem se torna insuficiente para expressar a multiplicidade de acontecimentos traumáticos. O testemunho de Levi exemplifica o rompimento do silêncio degenerativo das diversas situações vividas no campo de concentração de Auschwitz. Seu relato documenta as sensações e emoções de ser perseguido, bem como a angústia e o medo durante o tempo em que esteve confinado. Sua narrativa é atravessada pela descrição, colocando em evidência sua necessidade de manifestar sua fala, a confirmar pelo prefácio:

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente. (LEVI, 1988, p. 7-8).

Além de Primo Levi, outros sobreviventes do Holocausto expressaram através de relatos e testemunhos suas impressões sobre a vida dentro e fora nos campos de concentração. Para essas vítimas, o Holocausto representou a maior barbárie do século XX, e que sem dúvidas deve ser lembrado pela humanidade para que não se repita tamanha atrocidade. Giorgio Agamben (2008), em seu livro *O que resta da Auschwitz: o arquivo e a testemunha*, discute sobre o contexto da Shoah, incluindo a situação dos mortos, argumentando que:

O testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destituiu a autoridade dos sobreviventes. As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo” os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre o testemunho que falta. Contudo, falar de uma delegação, no caso, não tem sentido algum: os submersos nada têm a dizer, nem têm instruções ou memória a transmitir. Não tem “história”, nem “rostro” e, menos ainda “pensamento”. Quem assume para si o ônus de testemunhar por eles, sabe que deve testemunhar pela

impossibilidade de testemunhar. Isso, porém, altera de modo definitivo o valor do testemunho, obrigando a buscar o sentido em uma zona imprevista. (AGAMBEN, 2008, p. 43).

Assim, com o passar dos anos, poucos judeus restaram para recordarem sobre suas vivências, de forma que para evitar o esquecimento de suas identidades no panorama do Holocausto, foram criados centros (museus), nos quais estão preservados testemunhos dessas pessoas, principalmente documentos pessoais.

Na sequência do cenário desumano, o filósofo alemão Hans Jonas (2016), que conviveu com as duas grandes guerras, o nazismo e as transformações na sociedade alemã no século XX, em seu ensaio *O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia*, expressa sua absoluta indignação sobre a representação dos efeitos desumanos gerados em Auschwitz:

Nem fidelidade ou infidelidade, crença ou descrença, nem culpa ou punição, nem julgamento, testemunho e esperança messiânica, não, nem mesmo força ou fraqueza, heroísmo ou covardia, provocação ou submissão tiveram ali um lugar. De tudo isso, Auschwitz, que também devorou as crianças e bebês, nada sabia; por nada disso (com raras exceções) o trabalho, como o de máquinas de uma fábrica, teve lugar. Não *pelo amor* de sua fé as vítimas morreram (como morreram, afinal, as “Testemunhas de Jeová”), nem *por causa* de sua fé ou por qualquer autodeclarado desvio de seu ser como pessoas foram elas assassinadas. A desumanização pela absoluta degradação e privação precedeu suas mortes, nenhum vislumbre de humanidade foi deixado àqueles destinados à solução final, dificilmente um traço de dignidade foi encontrado nos espectros esqueléticos sobreviventes dos campos libertados. (JONAS, 2016, p. 20, grifos do autor).

Com essa passagem, Jonas (2016) confirma a tamanha crueldade que o Holocausto representou as diversas camadas da sociedade. Seus reflexos ultrapassaram qualquer possibilidade lógica de humanidade reservada ao ser humano. Identidades silenciadas, escravizadas e massacradas pelo Estado Nazista, que aniquilou qualquer experiência de liberdade e pacificação.

A representação funesta do Holocausto evidencia os mecanismos mais cruéis dos Totalitarismos Modernos. Ao discutir sobre a temática judaica no cenário traumático da Segunda Guerra Mundial, faz-se necessário convocar a filósofa e teórica política contemporânea, também de origem judia, Hannah Arendt (2012, p. 29), que chama a atenção para um dos instrumentos usados em um Governo Totalitário: “o terror como conhecemos hoje, ataca sem provocação preliminar, e suas vítimas são inocentes até mesmo do ponto de vista do perseguidor. Esse foi o caso da Alemanha nazista, quando a campanha de terror foi dirigida contra os judeus”. Nesse sentido, a pressão exercida pelo Regime Totalitário sugere o fim da liberdade de expressão dos indivíduos, tornando-os “massa de manobra” nas malhas de um líder articulador.

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certos gostos pela política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classes que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum. (ARENDRT, 2012, p. 438-439).

Desse modo, podemos fazer alusão ao perfil dos grupos perseguidos na Alemanha nazista durante a primeira metade do século XX, sobretudo os judeus, que representaram a maior parcela massacrada pelo Regime Totalitário, visto que a liberdade e a identidade desse povo foram elementos preponderantes para condená-los, mesmo sem precedentes.

A represália cultural também foi uma forma adotada pelos nazistas como meio de domínio. Toda a arte e literatura entendida como não-alemã (impura) foi banida das bibliotecas, dos museus e escolas. A censura também foi instalada no Ministério de Cultura e Propaganda, intensificando a propagação de uma imagem positiva do Regime Nazista, bem como promovendo campanhas antissemitas em benefício da unicidade racial alemã. As proibições eram várias, inclusive as atuações de profissionais, artistas judeus e intelectuais. Esses profissionais foram julgados como “homens malditos”, pois sua raça e suas ideias eram interpretadas e disseminadas como inferiores. Muitos escritores e jornalistas tiveram de deixar a Alemanha, fosse por motivos políticos ou por serem judeus. Entre muitos, estavam Bertolt Brecht e Thomas Mann.

Nessa breve exposição, é possível considerarmos que o Holocausto foi um evento que gerou graves consequências para a sociedade moderna, tanto no contexto identitário, cultural quanto nas consequências traumáticas Pós-Holocausto e seus efeitos diretos e indiretos que foram responsáveis em ultrapassar gerações. A intolerância contra os judeus intensificou-se no contexto do Holocausto e Pós-Holocausto, colocando em conflito não só o caráter da identidade religiosa, mas também envolvendo a pluralidade da expressão identitária étnica de um povo, no grau mais alto de aniquilamento.

Uma parcela considerável dos judeus buscou forjar a identidade judia e tentar se passar por francês, alemão, italiano, dentre outras nacionalidades, no esforço de não ser capturado pelo Estado Nazista, o grande responsável por disseminar o terrorismo, a violência nos campos de concentração, além de mobilizar sentimentos xenofóbicos em toda Europa. Durante o massacre, qualquer situação que envolvesse a participação de figuras judias ou até mesmo a menção de símbolos do judaísmo, já era motivo para os líderes nazistas disseminarem o ódio e a violência através do poder a eles designados, realidade essa que foi fomentada pelas campanhas nazistas durante todo processo da Segunda Guerra Mundial, tornando-se em ato histórico o não

pertencimento dos judeus a nenhuma nação. Diante dessa realidade, os judeus não conseguiram se identificar como integrantes de uma nação (alemã) que os dilaceraram em todas as esferas possíveis.

Jean-François Lyotard (1994), em seu livro *Heidegger e os judeus*, assinala assertivamente, a relação da Europa diante dos judeus:

O que existe de mais real nos judeus reais, é que a Europa, ao menos, não sabe o que fazer com eles: cristã, ela exige que se convertam; monárquica, expulsa-os, republicana, integra-os; nazista extermina-os. Os “judeus” constituem o objeto do não lugar de onde os judeus, em particular os feridos realmente. (LYOTARD, 1994, p. 11).

Com a queda do Estado Nazista, os judeus se sentiram obstruídos em todos os níveis da existência, pois os sobreviventes dos campos de extermínio, além do horror que internalizaram durante todo o tempo em que estiveram nos campos, sobreviveram aos abusos, as doenças, a fome, a depressão e acima de tudo, ao desterro de sua real identidade. Ao serem transportados para mundo fora dos alambrados dos campos, o sentimento de desespero foi inevitável, pois não sabiam o que esperavam por eles lá fora, tornando-os sujeitos sem referências e silenciados pelo trauma.

A partir dessa premissa, Bernardo Sorj e Mônica Grin (1993), em seu livro *Judaísmo e modernidade: metamorfose da tradição messiânica*, discute sobre os prejuízos promovidos pelo Holocausto, consumindo uma parcela significativa da base social, sobretudo a prática argumentativa sustentada pelo judaísmo moderno, que imperava sob os moldes tradicionais a prática da fraternidade, liberdade e igualdade, assim, a difusão da antipatia e temor contra os judeus foi propagada. Por meio do Holocausto, o clima de insegurança e o esfacelamento da identidade do judeu é colocado em conflito. Sorj e Grin argumentam que:

[o] judeu pós holocausto vive como um ser dividido entre a identificação com o conjunto da sociedade e a consciência de poder ser cassado a qualquer momento em seus “privilégios”, entre a vontade de integração e participação social e a consciência de que sua sobrevivência depende, em última instância, se sua capacidade de autodefesa. (1993, p. 13).

Desse modo, o extermínio cometido contra os judeus na Europa impulsionou os sobreviventes do Holocausto e demais grupos de entidades judaicas que não sofreram as retaliações diretamente, impactadas pelo nazismo, a tomarem partido em busca do estabelecimento e fortalecimento de um Estado Judeu e, conseqüentemente, da implementação

em 1948 do sionismo¹⁰. Dessa maneira, com o fim da Segunda Guerra Mundial, as inúmeras informações sobre a realidade do Holocausto atingiram uma proporção significativa nas diversas esferas públicas, e principalmente da Organização das Nações Unidas em favor da criação do Estado de Israel, no sentido de promover o exercício do reconhecimento e respeito às “questões judaicas”.

Diante da necessidade que se estabelecia no panorama Pós-Guerra, o Estado de Israel dispôs de múltiplos sentidos na construção das diversas identidades judaicas contemporâneas, desempenhando um difícil exercício de reconstituição da cultura judaica marcada tragicamente pelas ações destrutivas do Holocausto. Após expor algumas reflexões sobre o fim do Holocausto, Sorj e Grin escrevem:

O sionismo e os colonos de Israel fizeram um esforço descomunal para criar uma nova cultura judaica em novas bases, seculares, que desconhecia praticamente os dois mil anos de exílio, apresentando-o como um período puramente negativo de perseguições e humilhações, enfatizando o período bíblico até o segundo templo e as dimensões do ciclo natural e agropastoril das festividades religiosas. A estes aspectos se agregou, após o Holocausto, a ênfase em Israel como último baluarte contra o antissemitismo e de garantia da segurança física dos judeus, aspecto que, paradoxalmente, foi reforçado pelo conflito com o mundo árabe. (SORJ; GRIN, 1993, p. 13).

Em suma, com o término do Holocausto e a implementação do Estado de Israel, diferentes reflexões atravessaram a constituição da identidade judaica, de forma que diferenças e semelhanças são elementos essenciais na desenvoltura da construção desta identidade.

Nessa perspectiva, os judeus passaram por grandes transformações identitárias ao longo da história. E foi a partir do Holocausto que os judeus tiveram sua identidade mais uma vez alterada, isso dado que a identidade, segundo Stuart Hall (2006) é, “uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em ralação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Diante do exposto, a propósito, após o Holocausto, as comunidades judaicas estreitaram suas relações bem menos diante dos não judeus. Não obstante, o que se intensificou foi a luta contra o silenciamento e a perseguição antissemita, em virtude do conceito sobre o antissemitismo começar a ser mais divulgado, reforçado e evidenciado na sociedade. Assim, frente as transformações progressistas, no que tange a visibilidade do judeu, sua identidade foi atravessada pelo direito de ter um lugar de fala, pela luta e a capacidade de denunciar:

¹⁰Sionismo ou conhecido também como “Nacionalismo Judaico” foi um movimento que estimulou a decisão de constituir um Estado independente aos judeus em todo território palestino, além de garantir direitos legais ao povo judeu. (ARENDDT, 2000, p. 262).

A identidade judaica, individual e coletiva, passou a ser parte integrante da sociedade nacional onde ela se encontra. [...] o judaísmo sempre se desenvolveu em contato, relação e apropriação das influências do meio ambiente gentil. O que é novo na sociedade contemporânea é a diluição das barreiras institucionais que até então filtravam e eliminavam o impacto do meio externo. (SORJ, 1997, p. 9).

É justamente estas diluições das barreiras, que no passado limitavam as trocas culturais de judeus e não-judeus, possibilitou a capacidade dos judeus a ter uma “nova” identidade diante das mudanças do cenário Pós-Guerra. Desse modo, as trocas culturais também viabilizaram a expansão do campo das produções literárias, de modo que a representação da identidade se tornou fundamental em narrativas de testemunho, pois falar do processo traumático enfrentado pelos judeus e não-judeus durante o processo do Holocausto, permitiu também uma abertura para se compreender as profundas consequências deixadas pela Grande Guerra, e para analisar as novas identidades que passaram a compor a sociedade contemporânea.

Das cinco narrativas que compõem *A memória de nossas memórias*, o fantasma do Holocausto é mais presente em *Buracos para nadar* e *Mentiras contadas por crianças* (consequentemente também em *Weisz*, que por meio do registro da memória as lembranças do narrador vão ao encontro de fatos ligados diretamente ao Regime Nazista). Quanto à primeira das narrativas, aquela que escolhemos para análise, a personagem afetada por uma experiência limite foi Lotte Berg, judia alemã que conseguiu fugir de Nuremberg antes do endurecimento das leis contra judeus.

Embora Berg seja uma escritora, ela não tem voz nas duas partes de sua história, já que Arthur, o marido, é quem conta os seus momentos finais e aquilo que ocorre depois de sua morte. O silêncio que se impera nesta relação, ao ponto de incomodar, evidentemente Arthur, pois nada do passado de Berg é revelado por sua própria voz, é a principal reação dessa vítima do nazismo, que fugira para a Inglaterra:

Sim, Lotte era um mistério para mim, mas eu me consolava naquelas pequenas ilhas que descobria nela, ilhas que podia encontrar sempre, e independente das condições, usar para me orientar. Ela havia sido forçada a deixar sua casa em Nuremberg aos dezessete anos. Durante um ano, vivera com os pais num campo de transição em Zbaszyn, na Polônia, em condições que só posso imaginar como atroz: ela nunca falava dessa época, assim como raramente falava de sua infância ou dos pais. No verão de 1939, com a ajuda de um jovem médico judeu que também estava no campo, ela recebeu um visto para acompanhar oitenta e seis crianças num *Kindertransport* para a Inglaterra. (KRAUSS, 2012, p. 95)¹¹

A ideia central de *Buracos para nadar* é evidenciado pelo seu paratexto: o título indica haver um abismo, mas que se pode nadar. O buraco é onde está Berg, que por anos se recusou a

¹¹ Esta citação é retomada mais adiante, no capítulo 2, mais alongada e para enfatizar aspectos relacionados à solidão.

revelar aquilo que existia no abismo. À medida que suas forças foram sendo consumidas pelo mal de Alzheimer, ela acaba sendo tragada e toda a fonte de mistério que alimentou por anos a curiosidade de Arthur se perde. Na verdade, pouca coisa sobra, e muito daquilo que o leitor descobre dessa personagem é pelo relato da descoberta de documentos e objetos biográficos da esposa, guardadas no sótão.

Quando o narrador revela ser ela um mistério, ao ponto de se consolar com “pequenas ilhas que descobria nela”, que o ajudavam a se orientar no desvendamento desse verdadeiro enigma, é possível compreender que o silenciamento voluntário de Berg se dá por aquilo que Arthur narra em seguida: sobre a forma como ela foge da Alemanha antes do período de intensificação da perseguição aos judeus. De alguma forma, Bette teve a oportunidade de fugir, o que sabemos não ter sido o mesmo destino de pelo menos 6 milhões de judeus mortos. Porém, é preciso evidenciar que mesmo não tendo sido presa, o fato de ser judia selou o seu destino e a influenciou e muito naquilo que ela se tornou, posteriormente. O seu comportamento identitário de judia exilada pode muito bem explicar a sua atitude simbólica de silenciamento e que Arthur se refere por desaparecimento de vida: “Chegaram [os fugitivos da Alemanha] a Harwich três dias antes do começo da guerra. Lotte esperou até a última tomar o trem. Tinham ido embora, tinham sido tiradas dela, e Lotte desapareceu em sua vida” (KRAUSS, 2012, p. 96).

A fuga de Bette significa que ela conseguiu viver e escapar do destino dos outros judeus. Mas também é evidenciado que o destino dos judeus desse período ficou marcado profundamente em sua alma, ao ponto de adotar um comportamento de reclusão emocional e apagamento do passado. Para Arthur, o maior sentimento que ele percebera na esposa era tristeza:

Ela lutava contra a própria, mas tentava escondê-la, tentava dividi-la em pedaços cada vez menores e espalhá-los por lugares em que achava que ninguém os encontraria. Mas eu sempre encontrava – com o tempo, aprendi onde procurar – e tentava encaixá-los uns nos outros. Era doloroso para mim que ela sentisse que não podia falar comigo sobre isso, mas eu sabia que a machucaria ainda mais saber que eu havia descoberto que ela não queria que eu percebesse. (KRAUSS, 2012, p. 96-97).

O silenciamento de Bette, que também pouco escrevia e tinha um grupo muito restrito de leitores, incomodava Arthur, que mesmo estando ao seu lado, não conseguia participar da vida da esposa, descobrir aquilo que ela ocultava. Era doloroso para ele não ser objeto de confiança, ao ponto de entender que se ele soubesse de seus segredos, a simples descoberta disso “a machucaria ainda mais”.

Em *Janelas quebradas*, um de seus livros de contos, havia uma única referência a Alemanha, a menção ao local e data de nascimento: Nuremberg, 1921: “Mas havia um conto enterrado perto do final que abordava o horror”. A narrativa prossegue:

Era sobre um paisagista de um país sem nome, um egotista tão voltado para o próprio talento que está disposto a colaborar com os funcionários do regime brutal do país a fim de ver um grande parque projetado por ele construído no centro da cidade. (KRAUSS, 2012, p. 105).

Arthur menciona que o silenciamento sobre sua experiência de judia em uma Alemanha nazista ocorria não somente em sua vida particular, mas também na sua obra, o que chama a atenção, principalmente se levar em consideração a menção feita no início deste capítulo, da experiência que Primo Levi teve, embora eu saiba que se trate de um escritor real comparada à uma invenção de Nicole Krauss.

A marca daquilo que a Alemanha fez na vida de judeus, que é ficcionalizada pela escritora Nicole Krauss, é profunda e aniquiladora. É notável que Berg mergulhou em um abismo e dele jamais conseguiu se recuperar. Mesmo não tendo passado por um campo de concentração, a personagem apresenta feridas que jamais se cicatrizaram. Isso fica evidenciado por sua atitude diante do mundo, e diante até mesmo de seu casamento: o silêncio.

3AS SOMBRAS DA MEMÓRIA: ENTRE ABISMOS E SUPERFÍCIES EM A MEMÓRIA DE NOSSAS MEMÓRIAS, DE NICOLE KRAUSS

Guarda memória... como te recebe: se mudam suas cores no tempo em que estiveres dando a minha embaixada; se desassossega e embaraça ouvindo meu nome; se não cabe na almofada, se acaso a encontrares sentada no rico estrado da sua autoridade; e se estiver de pé, olha bem se para ora sobre um, ora sobre o outro pé; se te repete uma ou três vezes a resposta que te der; se a muda de branda em áspera, de azeda a amorosa; se leva a mão ao cabelo para o ajeitar ... Enfim, filho, olha todas as suas ações e movimentos, porque, se tu nos relatares como eles foram, eu descobrirei o que ela tem escondido no secreto do coração acerca do que ao feito dos meus amores toca.
Miguel de Cervantes Saavedra (2010)

O excerto da epígrafe aludida é do romance *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra (2010a, 2010b). A temática da memória é recorrente ao longo do romance, principalmente no que se refere à engenhosa figura do personagem Dom Quixote, que o torna um símbolo do artista moderno em seus confrontos em desfavor das agruras de uma realidade em declínio. Assim, dualidade entre a memória e o esquecimento é uma constante imprescindível na problematização na cena do romance de Cervantes.

Ao dialogar a passagem da epígrafe do romance *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes Saavedra, com o romance *A memória de nossas memórias*, instaura-se uma peculiar constatação da importância da memória como mantenedora de ambas as narrativas, ou seja, o ato de narrar se faz necessário no processo de registro, resultando como o eixo primordial de ambas as narrativas.

Por meio dos recursos mnemônicos, é possível estabelecer uma linha tênue entre épocas e concepções diferentes, pois a memória tem a capacidade de operar em momentos conflituosos e traumáticos da sociedade.

Partindo do cenário da segunda metade do século XX, os sujeitos tornaram-se muito mais dependentes da memória, pois ela favoreceu a importante tarefa de [re]lembrar e narrar momentos sombrios da Grandes Guerras. O ato de ressaltar a importância da memória durante e após catástrofes se fez urgente, uma vez que, na incapacidade entre calar e dizer, a narrativa assume uma posição imprescindível na trajetória dos indivíduos que buscam nela um apoio para externar suas impressões.

É firmado entre a parede de uma infundável [re]memoração da dor e da profundidade do esquecimento, que a memória se faz presente. Quem sobreviveu aos percalços do Holocausto

fala até mesmo quando está em silêncio, pois o testemunho do seu olhar configura o abismo onde o trauma e a memória estão contidos, restando o silenciamento da dor. Nesse liame de angústias, medos e solidão, a narrativa se ergue como *teor testemunhal*¹², mesmo que a fragmentação da memória exista e se faça permanente.

A partir do esboço inicial, cumpre ressaltar que a memória se constitui como uma das mais relevantes e urgentes temáticas para compreender os diversificados caminhos e os aspectos que compõem a paisagem da ficção nas últimas décadas do século XX e início do XXI.

A exposição literária da memória é considerada a válvula propulsora na composição do romance *A memória de nossas memórias* (2012), da escritora Nicole Krauss, visto que, por meio da representação da memória, os quatro narradores do romance tentam estabelecer uma espécie de compreensão entre eventos do passado e do presente, além da representação da memória de alguns objetos, em especial a escrivãzinha, “símbolo central” que desperta fascínio e mistério naqueles que desejam recuperar algo incompleto, mesmo correndo o risco de ser atravessado pela torrente do esquecimento e do abismo.

Harald Weinrich, autor do *Lete. Arte e crítica do esquecimento* (2001), gesta uma narrativa da história cultural do esquecimento demonstrando sua arte, bem como sua crítica, em contraste com a arte da memória. Para tanto, Weinrich expõe sua teoria apoiada na observação de modelos sustentados pelo cânone europeu, entre outros exemplos, *Dom Quixote*. Ao estabelecer um diálogo direto da sua teoria com exemplos canônicos dentro da literatura europeia, o autor aponta algumas reflexões que têm papel importante na constituição da memória e do esquecimento, de modo que a união entre a memória e o espírito é fundamental para que não ocorra o esquecimento:

Pode-se unir positivamente, espírito e memória, quando a memória é submetida a severa disciplina, portanto quando se deixa formar e ordenar pelo espírito. Como é que o espírito cria essa ordem na memória? É a atenção que ilumina especialmente esse ou aquele território da memória, de acordo com a situação. Com isso, por outro lado, o que não é iluminado pela memória cai na escuridão do esquecimento. Assim, na memória o importante é sempre separado do desimportante. (WEINRICH, 2001, p. 88).

O esquecimento, como lembra o trecho acima, é uma consequência da falta da memória, estado esse que coloca em colapso a capacidade de estabelecer uma relação dialética entre os principais eventos do passado em face do presente.

¹² O seguinte termo é estudado por Márcio Seligmann-Silva, em seu principalmente no livro: *História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes* (Unicamp, 2003). Nas palavras basilares do autor: “o teor testemunhal como uma tal escritura fragmentada, ruínosa, que porta tanto a recordação quanto o esquecimento” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 37).

Nessa perspectiva, é aceitável afirmar que a memória representa uma propriedade paradoxal, onde a união entre os elementos tempo, história, linguagem e espaço são imprescindíveis. O exercício de memorar pode tomar proporções complexas, corroborando de forma direta com os abismos do esquecimento. Nas tramas da contemporaneidade, a memória desponta com notoriedade em diversos campos de análises e reflexões, ora na filosofia, literatura, sociologia ora nas malhas da história, além todo estudo voltado para a memória se justificar pela lógica de colocar em exercício a liberdade de resgatar o passado. Ao abordar sobre a temática da memória no romance de Nicole Krauss, torna-se fundamental uma discussão sobre alguns estudos amparados por este tema, com a finalidade de explorar alguns pressupostos teórico-críticos indispensáveis na tentativa de compreender os discursos e comportamentos assumidos pelos narradores do romance.

A discussão sobre memória ganha proporções plausíveis na obra de Harald Weinrich (2001) de modo que se faz necessário ampliar diferentes reflexões e análises filosóficas em séculos passados para melhor compreensão a dialética entre memória e esquecimento. Ao retomar as concepções da antiguidade, Weinrich recorre a algumas concepções de Platão para traduzir quão os recursos mnemônicos sempre foram importantes na compreensão e dilatação dos variados comportamento e pensamentos do sujeito ao longo dos tempos. A famosa metáfora sobre lembrar e esquecer, que gerou muitas reflexões posteriores, é pensada e discutida por meio da “imagem da tábua encerada da memória”, que segundo a ordem da antiguidade, os romanos e gregos manuseavam dois tipos de material para escrever, como forma de arquivo apoio para a memória:

O papel, fabricado com o talo do papiro, e tão caro que era usado só para escritos importantes, e tábuas de escrever coberta de cera, nas quais se anotavam com um estilete (*stilus*) o que era importante para aquele momento e que podia ser rapidamente apagado alisando-se a camada de cera. Essas tábuas enceradas, usadas para diversos fins de escrita, eram muito mais baratas e por isso, como recursos da memória oral, adequavam-se particularmente para anotações casuais. Nessa medida estavam mais próximas do esquecimento do que o papel ou, mais tarde, o pergaminho, ainda mais caro. Nos trechos de sua doutrina da anamnese, onde fala do mergulho do saber pré-nascimento em um esquecimento também não definitivo, Platão comenta, consolador, que cada alma humana também é recoberta, no nascimento, por uma camada de cera que ainda não contém “impressões”. Assim pode ser comparada a um bloco de cera, e os homens deviam esse presente à deusa da memória (*Mnemosyne*), mãe das musas. (WEINRICH, 2001, p. 44).

Com essa passagem, Platão assevera que nem todas as pessoas herdaram, como um tipo de presente de nascimento, tábuas igualmente enceradas com a mesma qualidade. Assim sendo, a tábua da memória também possui tamanhos distintos nas diferentes pessoas. Consequentemente, a qualidade da cera é de consistência e de temperanças diversas. Portanto,

mesmo que cada tábua encerada manifeste-se limpa de qualquer inscrição no instante do nascimento, posteriormente poderá manifestar como uma falsa tábua rasa, de modo que elas não se valerem dos mesmos ofícios a diversas pessoas no fluxo de suas vidas.

Santo Agostinho (2004), em *Confissões*, denominava a memória como “ventre da alma”, pois, em sua reflexão sobre o milagre da memória, procurou incorporar a filosofia platônica à teologia bíblica, estabelecendo um diálogo entre a velha e nova aliança, ou seja, Santo Agostinho propôs uma conexão memorialística entre o Velho e Novo Testamento, de modo que na ocasião, cristãos e judeus sentiam-se servidos de uma religião monoteísta alicerçada na memória. Assim, por meio de suas *Confissões*, Santo Agostinho esbarra em alguns questionamentos que o fizeram pensar, sobretudo na imensidão de conteúdos que a memória revela no percurso da vida apoiada na capacidade do esquecimento.

Isso é possível, pois através da memória, as sombras do passado não só se manifestam à superfície das águas presentes, misturando com as apreensões instantâneas, como também impulsiona, podendo ocupar todo espaço da consciência. A memória e o esquecimento podem manifestar-se como força inerente, mas que ao mesmo tempo revelam impressões ocultas e invasoras, profundas e enérgicas, além de penetrantes e latentes diante dos diversos eventos da vida.

Paul Ricoeur (2007) em seu livro *A memória, a história e o esquecimento*, avalia a escrita da memória, afirmando como é possível que nossas lembranças sejam transformadas em espécies de imagens, que abrem possibilidades de serem fadadas de significados no tempo presente, atestando que a memória corresponde a “ausência de uma presença ou mesmo a presença de algo ausente, sinalizada pela marca da anterioridade” (RICOEUR, 2007, p. 38-39). Nesse caso, a imagem do passado não é reconhecida de forma integral, isso uma vez que o ciclo do tempo possibilita que a representação do *eu* passado seja distinto do *eu* presente.

Do ponto vista de um sobrevivente do campo de concentração de Auschwitz, Primo Levi (2004), em *Os afogados e os sobreviventes*, expõe, por meio do seu discurso, a luta diária adotada para sobreviver à hostilidade de um espaço massacrado pela violência, trauma e morte. Ao reconstituir as memórias e lembranças do horror vivenciado em Auschwitz, Levi incorpora o testemunho traumático às potencialidades da história oral, de modo que o exercício mnemônico tornou-se um meio de sobreviver ao mal-estar gerado pelo desconforto do trauma. Além de incorporar suas próprias experiências por meio de testemunho, o autor também relata sobre a violência física e psicológica dirigida aos demais prisioneiros que compartilhavam o mesmo espaço caótico que ele. Ao nutrir-se da urgente necessidade de analisar e compreender a faculdade da memória, Levi assevera que “as recordações que jazem em nós não estão

inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos”(LEVI, 2004, p. 19).

Pode-se considerar que, por meio da afirmação de Levi acima, a performance da memória humana pode ser compreendida como voluntária e involuntária e, em situações individuais, as repreensões, os traumas, de resistência e situação de inconsciência operam como “mecanismos que falsificam a memória” (LEVI, 2004, p.19). Assim, fica inteligível a convergência entre lembrança e esquecimento. Aprisionar a memória é algo muito complexo, já que mesmo imagens que tentamos esquecer podem ficar encobertas como também lograr formas no presente. Assim, de modo equivalente, sensações e imagens que almejamos lembrar tornam-se mecanicamente dilatadas, atingindo a máxima até se dissiparem.

Segundo os apontamentos do sociólogo Michael Pollak (1989), em seu ensaio *Memória, esquecimento, silêncio*, a memória dos sobreviventes é marcada pelos crivos do silêncio e por um emaranhado de sentimento de culpa que, provavelmente, os sujeitos podem ter. Pollak (1989) ainda afirma que, “em face dessa lembrança traumatizante, o silêncio parece se impor a todos aqueles que querem evitar culpar vítimas” (p. 3). Esta constatação é ainda mais compreensível, quando, ao tentar esquecer uma imagem traumática ou até mesmo um evento que remeta a tensão, o indivíduo faz da memória um espaço de apreensão constante. A memória não tonifica o passado com exatidão, ela está suscetível a lembrar e esquecer, afirmar e negar. Executar o trabalho de lembrar o passado, para reviver situações e entender o presente, é possível através da ação de construir um movimento fragmentado no intuito de recuperar vozes, sentimentos e silenciamentos. Tal processo de busca metamorfoseia-se por meio de imagens incertas, dúvidas, imaginações, indagações ou lembranças concretas.

É evidente a existência de um irrefutável número de narradores na conjuntura do romance contemporâneo. Muitos deles, no intuito de buscar o conhecimento de si mesmo, afundam nas curvas da memória e lançam em busca das referências que marcaram instantes do passado, sejam elas de ordem íntima, social ou traumática. Para tanto, muitos narradores fixam uma distância temporal, possibilitando o esquecimento em face da necessidade de recordar o passado.

Os cinco narradores, Nadia, Arthur Bender, Aaron, Isabel (Izzy) e George Weisz, de *A memória de nossas memórias*, cada um deles assume o palco narrativo em algum momento relatando as trajetórias e suas impressões de um passado que usurpa a paz do presente, seja no sentido de entender as confluências e cruzamentos que se dão por meio da tentativa de compreensão das histórias, das dores e dos laços afetivos que se deram ao longo de cada narrativa do romance.

À vista disso, cumpre ressaltar que nas quatro narrativas, tudo gira em torno dos contornos mnemônicos e ontológicos dos narradores personagens: subjetividades, solidão e lembranças, que oscilam entre o passado e presente e que consistem e aludem à obstinada busca por sentido em meio a tantas fragmentações e individualidades que as permeiam.

Maurice Halbwachs foi o primeiro sociólogo a retomar o tema da memória para os estudos voltados ao campo das interações sociais. O autor estabeleceu a ideia de que os sujeitos tecem suas memórias através das diversas formas de contato que preserva com outros indivíduos. Halbwachs (2006), no livro *Memória coletiva*, oferece uma ampla reflexão sobre o caráter emblemático da memória, que corresponde a uma dimensão que vai além do plano individual, isso porque na maior parte das vezes, a ação de lembrar não é reviver, mas repensar, refazer percursos, reconstruir, com olhar e ideias do agora, as experiências e lembranças do passado. A memória, desse modo, dispõe de um caráter social, pois acima de tudo por ser construída através de indivíduos pertencentes a possíveis grupos culturais e sociais específicos. Por essa via, Halbwachs (2006, p. 61) afirma que "a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada às mesmas coisas".

De acordo com, Ecléa Bosi (2003), em seu livro *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, ao apontar sobre a memória política, memória do trabalho e a memória da família, assegura que a matéria social da memória provoca angústias, lapsos, desvios atravessados pela força coletiva em contato com a força individual. A escritora ainda salienta sobre a produção da memória coletiva a ser produzida no âmbito de uma classe específica, como propagadora de uma ideologia validada que acaba nutrindo as subjetividades de ordem íntimas dos que emanam dessa classe específica:

Quando um acontecimento político mexe com a cabeça de um determinado grupo social, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá desse acontecimento. Portanto, uma das faces da memória pública tende a permear as consciências individuais. É preciso sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia; laços que, antes da secularização moderna, amarravam a memória pública à memória individual. (BOSI, 2003, p. 21-22).

Dessa maneira, o movimento de rememorar é percorrido por um viés duplo entre memória individual e memória coletiva. Ação que potencializa a memória coletiva pode ser relacionada a ideia de que "são indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo" (HALBWACHS, 2006, p. 69). Esse processo interrupto da memória, seja na perspectiva coletiva ou individual, reforça o caráter da discussão entre identidade social e memória, posto

que a memória é um prodigioso acontecimento construído de modo individual e socialmente, e os efeitos do sentimento de identidade é capaz de ser relacionado "a imagem de si, para si e para os outros" (POLLAK, 1992, p. 5-6).

Nesta direção em que os estudos relacionados a memória, assim como as divisas e vínculos ajustados entre esquecimento e lembrança, revelam que "[a] memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado" (POLLAK, 1992, p.4). Pensar sobre as superfícies e abismos da memória implica percorrer por diversos conceitos complexos, que certamente expõem a memória tal como um "subjetivo fenômeno construído" em caráter coletivo ou individual.

Segundo as percepções de Ian Watt (1996, p.27), sobre o registro das experiências humanas na forma do romance enquanto gênero narrativo, o enredo memorialístico — umas das disposições que favoreceu a construção do romance como gênero — indica “um relato autêntico das verdadeiras experiências individuais”. De modo que é a memória, seja ela coletiva ou individual, a responsável por demarcar a relação entre narração e os acontecimentos, para então manifestar a personagem como sujeito peculiar em um tempo e espaço específico.

Como observa Pierre Nora (1993), a memória é um acontecimento simbólico e sempre atual, ao contrário da história que é a tentativa de reconstrução de algo inacabado que ficou no espaço abissal do que não existe mais. Nora sistematiza suas reflexões sobre a urgente necessidade moderna de definir lugares que sirvam como depositário da memória, pois não existe mais meios de memórias. O estudioso afirma que

[t]udo que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história. A necessidade de memória é uma necessidade de história. (NORA, 1993, p. 14).

Em virtude disso, o transcurso da memória para a história oportuniza a cada indivíduo ser um historiador de suas próprias experiências. Nora (1993, p. 18) reforça que, mesmo no instante em que a memória já não está mais em todos os espaços, mas ela tem a urgência de “homens particulares que fazem de si mesmos homens-memória”. Nessa perspectiva, toda a performance de ligação do indivíduo com seu passado ficaria no esforço de renovar os espaços de memórias subjetivas.

A construção de significado por meio do passado, só permanece mediante um presente significativo que lhe serve de suporte — uma espécie de lembrança da qual se pode apoiar —, movimentando fatos sociais, imagens e sentimentos subjetivos. Para reforçar a ideia de que as imagens do passado são conflituosas, revelando-se à convergência entre a história e a memória,

Beatriz Sarlo (2007, p. 9), em seu livro *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, afirma que “nem sempre a história consegue acreditar na memória, e esta receia de qualquer reconstituição que não tenha em sua essência a lembrança”. Ao contestar o tema da memória, Sarlo reitera que, nas últimas décadas, existe um tipo de valorização dos discursos sobre a abordagem do passado constituído em primeira pessoa: memórias subjetivas, testemunhos, biografias e autobiografias, entre outros.

Na literatura dos Estados Unidos da América, o que se observa é um expansivo número de narrativas de natureza memorialística, sendo alguns exemplos das principais obras literárias do EUA: *Homem comum*, de Philip Roth (2007); *Compaixão*, de Toni Morrison (2009); *Tudo se ilumina*, de Jonathan Safran Foer (2005). Ao aproximar esses romances, se percebe que as memórias surgem de forma fragmentada nas vozes de diferentes estilos de narradores em busca de recompor lembranças dissipadas pelo filtro do tempo.

No cenário literário contemporâneo, o leitor é seduzido por uma pluralidade de formas, tendências e estratégias surpreendentes, de modo que podemos comprovar a grande recorrência de narrativas incorporadas sob o viés mnemônico, fragmentos de narradores em primeira pessoa, vivências e experiências, que procuram [re]construir o passado nas malhas do presente, revelando, assim, abismos, buracos e traumas, seja no plano histórico coletivo, seja plano individual e subjetivo.

Destarte, o movimento do estudo proposto neste capítulo busca demonstrar de que forma a memória impõe lacunas entre presente e passado e, que ao mesmo tempo, denota questionamentos e posicionamentos identitários em tempos distintos.

Ao levar em consideração o caráter constitucional dos abismos mnemônicos, a solidão, o trauma, e a melancolia, surgem nesse capítulo para apresentar personagens que perpassam pelo processo angustiante do silenciamento ao longo do tempo. Dessa forma, os indivíduos que sofrem reflexos traumáticos, seja de ordem individual ou marcados pelos estilhaços históricos dos Regimes Totalitários ou Regimes Ditatoriais, trazem em seu caráter constitutivo uma carga de múltiplos conflitos, quando muitas vezes, o silenciamento, ou até mesmo o esquecimento se tornam um mecanismo para lidar com os fragmentos que restaram.

3.1 “Entre o presente e o passado, memórias e objetos”

A égide da memória, no romance *A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss (2012), é marcada pela tentativa dos narradores de reconstruir o tecido do passado reminiscente. Além disso, existe uma profunda reflexão sobre o que os narradores deixaram para trás ao longo

do tempo, pois somente por meio do fio condutor da memória, a [re]construção do passado se faz operante no contexto das histórias e imagens esquecidas no tempo.

A narradora Nadia, de *Todos em pé*, se vale dos recursos da memória para ligar passado e presente, com o propósito de recuperar momentos vividos e, dessa forma, lidar com o vazio intimista acerca de uma vida alterada pelo infortúnio do desespero, solidão e melancolia. O romance é aberto pelo rompimento — término da relação entre R e Nadia, pertencente a primeira parte da história, a narrativa desencadeia o ritmo do processo de rememoração, e ao mesmo tempo, assume uma forma de testemunho, pois Nadia externa toda trama do seu passado na presença de um Juiz no leito de um hospital:

Meritíssimo, no inverno de 1972, R e eu rompemos, ou talvez eu devesse dizer que ele rompeu comigo. Os motivos eram vagos, mas a essência era que ele tinha um segredo, um eu covarde, desprezível, que nunca conseguia me revelar e que precisava se afastar como um animal doente até conseguir melhorar esse eu e levá-lo até o ponto que julgava digno de companhia. Discuti com ele — eu era sua namorada havia quase dois anos, seus segredos eram meus segredos, se havia alguma coisa de cruel ou covarde nele, eu, mais que qualquer outra pessoa, saberia —, mas foi inútil. (KRAUSS, 2012, p. 11).

Com essa passagem, Nadia inaugura o processo de recordação da primeira decepção amorosa que teve em sua juventude, além de compreender que por mais que fizesse algum esforço para manutenção do relacionamento, seria em vão, pois, a partir daquele momento, ela devia seguir sua vida sozinha. A memória, no início da narrativa, é marcada pela imagem da separação e do abandono; uma lembrança que atravessa a subjetividade:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2003, p. 47).

Essa afirmação de Ecléa Bosi reforça o caráter relacional da memória entre o passado e presente. As lembranças fazem parte da conjuntura das percepções atuais, além de não dissociar da força subjetiva operante da memória. A lembrança da separação de Nadia e R representa uma passagem, revelando, assim, o quanto a solidão invadiu a atmosfera física e subjetiva da vida de Nadia, de modo que até a retirada dos móveis de R do apartamento ocasionou uma posição de vazio e desespero:

Não muito tempo depois disso, o piano de cauda de R foi baixado pela imensa janela da sala, do mesmo jeito que tinha chegado. Era o último de seus pertences a ir embora, e, enquanto o piano esteve ali, era como se ele não estivesse ido embora de fato. Na

semana que fiquei sozinha com o piano, antes de virem buscá-lo, eu o afagava do mesmo jeito que costumava afagar R ao passar perto dele. (KRAUSS, 2012, p.12-13).

Nesse trecho, Nadia está recordando como foi o processo de retirada do último pertence de R do apartamento, o piano. Os sentimentos de solidão, angústia e vazio invadiram a dinâmica diária da vida de Nadia, até mesmo a atmosfera do espaço do apartamento foi assaltada pela potência do desassossego. Ao reiterar as lembranças do passado no discurso do presente, a narradora oportuniza um instante de reflexão sobre a condição em que esteve em dado momento de sua vida. Reitera-se, aqui, a concepção de Bosi, reconhecendo que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1994, p. 55).

Dessa forma, Ecléa Bosi (1994) chama a atenção para os efeitos das lembranças de uma situação do passado, as imagens, as sensações e os percalços dos quais experimentamos em determinado momento da vida, esses efeitos são [re]vistos de modo diferente no presente, pois nós não somos os mesmos do passado. É evidente a dinâmica das transformações, e acima de qualquer outra constatação, a percepção sofreu alteração e, com ela o juízo de valor, e conseqüentemente, os comportamentos e ideias são modificados durante o percurso da vida

A partir das primeiras impressões deixadas pela narradora sobre sua nova condição de vida, em detrimento da separação, é possível que o leitor comece a compreender que o estado de solidão da personagem é algo recorrente do seu estado de ânimo, de modo que é notado por meio da narrativa dos acontecimentos dos quais ela é responsável. Além de a solidão fazer parte do espaço subjetivo que constitui sua natureza, existe outro fator que torna sua vida ainda mais reclusa e solitária, que é a condição de ter se tornado uma escritora, situação que possibilita expressar por meio de memórias a própria trajetória entre a infância [passado] e maturidade [presente]:

Meritíssimo, desde que me lembro, sempre me mantive à parte. Ou melhor, acreditava que tinha sido apartada dos outros, eliminada. Não vou gastar seu tempo com injúrias à minha infância, com minha solidão, ou meu medo e minha tristeza pelos anos que passei dentro da cápsula amarga do casamento de meus pais, sob o reinado da raiva de meu pai; afinal, quem não é sobrevivente dos desastres da infância? Não tenho vontade de descrever a minha; só quero dizer que a fim de sobreviver àquela escura e sempre aterrorizante passagem da minha vida, vim a acreditar em certas coisas a meu respeito. Não me atribuí poderes mágicos, nem acreditei que estava sob o olhar de uma força benéfica — não era nada assim tão tangível — nem jamais perdi de vista a realidade imutável de minha situação. Eu simplesmente passei a acreditar que: primeiro, as circunstâncias factuais de minha vida eram quase acidentais e não

brotavam de minha alma; e segundo, que eu possuía algo único, uma força especial e uma profundidade de sentimento que me permitiam suportar a mágoa e a injustiça sem ser quebradas por elas. Nos piores momentos, eu só precisava me enfiar abaixo da superfície, mergulhar fundo e tocar o lugar inteiro onde esse dom misterioso vivia em mim, e contanto que o encontrasse, eu sabia que um dia escaparia do mundo deles e construiria minha vida em outro. (KRAUSS, 2012, p. 235).

Neste trecho do romance, aquela que escreve revela a possível bifurcação dos seus sentimentos entre o estágio do passado e presente, ao trazer à tona os acontecimentos marcantes de sua infância: solidão, medo e tristeza. Nadia se vê como uma sobrevivente de um passado marcado por relações fragmentadas e traumáticas enfrentadas no seio familiar, relacionamentos fracassados, além da depressão gerada pelos diversos dissabores ao longo da vida. Assim, no anseio de estabelecer uma linha tênue entre passado e presente, a narradora se vale das observações e vivências adquiridas ao longo do tempo para demonstrar o quanto suas atitudes e comportamentos sofreram alterações e ajustes, até chegar ao presente.

Ela reconhece o quanto a passagem do tempo foi essencial na transformação da sua postura ao lidar com os conflitos externos e internos. Ao mesmo tempo, afirma que, diante de muitos eventos, a melhor forma encontrada por ela para “escapar” da realidade hostil que a consumia era lançar-se abaixo da superfície, ou seja, buscar “refúgio e proteção” nos buracos abissais de um mundo particular. O que seria, segundo suas percepções, uma forma de mergulhar nas profundezas de um “rio”, sem medo das ameaças por vir. Dessa forma, Nadia, por intermédio do exercício mnemônico, retoma ao cenário da sua infância e relata como foi o processo de descobrimento de si como escritora, visto que os momentos íntimos de reflexões foram preponderantes no processo de autoconhecimento:

Havia uma escotilha em nosso prédio que levava à cobertura, e eu costumava subir correndo quatro lances e escalar uma parede até o lugar de onde podia ver o brilho duro da passagem de nível onde corriam os trens, e lá, onde eu sabia que ninguém me encontraria, um tremor secreto de alegria deslizava fresco por minhas veias e os cabelos da nuca se arrepiavam, porque eu sentia, na crua quietude do momento, que o mundo estava revelando algo de si mesmo apenas para mim. Quando não conseguia subir à cobertura podia me esconder debaixo da cama de meus pais, e embora não houvesse nada para ver eu sentia a mesma emoção, a mesma sensação de acesso privilegiado ao fundamento das coisas, às correntes de sentimentos sobre as quais repousa delicadamente toda existência humana, à quase insuportável beleza da vida, não minha nem de ninguém, massa coisa em si, independente de quem nascia ou morria para ela. Observei minhas irmãs tropeçarem e caírem, uma que aprendeu a mentir, a roubar, a enganar, e a outra que se destruiu por autoaversão, que se dilacerou até não conseguir mais se lembrar como encaixar os pedaços de volta, mas eu mantive o rumo, Meritíssimo, sim, acreditei ser de alguma forma escolhida, não tão protegida a ponto de ser uma exceção, imbuída de um dom que me mantinha inteira, mas que não era nada mais que um potencial até o dia em que eu fizesse dele alguma coisa, e com o passar do tempo, no fundo de mim, essa convicção se transformou em lei, e a lei passou a governar minha vida. Em outras palavras, Meritíssimo, essa é a história de como me tornei escritora. (KRAUSS, 2012, p. 235-236).

Ao reiterar alguns eventos do passado, Nadia, mais uma vez, abre possibilidade ao leitor de compreender as diferentes posições subjetivas em que ela adota para analisar e observar as várias circunstâncias que envolviam o seu “universo particular”, seja ocupando as fendas abissais ou as superfícies mais gélidas de uma torrente de água. Esse percurso físico da “água” é relacionado ao símbolo da memória, pois, para Nadia, quanto mais refugiada das situações que configuravam seu presente caótico, mais condições ela teria de refletir com prudência as ações conflituosas que envolviam o caráter constitutivo da esfera coletiva.

Se faz urgente retomar aos apontamentos de Harald Weinrich (2001), quando ele aborda o clássico vocábulo *Aletheia*, composto pela ligação da origem etimológica *leth*, que significa algo encoberto, disfarçado ou oculto que “se expressam nas palavras ou nas formações vocabulares do esquecimento” (p. 21). A palavra referida tem origem na língua grega e carrega o significado literal de “a verdade”, vocábulo construído, inicialmente, por meio da negação, ou seja, do não encoberto, não oculto, não latente, significando a verdade que se revela. Sob outra perspectiva, ao considerar a origem “*leth*”, novamente, é possível estabelecer relações com o rio Lete, conhecido na mitologia grega por estar localizado no Hades, além de ser lembrado pela ideia de ser um dos lugares mais sombrios da Terra, onde as almas dos recém chegados (mortos) devem passar. Sob um terceiro ângulo, é possível também estabelecer outra forma de entendimento da palavra *Aletheia*, como o inesquecível e esquecido. Em decorrência da sua herança grega, o pensamento dos filósofos europeus se desenvolveu levando-se em consideração que a busca da verdade estava associada à negação do esquecimento, portanto, à consagração da lembrança e da memória (WEINRICH, 2001, p. 20-21).

Como numa submersão subjetiva, a narrativa de Nadia enquadra-se na ideia de representação por meio da simbologia da água, visto que o elemento natural é responsável pela origem da vida, mas ao mesmo tempo possibilita o acesso ao negrume dos buracos abissais, confluído a morte. Ao visitar as caudalosas águas escuras do silêncio e da reclusão, a personagem reveste-se da condição de continuar sobrevivendo as intempéries da vida, “um buraco na memória, dentro do qual algo cai, ou *do qual algo cai*” (WEINRICH, 2001, p. 21, grifos do autor).

A densidade específica desse símbolo aponta para mais do que uma simples coexistência. Quando se fala em liquidar a memória, é possível que essa afirmação, embora o emissor não saiba que isso seja uma alusão ao Lete, tenha um sentido literal, pois, o que é liquidar a memória? Em poucas palavras, seria mergulhá-la nas frias e melancólicas águas desse rio infernal para apagar qualquer vestígio de que um dia tenha existido, integrando-a à liquidez de sua consistência.

Pensar na arquitetura dos eventos narrados pela personagem Nadia é mergulhar nas questões subjetivas que rondaram sua vida por anos de modo que, uma nova atmosfera instalou-se sobre sua vida ao receber a visita de velho amigo, Paul Alpers, que ao tomar conhecimento da sua situação pós separação, em que ficou desprovida até mesmo do mobiliário do seu apartamento, ele se prontificou em ajudá-la: “Paul disse que achava que alguém, um poeta, amigo de um amigo, estava voltando para o Chile e precisaria de uma casa para deixar a mobília” (KRAUSS, 2012, p. 14). Em questão de dias, Nadia estabelece contato com Daniel Varsky, e marca de encontrá-lo em seu apartamento temporário, para então assumir a guarda provisória do mobiliário, uma condição semelhante a uma espécie de “guardiã” desses objetos que lhe foram emprestados:

Então voltei minha atenção para a mobília, ou ao que dava para ver dela por baixo da bagunça: um sofá, uma escrivaninha grande com uma porção de gavetas, umas grandes, outras pequenas, duas estantes cheias de livros em espanhol, francês e inglês, e a peça mais bonita, uma espécie de arca ou baú com guarnições de ferro que parecia ter sido resgatada de um navio afundado e era usada como mesinha de centro. Ele devia ter comprado tudo aquilo de segunda mão, nada parecia novo, mas havia certa harmonia entre todas as peças, e o fato de estarem sufocadas debaixo de papéis e livros só as tornavam mais atraentes. De repente, senti-me inundada de gratidão por seu proprietário, como se ele estivesse me entregando não apenas um pouco de madeira e estofado, mas a chance de uma nova vida, deixando em minhas mãos a responsabilidade de estar à altura da situação. (KRAUSS, 2012, p. 17).

Pode-se dizer que a mobília de Daniel Varsky, [re]acendeu uma nova possibilidade na vida de Nadia, ou seja, uma espécie de [re]começo invadiu seu estado de espírito, tanto pela responsabilidade de guardar e conservar todo o patrimônio mobiliário a ela destinado, quanto ao desabrochar de uma grande afeição pelo jovem poeta Chileno, confluindo em uma paixão não consumada, que perdurou durante toda sua vida. O interesse de Nadia pelo passado de Daniel Varsky é uma das tópicas mais importantes da primeira história, pois mesmo sabendo que o jovem regressara ao Chile por forças políticas ditatoriais, ela não se convenciu do trágico fim do poeta:

Ao adormecer no sofá de Daniel como eu fazia muitas vezes, tinha pesadelos sobre o que tinham feito com ele. Às vezes, eu olhava a mobília, o sofá, a escrivaninha, a mesa de centro, as estantes e cadeiras, e era tomada por um desespero esmagador, às vezes apenas uma tristeza oblíqua, e às vezes olhava aquilo tudo e me convencia de que se tratava de um enigma, um enigma que ele havia deixado para eu resolver. (KRAUSS, 2012, p. 23).

A sensação angustiante e solitária invadia a camada mais profunda da alma de Nadia. Pensar na tragicidade do destino do jovem poeta era muito desesperador e ao mesmo tempo desafiador para Nadia, pois, durante esses momentos solitários de questionamentos, ela inicia

um processo reflexivo, em especial sobre o fascínio em que a escrivaninha exercia a partir da imponência do seu tamanho de modo que a narradora chega a relacionar a presença dos objetos mobiliários no apartamento à imagem viva do poeta morto:

Sempre me considerei apenas a guardiã temporária e supus que viria o dia em que, apesar dos sentimentos conflitantes, eu me veria aliviada da responsabilidade de conviver e zelar pela mobília de meu amigo, o poeta morto Daniel Varsky, e que a partir de então eu estaria livre para mudar para onde quisesse, talvez até para outro país. Não é exatamente a mobília que me prende a Nova York, mas se me pressionarem tenho de admitir que essa foi a desculpa que usei todos esses anos para não ir embora, mesmo muito depois de ter ficado claro que a cidade não tinha mais nada para mim. E no entanto, quando chegou esse dia, a minha vida, que estava finalmente solitária e serena, entrou em torvelinho. (KRAUSS, 2012, p. 23-24).

A solidão e o desterro avançam prodigiosamente no cenário subjetivo da vida de Nadia. Desde que Daniel Varsky partiu, a narradora personagem ficou “temporariamente” como a responsável pela mobília do poeta. Aqueles objetos assumiram uma severa representação em sua vida, de modo que ela se encarregou de estabelecer um compromisso consigo mesma e com a memória de Daniel em guardar e conservar aqueles objetos, em especial da imponente escrivaninha, a responsável por transportá-la ao nível mais elevado de produções de sua vida:

Olhei, do outro lado da sala, a escrivaninha de madeira onde eu havia escrito sete romances, e em cuja superfície, num cone de luz projetada pelo abajur, havia pilhas de páginas e anotações que viriam a ser o oitavo. Uma gaveta estava ligeiramente aberta, uma das dezenove gavetas, umas grandes, outras pequenas, cujo número ímpar e cujo tamanho arranjo, eu me dava conta agora, no limiar de elas serem repentinamente tiradas de mim, tinham passado a significar uma espécie de ordem orientadora, mesmo que misteriosa em minha vida, uma ordem que, quando meu trabalho estava indo bem, assumia uma qualidade quase mística. (KRAUSS, 2012, p. 26).

O que se descreve aqui é a certeza de que a escrivaninha assume uma importância na vida profissional e pessoal de Nadia e, ao mesmo tempo, seu tamanho, seu valor memorialístico, ou seja, seu valor subjetivo traduz uma figura passível de recordações, não deste tempo presente, mas assumiu um valor indecifrável, um símbolo de retorno ao passado, seja pelo aspecto físico do objeto, seja pelo valor imagético do que ela representou para Daniel Varsky e outros proprietários: “ele me disse que a escrivaninha tinha sido usada brevemente por Lorca. Eu não sabia se estava brincando ou não, parecia altamente improvável que esse viajante do Chile, mais novo que eu, pudesse possuir um item tão valioso” (KRAUSS, 2012, p. 20).

Durante o tempo em que a escrivaninha permaneceu sob a tutela de Nadia, a mediação entre o valor do objeto presente, em face da representação do objeto em tempos ermos foi desempenhada pelos cuidados excessivos da narradora. O lugar mnemônico da escrivaninha é

um local visitado exclusivamente por indivíduos que, de certo modo, foram confrontados e dominados pela imponência e o valor temporal em que aquela mobília transportava.

A narradora, ao afirmar que a escrivaninha chegava a assumir “uma qualidade quase mística”, sugere que a evocação dessa faculdade atribuída a importância da imagem do objeto, confere a uma espécie de função legitimadora semelhante a algo monumental, ou seja, objeto responsável por conduzir memórias de antepassados e instantes decisivos de diferentes épocas, de modo que a presença escrivaninha preencha de certo modo a lacuna dos relacionamentos e afetos frustrantes que em outrora tivera:

Dezenove gavetas de tamanhos variados, algumas abaixo do tempo, outras acima, cujas ocupações mundanas (selos aqui, clipes da papel ali) escondiam uma ordem bem mais complexa, como a planta de uma mente formada ao longo de dezenas de milhares de dias pensando, a olhar para elas, como se nelas estivesse contida a conclusão de uma frase teimosa, a frase culminante, o rompimento radical com tudo o que eu tinha escrito e que devia levar afinal ao livro que eu sempre quis e nunca consegui escrever. Aquelas gavetas representavam uma lógica singular incrustada profundamente, um padrão de consciência que não podia ser articulado de nenhuma outra forma senão por seu arranjo e números precisos. Ou será que estou exagerando? Minha cadeira estava ligeiramente desviada, esperando que eu voltasse e a girasse de novo em posição de sentido. Numa noite dessas, eu podia ficar acordada metade da noite trabalhando, escrevendo e olhando o pretume do Hudson, enquanto restasse energia e clareza. Não havia ninguém a exigir que os ritmos de minha vida operassem em dueto, ninguém sobre quem eu tivesse de me debruçar. Se a pessoa que telefonou fosse qualquer outra, depois de desligar eu teria voltado à escrivaninha, em torno da qual, ao longo de duas décadas e meia, eu havia fisicamente me desenvolvido, minha postura formada por anos debruçada sobre ela, me acomodando a ela. (KRAUSS, 2012, p. 27).

Pode-se dizer que a escrivaninha funciona como um símbolo de perenidade em meio aos percalços da vida. Se o indivíduo tem como maior desafio sobreviver à sua transitoriedade, o objeto em si é a expressão tangível da preservação ou, pelo menos, da durabilidade. Ecléa Bosi (1994), ao dimensionar o princípio central da memória como fonte de conservação do passado, afirma que “a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagem-lembrança” (1994, p. 53). Para Nadia, a representação da escrivaninha reforça a sobrevivência da memória do poeta chileno, pois ela compreende que a mobília sempre foi uma fonte inesgotável de lembranças, memórias e histórias, que mesmo diante do fluxo do tempo, permanecem intactas se valendo da sensibilidade dos cuidados alheios.

A representação da mobília no primeiro capítulo do romance é uma constante na narrativa de Nadia, as impressões, experiências e memórias assumem um processo gradual na construção da história. Este permanente jogo entre objeto e memória é avaliado por Ecléa Bosi:

Se a mobilidade e a contingência acompanham nosso viver e nossas interações, há algo que desejamos que permaneça imóvel: o conjunto dos objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a quietude, a disposição tácita, mas expressiva. Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade. Mais que da ordem e da beleza, falam à nossa alma em sua doce língua natal. O arranjo de sala cujas cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o repouso e a mesa de cabeceira os instantes prévios, o ritual antes do sono. A ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade: é um elo familiar com sociedades do passado, pode nos defender da atual revivendo-nos outra. Quanto mais votados ao uso cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. (BOSI, 1994, p. 441).

Cumpra assinalar que, ao argumentar sobre a representatividade dos objetos na vida dos indivíduos ao longo do tempo, Bosi possibilita a associação de qualquer outro objeto, visto que a ideia central é que compreendamos a eficaz importância que tal objeto exerce no percurso da vida do mantenedor do seu estado físico e mnemônico. Desse modo, a visão utilitária da escrivaninha usada no passado pelo poeta espanhol García Lorca, pela escritora Lotte Berg, pelo poeta Daniel Varsky e na sequência, em custódia da personagem Nadia, reitera o significativo envolvimento emocional e profissional que cada personagem atribuiu ao longo do uso desse objeto, de modo que a atual responsável pelo objeto guarda a responsabilidade de manter a ordem da memória desse objeto que representa a comunicação silenciosa e simbólica entre o passado e o presente de um valor inestimável. Neste ponto, cabe retomar a ideia de objeto mencionada por Bosi (1994) que, afirma da seguinte forma:

Diferentes são os ambientes em que os objetos são arrumados para aparecer ou patentear o *status* de seu dono; como na anedota do norte-americano que se enganou de andar e sentou-se no sofá de um apartamento alheio pensando que era o seu ao ver a decoração semelhante. Os objetos protocolares são os objetos que a moda valoriza, não envelhecem com o dono, mas se deterioram. O usuário de uma geladeira, por exemplo, não pode modificá-la por seu uso, nem enobrecê-la com o seu trabalho, nem dialogar com ela. Só o objeto biográfico permanece com o usuário e é insubstituível. O que se poderá igualar à companhia das coisas que envelhecem conosco? Elas nos dão a pacífica impressão de continuidade. (BOSI, 1994, p. 441).

O excerto acima é exemplar para dialogar sobre a relação de Nadia e a escrivaninha, pois, ao receber um telefonema de uma suposta filha de Daniel Varsky, a jovem israelense Leah Weisz, a provável herdeira dos pertences do pai, Nadia fica aflita ao imaginar a possibilidade da retirada do objeto que estava sob sua tutela pouco mais de vinte e cinco anos. O trecho seguinte demarca o total estado de dependência da narradora ao imaginar-se sem a escrivaninha:

Talvez houvesse outros detalhes que me escaparam, porque quando ela falou, me vi lutando para aceitar a ideia de que estava para entregar o único objeto significativo de minha vida como escritora, a única representação física de tudo o que era imponderável e intangível, àquela menina perdida que poderia sentar diante dela de

quando em quando como diante de um altar paterno. E, no entanto, Meritíssimo, o que eu podia fazer? (KRAUSS, 2012, p. 34).

O estado permanente de tristeza e profundo desalento instalou-se no interior de Nadia, não existia solução para a situação, pois se tratava da “filha” de Daniel Varsky, e questionar tal direito de tutela do objeto com a garota, não era a melhor forma de agradecimento ao que o poeta chileno fez por ela no passado. Mesmo que diante da real dependência desse objeto na constituição das experiências desfrutadas por Nadia, durante todo esse tempo em que a escrivaninha fez parte do seu mundo, ela alimentava o sentimento de gratidão pelas conquistas obtidas através da velha e robusta companhia.

Essa sensação ganha um contorno pessoal por se tratar de um móvel que fez parte da biografia de Daniel Varsky e que, posteriormente, passou a fazer parte da vida de Nadia. Para esse tipo de móvel especial, que literalmente envelhece com o seu possuidor, é estabelecido uma relação particularizada e especial porque, conforme explica Violette Morin (apud BOSI, 1994), essa relação se caracteriza como um acompanhamento de todas as transformações do seu possuidor, fazendo parte de sua biografia. São “objetos biográficos” (móvel, no caso da escrivaninha), por acompanharem momentos significativos de seus possuidores. De acordo com Ecleá Bosi (1994), estes objetos:

[s]e incorporam à sua vida [do seu possuidor]: o relógio da família, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante. Cada um desses objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores. Daí vem a timidez que sentimos ao entrarmos em certos quartos em que os objetos nos revelam quem é seu dono. (p. 441).

A escrivaninha que foi propriedade de alguns personagens (antes de Nadia, na ordem, George Weisz, Lotte Berg, Daniel Varsky) volta para a posse de Weisz, quando a filha dele, Leah, consegue enganar Nadia se passando por filha de Daniel Varsky. A perda desse “móvel biográfico” trouxe profundas reflexões sobre o papel de Nadia na história do poeta chileno, e influenciou, inclusive, a sua prolífica carreira literária.

3.2 Memórias do trauma: luto, melancolia e silêncio em *Bondade verdadeira* e *Buracos para nadar*

A segunda história, *Bondade verdadeira*, apresenta-se como um mosaico de fragmentos vividos e internalizados pelo narrador protagonista, Aaron, um advogado israelense que está na

terceira idade e vive aos cuidados do filho mais velho, Uri. A narrativa se apresenta como uma espécie de desabafo memorialístico em que a complexidade da distância em que se estabeleceu entre o narrador e seu filho mais novo, Dovik, provoca um estado permanente de amargura, solidão e silêncio, situações que fragilizam e aniquilam o caráter constitutivo do ceio familiar. Transtornado com a morte de sua esposa e com a chegada do filho para o funeral, depois de muitos anos vivendo em Londres, onde estudou e tornou-se um juiz promissor, o narrador tratará a situação com muita fúria e ressentimento, uma vez que a perda da sua companheira abriu espaço para as feridas do passado que não cicatrizaram.

Velho, viúvo e refém do passado, Aaron encara a volta de Dovik para casa como a última oportunidade de tentar entender a subjetividade do caráter constitutivo de seu filho, pois desde seu nascimento nunca houve nenhuma interação entre pai e filho, mas sim, uma muralha intransponível e ao mesmo tempo frágil que o silêncio incumbiu de construir. Dovik ainda quando criança era muito apegado à figura da mãe, além de manifestar sensibilidade nas suas atitudes e comportamentos, de forma que Aaron deixou-se levar pelo sentimento do ciúme, pela preferência do filho à mãe, além de passar a questionar o comportamento introspectivo dele:

Quando você e Uri eram pequenos, sua mãe vivia com medo de morrer e deixar vocês sozinhos. Sozinhos comigo, observei. Ela olhava três ou quatro vezes antes de atravessar a rua. Toda vez que voltava para casa em segurança ela havia conquistado uma pequena vitória contra a morte. Ela pegava você e seu irmão entre os braços, mas era sempre você que ficava mais tempo grudado nela. (KRAUSS, 2012, p. 61).

O trecho discorrido acima ilustra a forma como Aaron observava os cuidados “excessivos” que sua esposa tinha com os filhos, em especial Dovik. Seu discurso é totalmente contra a reciprocidade do afeto que existia entre mãe e filho. Nas diversas vezes em que Aaron tenta se aproximar de Dovik, a relação torna-se ainda mais introspectiva e silenciosa. Ainda quando jovem, Dovik alimentava um grande desejo: ser um escritor. Sua sensibilidade ao contemplar a natureza física e subjetiva era notória, isso foi percebido pelo seu pai, que em uma atitude insensível, sempre assumia uma postura contrária aos seus anseios:

Me explica de novo, eu disse a você. Porque eu quero entender. Você escreve e apaga. E chama isso de profissão? E você, em sua infinita sabedoria, disse: não, um modo de vida!, e a risada sumiu de minha boca. Quem você pensa que é?, perguntei. O herói de sua própria existência? Você se recolheu em si mesmo. Guardou a cabeça como uma pequena tartaruga. Me diga, falei, eu gostaria mesmo de saber. Como é ser você? (KRAUSS, 2012, p. 63).

Como é possível observar, o olhar irônico e o tom repreensivo de Aaron mais uma vez dificultou a relação entre ele e Dovik, pois a incapacidade de compreender os desejos e

particularidades de seu filho fez com que a distância intensificasse entre os dois, de modo que a única alternativa para Dovik, era exilar-se em seu mundo particular, em que escrever era uma forma de libertar-se das amarras paterna.

A subjetividade do discurso de Aaron revela o quanto as relações entre as personagens são marcadas pela densidade dos acontecimentos que ficaram registrados no passado, mas que a lembrança reforça a necessidade de trazer para o presente os sentimentos de angústia, solidão e medo que fizeram e continuam fazendo sentido na história da família de Aaron. No instante em que o narrador personagem relata sobre a morte de sua esposa e, conseqüentemente a chegada de Dovik para o funeral, existe uma profunda tristeza e ressentimento na expressão das suas palavras, como se Dovik não fosse digno de estar ali naquele instante tão doloroso:

Acompanhei o corpo dela à funerária. Fui eu que olhei para ela pela última vez. Que puxei o lençol sobre seu rosto. Como é possível?, eu pensava. Como estou fazendo isso, olhe minha mão, está se estendendo, agora está pegando o lençol, como? A última vez que vou olhar o rosto que passei a vida inteira estudando. Passar por cima dele [...]. Baixaram o caixão. Alguma coisa cedeu nos meus joelhos. Quem tinha cavado o túmulo? De repente, eu precisava saber. Devia ter passado a noite cavando. Quando me aproximei do buraco abissal, cruzou minha cabeça a ideia absurda de que precisava encontrar quem cavou para dar uma gorjeta. Em algum ponto disso tudo, você chegou. Não sei quando. Virei-me e lá estava você, com capa de chuva escura. Tinha envelhecido. Mas ainda esguio, porque sempre teve os genes de sua mãe. Lá estava você no cemitério, único portador sobrevivente desses genes, porque Uri, como não preciso dizer a você, Uri puxou a mim. Lá estava você, o juiz importante de Londres, estendendo a mão, à espera de sua vez com a pá. E sabe o que senti vontade de fazer, meu filho? Queria dar um tapa em você. Ali mesmo, queria dar um tapa no seu rosto e mandar você procurar sua própria pá. Mas em respeito a sua mãe que nunca gostou de cenas, entreguei a pá. Precisei de todo meu esforço para me controlar, mas entreguei a pá e fiquei olhando você se abaixar, enfiar a pá no monte de terra solta e, com o ligeiro tremor de suas mãos, chegar perto do buraco. (KRAUSS, 2012, p. 67-68).

É nesse momento de luto e profunda dor que o narrador protagonista se vê diante do seu maior “rival”, o seu filho, o “progenitor dos genes da mãe”, que depois de tantos anos longe de Israel retorna a terra natal para despedir-se daquela que foi a maior protetora e guardiã das suas fragilidades e introspecções durante toda sua vida. A revolta, a ira e ao mesmo tempo a emoção envolve o interior de Aaron ao constatar a presença de Dovik naquele momento. O desespero invade seu consciente, tornando a situação ainda mais emocionante.

Evidencia-se, na segunda história, *Bondade verdadeira*, que os avanços e digressões do fio condutor da narrativa elegida pelo narrador personagem, assemelham-se as experiências, angústias e ressentimentos, intrinsecamente ligados a subjetividade do seu íntimo. Essa ideia da necessidade de transitar entre o presente e o passado para compreender as lacunas do relacionamento ente pai e filho faz da segunda narrativa um espaço de reflexão e [re]composição de uma relação fragmentada.

Em *Buracos para nadar*, o narrador protagonista, cujo nome é Arthur Bender, o viúvo de Lotte Berg, apresenta ao leitor uma narrativa de parte da biografia dele, quando se encontra com a esposa e vive um casamento que durou até a morte dela, quando sobrevive ao desaparecimento de Berg e quando, numa investigação do seu passado, descobre segredos que Lotte escondera por décadas. Trata-se de uma história que apresenta um valor, extremamente subjetivo, devido ao caráter traumático em que Lotte Berg e sua família sofreram no passado, e que a única forma encontrada para tentar superar os eventos traumáticos foi silenciar-se ao longo da vida, de forma que durante todos os anos que foram casados, Berg manteve-se silenciada e reclusa, situações essas que se intensificaram com o surgimento do mal de Alzheimer. A linguagem utilizada pelo narrador protagonista é extremamente descritiva, e revela aos seus leitores, em um tom ao mesmo tempo memorialístico e confessional, a dor pungente da solidão e sobretudo, pelo segredo inconfessável que sua esposa manteve durante todo o tempo em que estiveram juntos, a dor de uma verdade descoberta.

A preferência de um narrador protagonista não é infundada, pois o relato tende a levar o leitor a participar tanto do sentimento de solidão enfrentada por Arthur quanto do desejo de levar a cabo o segredo carregado por Berg durante sua vida. Octavio Paz (2014, p. 175), escritor mexicano, conhecido como um dos precursores na teoria da solidão, ao escrever *O labirinto da Solidão*, na década de 50, período em que o mundo estava assombrado com os efeitos recorrentes da Segunda Guerra Mundial — insere sua escrita na perspectiva panorâmica da identidade e da história dos indivíduos pertencentes ao México. Porém, seus estudos são capazes de ultrapassar a fronteira nacional quando ele tira das dimensões nacionais essa sensação:

Todos os homens, em algum momento da vida, sentem-se sozinhos; e mais: todos os homens estão sós. Viver é nos separarmos do que fomos para nos adentrarmos no que vamos ser, futuro sempre estranho. A solidão é a profundidade última da condição humana. O homem é o único ser que se sente só e o único que é busca do outro. [...] O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, cada vez que se sente a si mesmo, sente-se como carência do outro, como solidão. [...] Ao nascer, rompemos os laços que nos unem à vida cega que vivemos no ventre materno, onde não há pausa entre desejo e satisfação. Nossa sensação de viver se expressa como separação e ruptura, desamparo, queda num âmbito hostil ou estranho. À medida que crescemos, esta sensação primitiva se transforma em sentimento de solidão. E mais tarde, em consciência: estamos condenados a ultrapassar nossa solidão e a refazer os laços que, num passado paradisíaco, nos uniam à vida. (PAZ, 2014, p. 175).

A solidão é um sentimento que faz parte da órbita humana, visto que o indivíduo pode senti-la estando alheio ao convívio de alguém ou até mesmo convivendo em um mesmo espaço, dividindo o mesmo teto, a exemplo pessoas que são casadas há décadas, mas que a solidão

tornou-se uma situação intransponível entre eles. O isolamento do mundo e de si mesmo é uma constante no processo de constituição dos indivíduos, posto que o silêncio é uma consequência total ou relativa que demarca fronteiras entre a convivência.

Na tentativa de compreender o comportamento silenciado de Berg durante sua vida, Arthur, por meio da narrativa que se apresenta ao leitor, tenta reportar através da memória as experiências de sua esposa no passado. Até mesmo, experiências que o próprio narrador presenciou, subjetivamente através de sonhos turbulentos que Berg manifestava ao dormir, além de raros momentos em que ela confiou a ele apenas fragmentos sobre o que ela viveu na juventude com seus familiares em um campo de concentração nazista:

Sim, Lotte era um mistério para mim, mas eu me consolava naquelas pequenas ilhas que descobria nela, ilhas que podia encontrar sempre, e independente das condições, usar para me orientar. Ela havia sido forçada a deixar sua casa em Nuremberg aos dezessete anos. Durante um ano, vivera com os pais num campo de transição em Zbaszyn, na Polônia, em condições que só posso imaginar como atrozes; ela nunca falava dessa época, assim como raramente falava de sua infância ou dos pais. No verão de 1939, com a ajuda de um jovem médico judeu que também estava no campo, ela recebeu um visto para acompanhar oitenta e seis crianças num *Kindertransport* para a Inglaterra. Esse detalhe, oitenta e seis, sempre me intrigou, tanto porque a história, conforme ela contava, tinha tão poucos detalhes, como também porque parecia um número enorme. Como ela podia cuidar de tantas crianças, sabendo que tudo o que ela conhecia, tudo o que todos eles conheciam, havia se perdido para sempre? O navio partiu de Gdynia, no mar Báltico. A viagem, que deveria levar três dias, levou cinco, porque na metade do caminho Stalin assinou o pacto com Hitler e o navio teve de desviar para evitar Hamburgo. Chegaram a Harwich três dias antes do começo da guerra. As crianças foram espalhadas por lares de adoção em todo o país. Lotte esperou até a última tomar o trem. Tinham ido embora, tinham sido tiradas dela, e Lotte desapareceu em sua vida. (KRAUSS, 2012, p. 95-96).

No contexto da narrativa de Arthur, percebe-se que Berg carregava consigo uma carga emocional muito perturbadora do passado, fardo esse que somou em seu caráter recluso durante toda sua existência, de modo que influenciou diretamente em sua carreira profissional como escritora, e principalmente em sua vida afetiva. Compreender Lotte sempre foi um desafio para Arthur:

Não, eu não tinha como saber o que ela carregava nas profundezas de si. Mas aos poucos descobri certos estribos. Quando ela gritava no sono, era quase sempre com seu pai que estava sonhando. [...] Um momento depois e ela já teria engatinhado para dentro de si e fechado a porta, instalando-se naquela câmara escura onde conseguia sobreviver dias, até semanas, sem nem uma palavra para mim. Levei anos para identificar esse momento, para aprender a vê-lo chegando e aproveitar quando chegava, para nos poupar a ambos daquele silêncio punitivo. Ela lutava contra a própria tristeza, mas tentava escondê-la, tentava dividi-la em pedaços cada vez menores e espalhá-los por lugares em que achava que ninguém os esconderia. Mas eu sempre encontrava — com o tempo, aprendi onde procurar — e tentava encaixá-los uns aos outros. Era dolorido para mim que ela sentisse que não podia falar comigo sobre isso, mas eu sabia que a machucaria ainda mais saber que havia descoberto o que ela não queria que eu soubesse. (KRAUSS, 2012, p. 96-97).

O sentimento de solidão sempre foi um fator permanente na relação de Arthur e Berg. Vale ressaltar que o narrador agrega a ideia de solidão à atmosfera misteriosa de sua esposa que, por amor e respeito a ela, tentava não ser evasivo, pois compreendia a terrível experiência da ascensão do nazismo.

Ainda na concepção de Octavio Paz (2014), o indivíduo vive se ambientando, se camuflando, se omitindo para que não descubram sua vulnerabilidade no percurso das suas atitudes. Esse movimento de se esconder, o indivíduo constitui um universo próprio para si, concedendo espaço ao silêncio abismal e individualismo, vivendo em uma espécie de buraco que impede de todo e qualquer possibilidade de interação com o mundo lá fora.

Em relação ao silêncio que Lotte Berg manteve durante toda sua vida, houve um episódio em especial que deixou Arthur muito intrigado com um fato ocorrido inesperadamente. Além do advento do trauma ocasionado dentro do campo de concentração e a perda da família, Berg deu à luz a um filho, mas que não pode manter a criança sob seus cuidados. Assim, depois de pouco mais de vinte e cinco anos, um jovem, que se identificou como Daniel Varsky bate à porta da residência do casal. Aparentemente, Arthur deixa evidente seu total desconforto ao abrir a porta e ser surpreendido por um jovem a procura de sua mulher. O sentimento de ciúme invade seu interior, deixando-o intrigado com a situação, só posteriormente é que a situação começa a tomar formas inimagináveis pelo narrador personagem:

Naquela noite, estávamos lendo juntos, como sempre fazíamos. Era uma daquelas noites da Inglaterra em que o escuro que chega às três da tarde faz nove horas parecer meia-noite, lembrando a gente de quão ao norte plantamos a vida. A campanha tocou. Olhamos um para o outro. Era raro alguém nos visitar sem aviso [...]. Lotte Berg está em casa?, ele perguntou. Tinha um sotaque carregado, mas não consegui identificá-lo de imediato. Quem gostaria de falar com ela? O rapaz pensou por um breve momento, mas o bastante para eu notar um ligeira tensão nos cantos da boca. Meu nome é Daniel, ele disse. Presumi que fosse um leitor dela. Ela não era muito conhecida; naquela época, simplesmente dizer que ela era conhecida já seria generoso [...]. Daniel nunca havia se encontrado com ela, naquele instante senti que ele e eu estávamos alinhados de alguma forma, alinhados em nossa posição em relação a ela, e que apenas uma questão de graus nos separava. Era absurdo, claro. Afinal de contas, era eu que o impedia de obter o que quer que quisesse dela. Era uma mera projeção de mim mesmo sobre aquele jovem segurando a mala na frente do esqueleto de minhas hortênsias. Mas de que outra forma podemos tomar decisões sobre os outros? Além disso, estava muito frio lá fora. Deixei que entrasse. No hall, parado com suas botas debaixo de nossa coleção de chapéus de palha, todas as sombras se dissiparam e eu o vi com clareza. Arthur? Lotte chamou da sala. Daniel e eu nos olhamos. Fiz uma pergunta e ele respondeu. Nada foi dito. Mas naquele momento concordamos sobre alguma coisa: acontecesse o que acontecesse, ele não nos incomodaria. Não faria nada para ameaçar ou dismantelar o que tínhamos nos esforçado tanto para construir. Já vou, querida, respondi. Quem está aí?, ela perguntou. Estudei o rosto de Daniel mais uma vez em busca do menor indício de perturbação. Não havia nenhum. Havia apenas seriedade, ou uma compreensão da seriedade daquele acordo, e algo mais também, algo que

tomei por gratidão. Então ouvi os passos de Lotte atrás de mim. É pra você, falei. (KRAUSS, 2012, p. 91-93).

Nesse trecho, Arthur está se lembrando da primeira aparição de Daniel a procura do Lotte Berg. O discurso de Arthur é marcado, sobretudo, pela sensação de desconforto e desconfiança ao ser surpreendido por um jovem à procura de Berg naquela hora. Sua narrativa é carregada de dúvidas que, em suma, não obtiveram respostas rapidamente. Foi um processo doloroso e surpreendente para Arthur ao desconfiar que o alvo do seu ciúme, Daniel, poderia ser o provável filho concebido por sua esposa no passado.

A exposição da narrativa de Arthur representa seu ponto de vista a partir da percepção de alguns fragmentos das ações de Berg, ou seja, nenhuma certeza pode ser lançada ao leitor, posto que nem a figura do narrador pode dar certeza dos eventos que ocorreram no passado de Lotte Berg. Em dado momento da narrativa, Arthur se lembra com espanto a primeira vez em que esteve no lugar onde Berg morava, após conhecê-la em uma festa de noivado de um amigo em meados de 1949:

Naquela época, ela morava em um quarto alugado não longe da Russell Square. Outro lado da rua havia sido bombardeado e da janela dela dava para ver as pilhas de entulho onde as crianças às vezes iam brincar de *King of the Castle* (muito depois de escurecer ainda se ouviam suas vozes), e aqui e ali havia a casca de uma casa cujas janelas vazias emolduravam o céu. Em uma delas, só a escada com o corrimão esculpido se erguia do entulho, em outra, ainda se via o papel de parede floral que o sol e a chuva aos poucos apagavam. Embora fosse melancólico, era também estimulante, de um jeito estranho, ver o interior virando para fora assim. Muitas vezes, eu via Lotte olhando aquelas ruínas com suas chaminés solitárias. A primeira vez que visitei seu quarto, fiquei surpreso com o pouco que havia nele. Ela estava na Inglaterra já havia quase dez anos na época, mas, a não ser pela escrivaninha, havia apenas uns poucos móveis simples e muito mais tarde vim a entender que de certa forma as paredes e o teto de seu próprio quarto eram tão inexistentes para ela como os do outro lado da rua. (KRAUSS, 2012, p. 101).

Surpresa, melancolia e silêncio significam e expressam, nesse trecho descrito pelo narrador, pois a representação do olhar de Berg traduz o profundo estado existencial em que ela vivia. Há ainda a descrição dos pouquíssimos objetos que compunham a mobília do quarto, em especial, a escrivaninha, que causou em Arthur por meio do seu imponente tamanho, o sentimento de repulsa pela sua grandeza e mistério:

Sua escrivaninha, porém, era uma coisa completamente diferente. Naquele quarto simples, pequeno, a mesa sobrepujava todo o resto como uma espécie de monstro grotesco, ameaçador, ocupando a maior parte de uma parede e intimidando os outros móveis patéticos num canto remoto, onde pareciam se aglomerar, como sob uma sinistra força magnética. Era feita de madeira escura e acima do tampo havia uma parede de gavetas, gavetas de tamanhos nada práticos, como a escrivaninha de uma bruxa medieval. Só que absolutamente todas as gavetas estavam vazias, coisa que descobri uma noite enquanto esperava por Lotte, que tinha ido ao lavatório, o que de

certa forma fazia a escrivaninha, o espectro daquela enorme escrivaninha, parecer realmente mais um navio que uma escrivaninha, um navio singrando um mar negro de azeviche na calada de uma noite sem lua, sem esperança de terra em nenhuma direção, parecer ainda mais enervante. Sempre pensei que era uma escrivaninha bem masculina. Às vezes, quando ia buscá-la, eu chegava a sentir uma espécie de estranho e inexplicável ciúme tomar conta de mim quando abria a porta e ali, pairando atrás dela, ameaçando tragá-la, estava aquele tremendo corpo de mobília. (KRAUSS, 2012, p. 100-101).

É justamente esse olhar sensitivo que o narrador protagonista lança diante dos fatos que envolvem a figura de Berg, tornando a narrativa cada vez mais envolvente e misteriosa aos olhos do leitor. Mais uma vez, a representação de um objeto mobiliário desempenha uma fascinação e ao mesmo tempo gera desconfiança no narrador personagem, assim como ocorreu na primeira narrativa *Todos em pé*, em que a narradora personagem Nadia, torna-se dependente da companhia assombrosa da escrivaninha. A aproximação entre as duas histórias se dá pela órbita da presença desse objeto memorialístico e valioso que representa uma relevante importância nas produções literárias que ambas personagens desempenham ao longo de suas vidas. Desse modo, no instante em que Arthur avista a escrivaninha no quarto de Berg, uma espécie de mistério e estranhamento paira sobre o julgamento do narrador, pois a figura do objeto foge dos padrões de uma mesa comum, além de questionar intimamente a forma como Berg adquiriu aquele objeto:

Um dia, criei coragem para perguntar onde ela a tinha encontrado. Ela era pobre como um ratinho de igreja; era impossível imaginar que tivesse podido economizar dinheiro suficiente para comprar um móvel daqueles. Mas em vez de aplacar meus temores, a resposta dela me lançou em desespero: foi um presente, disse ela. E quando, tentando ao máximo agir casualmente, mas já sentindo os lábios começarem a tremer como tremem sempre que sou dominado pela emoção, perguntei de quem; ela me lançou um olhar, um olhar de que nunca esquecerei porque foi meu primeiro contato com as leis complexas que governam a vida com Lotte, embora ainda faltassem anos para eu entender essas leis, se é que realmente as entendi, um olhar equivalente a erguer uma muralha. Nem é preciso dizer que não se disse mais nada a respeito. (KRAUSS, 2012, p. 101).

Em relação ao comportamento de Berg, ao ser questionada sobre a origem da escrivaninha, é notório por meio da sua atitude que seu passado é algo inviolável, que fica restrito a cargo da sua memória, de modo que ela não se sente confortável externá-lo a ninguém, nem mesmo para Arthur, pois seria como uma ferida sangrando novamente. A sucessão de traumas lhe impossibilita abrir-se para o novo. Ao longo da narrativa do terceiro capítulo, o narrador personagem, a todo momento, tenta desembaraçar o passado de Berg, seja pelo seu comportamento recluso da sua esposa, seja pelo desconforto do silêncio aterrorizante, seja pelo seu passado pregresso, cheio de surpresas como o surgimento de Daniel ou a representação da

escrivadinha no caráter constitutivo da escritora Lotte Berg, e por fim as consequências angustiantes e assombrosas que o mal de Alzheimer foi responsável.

A experiência traumática é em síntese aquela que não pode em hipótese alguma ser inteiramente absorvida enquanto ocorre, pois à memória fixa sinais duradouros e restos de recordações. Márcio Seligmann-Silva (2003) assevera que esquecimento e memória estão intrinsecamente associados, pois aquele indivíduo que sobrevive a uma traumática experiência vê-se entre o profundo silêncio (o indizível — inenarrável) e a objeção à dor da lembrança. Seligmann-Silva (2003), ao mobilizar os seus estudos sobre literatura e trauma, revê as premissas das teorias psicanalíticas na tentativa de estabelecer uma reflexão sobre os conceitos de trauma e choque. O processo de discussão ordenado por Seligmann-Silva (2002), no seu ensaio *Literatura e trauma*, é motivado a partir das ideias de Freud¹³ e Bohleber na tentativa de empenhar os efeitos comparativos para examinar o trauma como um sinal regular no contexto literário. O percurso historicizado do trauma incita a possibilidade de ser vista e compreendida como a história de um violento choque, mas em contrapartida, pode ser de um verdadeiro desencontro do real.

Com efeito, a representação da dor e o desenvolvimento da escrita do trauma correspondem, harmonicamente, a um esforço de representar uma realidade fragmentada e extremamente violenta do homem moderno. O sujeito se enxerga, frequentemente, em uma severa solidão ou até mesmo em uma condição de infortúnio e profunda angústia que resulta em uma dolorosa e agonizante experiência: “A fonte da situação traumática tanto pode ser uma excitação pulsional interna como vir de uma vivência externa” (SELIGMANN-SILVA, 2002, p. 139). Diante do exposto, fica compreensível o silêncio arrebatador de Lotte Berg ao longo da narrativa de Arthur, o trauma é o maior responsável pelos efeitos catastróficos instalados nas lembranças da escritora.

Dito isso, ao longo da narrativa de Arthur, verifica-se que o próprio narrador busca compreender o viés do passado da personagem, de modo que existem sucessões de acontecimentos que geram insegurança e mistério a ele. O passado de Berg é um tempo particular, que comporta vários episódios desconhecidos pelo seu companheiro, além da carga traumática que permeia os acontecimentos.

¹³A premissa da teoria do trauma na concepção psicanalítica de Freud e Bohleber parte da urgência histórica que determinou o desenvolvimento dos estudos sobre trauma: As catástrofes do século XX – Shoah, Primeira e Segunda Guerra Mundial, perseguição étnica, racista e o avanço assombroso da violência. Tais contextos motivaram o princípio da situação traumática.

Ao retomar de uma viagem que fez à Frankfurt, Arthur encontra sua esposa envolvida em uma atmosfera demasiadamente silenciosa e gélida. Suas percepções levaram-no a crer que Daniel Varsky havia partido definitivamente, e mais uma vez o silêncio absoluto imperava no interior da casa, sobretudo no âmago de Berg: “Chamei o nome de Lotte. Uma pausa e então ouvi seus passos na escada. Ela estava sozinha. Assim que vi sua expressão, entendi que o rapaz tinha ido embora para sempre. Não sei como eu soube, mas soube” (KRAUSS, 2012, p. 116). Após esse momento, Arthur tomou conhecimento de que Lotte mais uma vez estava perdida em seus pensamentos e que precisava deixá-la atravessar aquele momento sem questionamentos e cobranças, sozinha.

Não é por acaso, então, que Arthur, ao narrar o comportamento introspectivo de sua esposa verifica que existe uma situação que intensifica ainda mais o estado latente de silenciamento de Berg, algo que corrobora para o enfraquecimento das suas forças psíquicas e sobretudo afetivas. Ao questioná-la sobre a ausência da escrivaninha, ele é surpreendido por uma revelação impensável, mas que ao mesmo tempo sinaliza a dimensão dos conflitos internos de Berg:

Passaram-se meses antes de eu me dar conta de que ela havia dado a escrivaninha para ele. Só descobri porque notei que uma mesa que mantínhamos no porão tinha desaparecido. Perguntei-lhe se a tinha visto e ela me disse que estava usando a mesa como escrivaninha. Mas você tem uma escrivaninha, falei, idiotamente. Eu dei de presente, ela disse. Deu de presente?, perguntei incrédulo. Para Daniel, ela disse. Ele admirava a escrivaninha, dei para ele. (KRAUSS, 2012, p. 116).

Depois da grande revelação, Arthur mais uma vez tem a certeza de que Lotte Berg é um grande mistério para ele. Mesmo diante de tanto tempo juntos, ele se surpreende com atitudes dantes inimagináveis, pois se tratando da escrivaninha, que sempre foi um objeto de grande representatividade para Berg, e a doação do móvel jamais passou por sua cabeça. O narrador se espanta com a facilidade com que Berg se desapega daquela escrivaninha.

A impossibilidade de verbalizar os eventos traumáticos que sucederam durante sua infância e juventude, principalmente agora que o mal de Alzheimer avança agressivamente, faz de Berg Lotte uma gaveta cheia de memórias, arquivos e lembranças que estavam progressivamente sendo perdidas por conta da doença e por conta do voluntário silenciamento da esposa. Embora gaveta signifique uma peça do mobiliário cuja função é guardar objetos ou arquivos, Arthur jamais consegue nem ao menos se aproximar das memórias ocultas da esposa, e isso o deixou frustrado tendo em vista que uma série de segredos, que ele tanto queria descobrir, estava fadada ao total aniquilamento. Tudo que se sabe e se presume sobre o estado

de existência de Berg é resultante do olhar curioso e descritivo de seu companheiro, Arthur Bender.

Nesse sentido, a narração memorialística do narrador-personagem configura-se como uma ponte que tenta ligar dois extremos [presente – passado], tudo isso por meio das experiências e impressões que vivenciaram juntos. Seu maior desafio é tentar reunir alguns estilhaços pertencentes exclusivamente ao passado misterioso de Berg, mas que de uma forma ou de outra, foram responsáveis por gerar insegurança e desconforto durante o relacionamento dos dois.

O narrador-personagem encontra dificuldade ao reconhecer clareza nos eventos do passado de Lotte Berg, situação que reforça o peso do trauma que ela carregou durante sua vida, característica recorrente aos que presenciaram o “excesso” das barbáries acontecidas dentro dos campos de extermínios, especialmente aqueles sujeitos que perderam seus entes queridos. Embora ela não tenha sido presa em campo de concentração, não tem como exonerá-la da sensação de trauma provocado por tudo aquilo que os judeus passaram durante a ascensão do nazismo. Como judia, é claro que Berg se sensibilizou com todo o sofrimento passado por seu povo. O fato de ela ter escapado da Alemanha não amenizou a sensação de trauma provocado pelo Holocausto, que vitimou seus familiares e amigos. O Holocausto é considerado um marco, a própria barbárie por excelência. É o que se observa no trecho a seguir:

Outra característica importante a respeito da literatura da Shoah é a falta de todo um aparato conceitual que descreva esse evento, justamente pela sua dificuldade de representação, desta forma alguns autores usam o conceito kantiano de “sublime”, entendido não no seu significado estético, sinônimo de “esplêndido”, “magnífico”, mas sinônimo de irrepresentável, sem limites de representação. (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 52-53).

A mais evidente representação do que foi o Holocausto, para Bette, foi o silêncio e a proibição de mencionar qualquer coisa do seu passado. Não é ela quem fala na narrativa, embora, mencione novamente, ela ser escritora. É necessário sublinhar que a memória de Arthur, mesmo sendo um ato individual, configura-se como um veículo instrumental da memória de Lotte Berg. As poucas informações que ele tinha da vida pregressa de sua companheira foram suficientes para entender que os traumas vivenciados no passado, cooperaram para o seu silenciamento e esquecimento. Em vários momentos da narrativa, Arthur compartilha fragmentos de situações vividas por ela em sua juventude:

É, Lotte era mesmo um mistério para mim, mas um mistério dentro do qual eu de alguma forma me localizava. Ela era a única filha que estava com os pais quando os

SS tocaram a campainha naquela noite de outubro de 1938 e os despachou com outros judeus poloneses. (KRAUSS, 2012, p. 116-117).

Assim nessa história, Arthur busca compreender os motivos que levaram sua esposa ao silenciamento no decorrer da vida. Além de lidar com as consequências assombrosas do mal de Alzheimer, que colaborou para a acentuação do apagamento da memória de Lotte Berg.

A narrativa é um excelente meio de “eternização” das memórias, pois os seres humanos são finitos, transitórios e mortais, mas ganham sobrevida enquanto passam a existir em relatos, evidentemente acentuando-se a necessidade de que alguém leia a sua história. Daniel Varsky, George Weisz e Lotte Berg são exemplos de personagens que já estavam desaparecidos no momento em que os narradores se dispõem a contar as suas histórias. Por esse motivo, esses personagens já desaparecidos, de alguma forma, “ganham vida” pelo relato narrativo.

Os egípcios, por exemplo, reconheciam que a escrita era um eficiente meio de eternização de trajetórias humanas. Conforme explica Aleida Assmann, ao analisar a descoberta egípcia:

Quando olhavam [os egípcios] retrospectivamente para a própria cultura, em um lapso temporal de mais de mil anos, ficava-lhes claro que construções colossais e monumentos jaziam em ruínas, mas os textos daquela mesma época ainda eram copiados, lidos e estudados. Assim, constataram que vestígios de tinta preta sobre um papiro frágil perfaziam um monumento mais duradouro que túmulos caros com ornamentação dispendiosa. Um papiro do século XIII de nossa era compara a força preservadora de túmulos e livros e chega, com isso, ao resultado de que a escrita é uma das armas mais eficientes contra a segunda morte social, o esquecimento. (2016, p. 195)

A escrita significa um tipo de monumento que resiste, de forma mais eficiente, as intempéries da vida. Se caracteriza, por assim dizer, como um monumento em palavras cuja eficiência é maior do que uma construção em concreto ou pedra. Douwe Draaisma, ao analisar a palavra memória, afirma:

A palavra latina memoria tinha duplo sentido: “memória” e “autobiografia”. Entre os usos antigos, hoje obsoletos, da palavra inglesa “memorial” (“monumento” em português) figuravam tanto “memória” quanto “registro escrito”. Essa dualidade sublinha o elo entre a memória humana e os meios inventados para registrar os conhecimentos independentemente dessa memória. Em inglês, a palavra “memorial” (“monumento” em português) figuravam tanto “memória” quanto “registro escrito”. Essa dualidade sublinha o elo entre a memória humana e os meios inventados para registrar os conhecimentos independentemente dessa memória. (2005, p. 49).

Ainda considerando a ideia de monumento, segundo Marc Augé (2012), em *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*:

O monumento, como indica a etimologia latina da palavra, pretende ser a expressão tangível da permanência ou, pelo menos, da duração. É preciso haver altares aos deuses, palácios e tronos para os soberanos, para que não fiquem sujeitos às contingências temporais. Eles permitem, assim, pensar a continuidade das gerações. O que expressa bem, à sua maneira, uma das interpretações da nosologia africana tradicional que pretende que uma doença possa ser imputada à ação de um deus irado ao ver seu altar negligenciado pelo sucessor daquele que o edificara. Sem a ilusão monumental aos olhos dos vivos, a história não passaria de uma abstração. (AUGÉ, 2012, p. 58).

O que Marc Augé (2012) aponta como monumentos, são as grandiosas construções entalhadas por pedras ou até mesmo um simples altar, porém esses espaços precisam existir para dar a sensação aos indivíduos de sobrevivência, cura e conforto. O excerto reforça também a ideia de que sem a presença dos monumentos nos espaços sociais dificilmente a memória das histórias passadas não estariam salvas pelo fluxo contínuo do tempo. Diante do exposto, a narrativa também pode ser um espaço de memória, lembranças e experiências. Ela supera os padrões monumentais físicos, pois ultrapassa a dinâmica do tempo e conserva por meio do relato as imagens e lembranças das pessoas que ocupam aquele espaço.

Quando Nadia, em *Todos em pé* narra as diversas situações do seu passado, principalmente quando faz alusões a Daniel Varsky, ela traz ao presente a memória de um poeta chileno que foi perseguido, torturado e executado por ser opositor à ditadura de Pinochet. A expressão da memória viva é presente e entendida a partir da necessidade de conservação e zelo das memórias de Daniel Varsky. Embora ele não faça parte do próprio ato de narrar, existe uma narradora-personagem atenta em captar todos os fragmentos relatados por ele durante o breve tempo em que estiveram juntos.

Da mesma forma acontece no percurso da narrativa de Arthur Bender ao registrar os estilhaços da memória de sua esposa Lotte Berg. Existe ali a necessidade de tentar compreender o passado obscuro de Berg, e os reais motivos que levaram-na a manutenção do silêncio durante sua vida. Para isso, ele se agarra nas evidências e lembranças que restaram de Lotte Berg, visto que sua memória só é preservada porque existe a ação da narrativa de Arthur.

Outro fator que colabora para dificultar a compreensão de Arthur é a perda progressiva da memória de Berg devido ao mal de Alzheimer. A partir da manifestação da doença, Berg torna-se ainda mais introspectiva e silenciosa. Muitas histórias e segredos morrem com ela, diante dessa circunstância, Arthur é envolvido por um sentimento de impotência porque não consegue extrair nenhum segredo da esposa. Com isso, ele consegue captar somente fragmentos de memórias, documentos guardados por ela e sobretudo a representação da escrivinha no percurso da vida de Lotte Berg. Ali existe uma possível ponte que reporta Berg ao passado, porém seu mutismo é uma barreira intransponível, visto que a doença colaborou diretamente

para o silenciamento e o esquecimento das suas memórias. Assim, ao longo da segunda parte da história *Buracos para nadar*, Arthur Bender persiste na tentativa de resgate da memória biológica da esposa movido pelo desejo e curiosidade de encontrar pistas que podem levar ao filho que Berg teve no passado.

Diante dessa perspectiva, é possível perceber a dinâmica relacional entre os conflitos vivenciados nas quatro histórias do romance *A memória de nossas memórias*, de Nicole Krauss. O romance contempla características que são constantes no cenário moderno, principalmente elementos como: o trauma, o silêncio e a memória.

3.3 Mentiras contadas por crianças, ou a busca obsessiva pelo passado

A quarta história, *Mentiras contadas por crianças*, apresenta uma relação direta ao contexto traumático da personagem Lotte Berg, protagonista da segunda história. O fio condutor narrativo é especialmente apresentado pela narradora-personagem, Izzy. Uma estudante que reside temporariamente em Oxford para desenvolver sua pesquisa. A descrição e sensibilidade da narradora, ao descrever suas experiências, possibilita o leitor perceber a profundidade dos personagens que habitam o contexto da história. Pensando sobre a forma como a narradora apresenta as personagens e espaços onde residem, mais evidente fica a noção de quando existe uma relação de tensão entre os indivíduos e o contexto histórico.

A narrativa de Izzy inicia na ocasião em que conhece o jovem israelense Yoav Weisz, no outono de 1998, em uma festa dada por amigos em comum. A partir desse momento os jovens se apaixonam e têm um relacionamento bastante dependente. É importante salientar que a relação entre a segunda história, *Buracos para nadar*, e a quarta história, *Mentiras contadas por crianças*, parte da premissa de que o clã familiar de Yoav é liderado pelo seu pai, George Weisz, um grande comerciante de objetos confiscados durante a Segunda Guerra Mundial. Por possuir um antiquário de referência, Weisz passa grande parte do seu tempo viajando, situação que se intensificou desde a morte de sua esposa, fato que não foi superado por ele.

Diante dessa realidade, Izzy é inserida no interior da casa dos Weisz, de modo que sua narrativa se apresenta de forma descritiva, captando todas as possíveis impressões e sensações produzidas no espaço da casa:

Eles haviam vivido por toda parte. A mãe morreu quando Yoav tinha oito anos e Leah sete, e depois disso, sem uma esposa para ancorá-lo, perseguido pela tristeza, o pai vagou com eles de cidade em cidade, às vezes passando meses, às vezes anos. Onde ia, ele trabalhava. Segundo Yoav, sua fama no campo de antiguidades tornou-se legendária nesses anos. Ele nunca precisou se uma loja; seus clientes sempre sabiam

onde encontrá-lo. *E os móveis que tanto ambicionavam, nos quais tinham se sentado muito tempo antes e nos quais achavam que nunca mais iam se sentar, tudo o que mobilizava as vidas que tinham perdido ou as vidas que tinham sonhado viver, chegavam à posse de George Weisz através de fontes, canais e coincidências que permaneciam como segredo de sua profissão.* (KRAUSS, 2012, p. 140, grifo nosso).

A profissão de antiquário dava o poder a George Weisz de recuperar objetos biográficos que tinham valor sentimental para os seus antigos proprietários. Muito mais do que apenas um especialista em móveis velhos, Weisz resgatava sonhos, ambições de clientes que tiveram seus móveis confiscados e que perderam a esperança de recuperá-los.

Retomo aqui a discussão apresentada anteriormente sobre os objetos biográficos, de Violette Morin (apud BOSI, 1994), quando ela afirma que os objetos envelhecem juntamente com seu possuidor, integrando-se à sua vida, daí a sua importância. Sem qualquer laço com esses objetos antigos, Izzy se mostra insensível em relação às antiguidades, e não atribui valor devido aos móveis porque eles não fazem parte de sua história, não significam nada para ela. A escritaninha, que liga três narrativas (*Todos em pé, Buracos para nadar e Mentiras contadas por crianças*), para ela é indiferente, sem sentido.

Voltando à George Weisz, embora sua profissão de resgate das memórias afetivas de seus clientes, lhe concedesse dignidade, a sua relação com os filhos era de posse, como se os dois fossem verdadeiros objetos que pudessem ser manipulados e estivessem em sua função.

Nesse sentido, podemos perceber que o trabalho sempre foi uma referência a George Weisz, visto que essa realidade se intensificou com a ausência de sua companheira, seus cuidados com os filhos se tornaram possessivos de tal forma que por onde ele ia a negócios, levava-os consigo. Há uma presença muito forte do exercício do domínio de George sobre seus filhos, situação essa que deixa eles inseguros e reféns das vontades paterna. Ao ter acesso à rotina da família Weisz, Izzy percebe que Yoav e Leah possuem a mesma sensibilidade para o negócio de seu pai:

Assim como os filhos de um capitão do mar entendem instintivamente o mar, Yoav e Leah tinham um instinto natural para os móveis, para suas origens, idades e valor, e uma sensibilidade para sua beleza peculiar. Não que fizessem muito uso desse dom, ou por isso se convencessem a tratar esses móveis com cuidado especial. Eles simplesmente notavam as coisas, como alguém nota uma bela paisagem, e continuavam fazendo o que estavam fazendo, exatamente como queriam. (KRAUSS, 2012, p.162).

O excerto acima reforça a mesma sensibilidade que Yoav e Leah tem pelo negócio do pai, de modo que essa característica é manifestada por eles de maneira involuntária, mas que para Izzy é algo diferente do comum, pois ela representa um olhar de alguém que foi inserida no contexto da família Weisz, ou seja, logicamente não cresceu em ambientes abarrotados de

objetos referentes a outras épocas que representam simbolicamente a memórias de seus antecedentes.

O trabalho de antiquário é fundamental para um grupo específico de clientes, que o escolhiam para ir a busca de peças específicas:

Mas a maior parte dos clientes de Weisz não precisava ver pessoalmente o que estava comprando, fosse por causa da fama mundial do antiquário, fosse por sua fortuna, ou porque as peças que estavam comprando possuíam um valor sentimental que não tinha nada a ver com sua aparência. (KRAUSS, 2012, p. 130).

A fama de George Weisz correu por diversos lugares do mundo. Sua vida foi inteiramente dedicada a conquistar a confiança dos clientes e, sobretudo, a resgatar objetos de inestimáveis valores. Weisz proporcionava o aos seus clientes o reencontro de verdadeiras relíquias objetais de grande valor afetivo que transbordavam lembranças tangíveis aos olhos daqueles que por algum motivo foram impedidos de conviver com tal objeto no percurso de suas vidas. Por mais simples que fosse o objeto, ele representava para seus proprietários uma sensação de completude ao encontrá-lo, pois por muito tempo esse objeto povoou a memória daquele que buscava o serviço de George Weisz.

Para manter seu prestígio no ramo dos antiquários, ele precisava ser ágil e astucioso ao negociar os objetos, visto que sua maior especialidade era resgatar objetos confiscados pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. No passado, a família Weisz foi saqueada pelo exército nazista, de modo que o valor sentimental atribuído aos objetos particulares da família sempre foi alvo de proteção e afeto:

A Gestapo confiscou os itens mais valiosos do apartamento, que eram muitos, uma vez que o lado materno da família Weisz era rico. Essas coisas foram carregadas — junto com montanhas de joias, diamantes, dinheiro, relógios, pinturas, tapetes, pratarias, louça, móveis, roupas de cama, porcelanas e até câmeras e coleções de selo — nos quarenta e dois vagões do “Trem do Ouro” que a SS usou para evacuar as posses dos judeus quando as tropas soviéticas avançaram na Hungria. (KRAUSS, 2012, p. 135).

A passagem ilustra um evento marcante na memória de George Weisz, pois no passado sua família também foi vítima dos confiscos realizados pelo exército nazista. Ao lidar com a sensação de perda dos objetos, Weisz também enxerga em seu negócio, uma forma de solidarizar-se com os indivíduos que por alguma circunstância da vida deixou de ter a referência física de tal objeto.

Desde a perda da mobília da família Weisz, George nutre, em sua memória afetiva, a imagem daquela escrivaniinha que sempre estava presente em suas lembranças junto a seu pai.

Não era possível desvencilhar a imagem paterna daquele objeto simbólico que sempre proporcionava boas lembranças nele, por isso, a incansável tentativa de encontrar aquela que era a última peça do tabuleiro das memórias sentimentais dos Weisz:

Como se eu não soubesse que tudo em seu estúdio de Jerusalém era exatamente como havia sido um dia o estúdio de meu avô em Budapeste, até o último milímetro! Até o veludo das cortinas pesadas, os lápis na bandeja de marfim! Durante quarenta anos, meu pai trabalhou para remontar aquela sala perdida, exatamente com a paciência que tinha naquele dia fatídico de 1944. Como se ao juntar cada peça ele pudesse dobrar o tempo e apagar a tristeza. A única coisa que faltava no estúdio da Há'Oren Street era a escrivaninha de meu avô — no lugar onde ela devia estar, havia um buraco vazio. Sem ela, o estúdio continuava incompleto, uma réplica pobre. (KRAUSS, 2012, p. 137, grifo da autora).

A necessidade de recompor aquele espaço que simbolizava a presença feliz de seu pai no passado sempre foi o objetivo de Weisz durante longos quarenta anos. Por meio do relato feito por Leah, destinado a Izzy, a narradora de *Mentiras contadas por crianças*, não é difícil de compreender que o ofício do trabalho do antiquário era exatamente preencher aquele “buraco vazio” de décadas, lacuna essa que não seria preenchida com qualquer objeto ornamental, mas sim com a imponência da escrivaninha que fizera parte da história mnemônica dos “Weisz”. Assim, não era apenas o resgate de um móvel valioso. Muito mais do que valor pecuniário o valor afetivo foi a força que o estimulou sua incansável busca por décadas.

Em *Todos em pé*, Nadia se lembra do instante em que a escrivaninha da família Weisz chega à sua casa:

Me lembro de todos aqueles anos atrás quando quase fiquei paralisada ao ver os carregadores trazerem a escrivaninha de Daniel Varsky pela porta. Era tão maior do que eu me lembrava, como se tivesse crescido ou se multiplicado (havia mesmo tantas gavetas?) desde que eu a vira duas semanas antes em seu apartamento. Achei que não ia caber e depois não queria que os carregadores fossem embora porque tive medo, Meritíssimo, de ficar sozinha com a sombra que ela projetava na sala. (KRAUSS, 2012, p. 237).

A escrivaninha de Daniel Varsky ao ser entregue no apartamento da narradora gerou bastante assombro. A ideia de conviver com aquele móvel que de certa forma representava o símbolo mnemônico dos seus proprietários passados lhe causou insegurança e medo, pois a representação imponente do móvel não configura apenas pelo seu tamanho físico, mas sim pelo seu valor afetivo e sentimental:

Era como se meu apartamento tivesse de repente mergulhado em silêncio, ou como se a qualidade do silêncio tivesse mudado, como o silêncio de um palco vazio contra o silêncio de um palco no qual alguém colocou um único instrumento brilhante. Me senti oprimida, senti vontade de chorar. Como eu podia escrever numa escrivaninha daquela? A escrivaninha de uma grande mente, como disse S a primeira vez que o

trouxe à minha casa anos depois, talvez a escrivaninha de Lorca, pelo amor de Deus? Se caísse, podia matar esmagada uma pessoa. (KRAUSS, 2012, p. 238).

A escrivaninha representava para Nadia o encontro entre dois silêncios que foi sendo intensificado na dinâmica do tempo. A presença daquele objeto em sua casa fez com que Nadia sentisse um misto de sensações, principalmente pelo fato do objeto ter pertencido a Lorca, era de grande responsabilidade sentar-se diante de um verdadeiro monumento depositário de memórias passadas e escrever seus romances e memórias. Além disso, Nadia precisava lidar com a ideia de ser a guardiã temporária daquela relíquia que lhe foi confiada por Daniel Varsky:

Depois disso, ver a escrivaninha a cada manhã me dava vontade de chorar, não só porque ela encarnava o destino violento de meu amigo, mas também porque passara a só servir para me lembrar que nunca pertencera a mim, nem pertenceria jamais, e que eu era apenas zeladora accidental. (KRAUSS, 2012, p. 240).

Era impossível contemplar aquela escrivaninha sem associá-la a imagem do poeta que foi covardemente torturado até a morte em solo Chileno. O estado de angustiamiento da narradora-personagem revela o quanto a escrivaninha representava as memórias afetivas e sentimentais dos seus proprietários antecedentes.

Voltando para *Mentiras contadas por crianças*, o dia a dia de Izzy na casa dos “Weisz” era repleto de observações e sucessões de surpresas. No contexto das mobílias, existia uma rotatividade de objetos nos espaços da casa. Era muito natural Izzy acordar e verificar que novos objetos estavam presentes na casa, de modo que ela passou a olhar os objetos com mais atenção e curiosidade, pois para Yoav e Leah, a dinâmica do negócio de George Weisz já era algo que os acompanhavam desde a infância dos dois:

Comecei a aprender com suas observações casuais. Querendo ser mais parecida com eles, passei a fazer questão de perguntar a Yoav sobre as várias peças de mobília que entravam e saíam da casa. Ele respondia de um jeito desinteressado, sem levantar os olhos do que estava fazendo. Uma vez perguntei a ele se algum dia sentira que havia algo triste na mobília deixada para trás depois que as vidas a que tinha servido se espalhavam, todos aqueles objetos que não tinham poder de memória em si mesmo, só parados ali, acumulando poeira. Mas ele deu de ombros apenas e escolheu não responder. Por mais que eu tenha aprendido, jamais consegui dominar a elegância e a facilidade com que Yoav e Leah se deslocavam no meio de todas aquelas antiguidades, nem a sua estranha combinação de sensibilidade e indiferença. (KRAUSS, 2012, p. 162).

A convivência com Yoav e Leah permitiu a Izzy entender um pouco mais sobre o respeito e valor que eles atribuíam as peças de mobília que chegavam e saíam da casa. Para os filhos de George, aquela rotatividade de peças simbolizava o marco do trabalho de seu pai, além de representar os sonhos de clientes sedentos pela recomposição objetal das lembranças experienciadas no passado. Dessa forma, Izzy mesmo não pertencendo ao núcleo familiar dos

“Weisz”, expõem sua impressão sobre a “aura triste” que as peças de mobília transmitiam a ela, pois a maioria dos proprietários antecedentes já havia morrido. Por esse motivo, ela não conseguiu compreender muitas lacunas nas práticas da família, nem mesmo Yoav conseguiu externar a complexidade da situação, preferindo o silêncio, assim como aqueles objetos que não possuíam o poder de voz, mas que revelavam sua importância aos que os desejavam.

O não pertencimento a família “Weisz”, àquele círculo fechado, possibilita que Izzy desenvolva um olhar bastante descritivo quanto as situações experienciadas durante o tempo de convivência na casa. Um tipo de olhar que esteve “livre” da forte influência do antiquário, diferentemente do que acontecia com os seus filhos. A constatação de que George Weisz exerce uma forte influência sobre os filhos é algo inquestionável:

Acabei aceitando a estranha lógica de seu desaparecimento, uma lógica em que eu havia sido escolada durante o breve tempo que passei com eles. Os dois eram prisioneiros do pai, trancados entre as paredes da própria família, e afinal era impossível para eles estabelecer laços com qualquer pessoa. Eu não esperava nada mesmo que seu contínuo silêncio todos esses anos, e nunca pensei que fosse vê-los de novo — o que eles fizeram, fizeram sem concessão, livres das complicações impostas sobre o resto de nós por indecisão, hesitação, remorso. Mas embora eu tenha seguido em frente e me apaixonado mais de uma vez, nunca deixei de pensar em Yoav, nem de me perguntar onde ele estava e em quem havia se tornado. (KRAUSS, 2012, p. 133-134).

A visão analítica da situação reforça o quanto os filhos de George Weisz são censurados e dominados por ele. Há uma relação extremamente rigorosa dentro e fora da casa. Apesar de Weisz ficar muito ausente devido ao negócio, os filhos eram controlados e orientados a não manter uma vida social ativa. Nesse caso, Yoav e Leah são verdadeiros “prisioneiros” do pai, pois atender aos seus comandos e imposições faz parte do caráter dominador da personagem mais velha, que reforça a ideia de uma relação abusiva e objetal. George Weisz demonstra muito domínio nos negócios e tutela dos objetos. Assim, desempenha a mesma ordem sobre a educação e formação de seus filhos, de modo que eles são “objetos” nas mãos do pai.

Além do controle sobre seus filhos, Weisz transmitiu a eles a característica dese comportarem como seres “superiores”, individuais, independentes bem como não acreditarem em pessoas alheias, de modo que dependessem exclusivamente de Weisz, que denota bastante controle das vontades e desejos dos filhos. Por esta razão, Izzy sempre se sentiu desconfortável na presença de George, pois ela entendia que jamais se encaixaria nos padrões requisitados para manter uma relação com Yoav, além de não concordar com a forma de dominação que fora estabelecida por George sobre os filhos:

Paranoico pelo que pudesse acontecer a seus filhos, Weisz era estrito quanto ao que lhes era permitido fazer, onde podiam ir e com quem. Suas vidas eram monitoradas por uma série de babás sem graça e de pulso firme que os acompanhavam a toda parte, muito depois de terem idade suficiente para gozar alguma liberdade de locomoção. Depois das aulas de tênis, de piano, de clarineta, de balé ou de caratê, eles eram levados diretamente para casa pelas mulheres musculosas de meias grossas e tamancos ortopédicos. Qualquer mudança ou acréscimo em sua rotina diária tinha e passar primeiro por seu pai. (KRAUSS, 2012, 142).

Essa descrição reforça o caráter obsessivo que George Weisz desenvolve sobre os filhos, desde a infância, o monitoramento e o controle fazem parte do perfil paterno do antiquário. A situação torna-se mais intensa quando George perde sua esposa. Então, ele assume completamente a direção dos passos dos filhos impossibilitando o exercício de diálogo entre eles, de modo que o silêncio é a resposta mais adequada as dúvidas que permearam a infância, adolescência e juventude de Yoav e Leah:

Uma vez, quando Yoav observou timidamente que as outras crianças não tinham de viver pelas mesmas regras, Weisz replicou que talvez essas crianças não fossem amadas como ele e a irmã. Se havia algum protesto quanto à vida sob o domínio do pai, vinha, abafado, de Yoav. Weisz esmagava esses protestos com força desproporcional. Como para garantir que Yoav não chegasse a ter segurança suficiente para enfrentá-lo, ele constantemente encontrava maneiras de diminuí-lo. Quanto a Leah, ela sempre fez o que o pai mandava porque vivia com o fardo especial de saber que era a favorita do pai e que enfrentá-lo, ou, Deus nos livre, desobedecê-lo, seria uma traição do mais alto nível, próxima de um ataque corporal. (KRAUSS, 2012, p. 142-143).

O desejo por compreender o silêncio de Yoav, torna Izzy uma verdadeira observadora sobre os reflexos da diferença de tratamento dado pelo pai entre Yoav e Leah. A partir de histórias esporádicas que seu namorado conta, ela tenta estabelecer uma compreensão sobre muitos acontecimentos na vida dos irmãos, principalmente os aspectos que desencadeiam a relação obsessiva que Weisz tem pelos filhos. Por ser um homem da alta sociedade, detentor de um negócio de referência, isso lhe dá poder para decidir sobre o que comprar ou vender. Assim, seu comportamento é semelhante quando se trata da sua relação paterna. Manipulador e controlador, ele é quem decide sobre os afetos dos filhos.

A solidão é um fator recorrente na narrativa de Izzy, sua vida é marcada por sucessões de incertezas e contornos mnemônicos. Fora de casa para estudar, durante muitas vezes ela retoma o passado para expor os momentos de angústia e insegurança longe do aconchego da sua casa e dos seus pais:

Mas o vazio não significava apatia: ansiedade, solidão e desespero pareciam à espreita em todas as esquinas, esperando para sabotar meu avanço físico pela rua. Enfrentando essa corrida de obstáculos, despida de objetivo, tudo o que eu desejava era estar em casa no meu quarto de infância, aconchegada debaixo das cobertas com seu cheiro

familiar de sabão em pós, ouvindo o murmúrio de meus pais no corredor. Ao voltar para o quarto uma noite, depois de horas vagando sem propósito, parei na frente de uma loja de comidas finas em St. Giles. Ao ver as pessoas saírem com seus sacos de geleias, patês, chutneys e pães frescos, lembrei de meus pais sentados na cozinha, de chinelos, as costas curvas sobre o jantar, o noticiário da noite na pequena televisão num canto e, de repente comecei a chorar. (KRAUSS, 2012, p. 152).

Fora do conforto de casa e da companhia de seus pais, a narradora se sente angustiada e sozinha, pois não tem com quem dividir o momento em que está atravessando. A solidão se manifesta em várias ocasiões da narrativa de Izzy, e é nesse exato instante solitário que a jovem viaja para o seu passado por meio da memória para buscar conforto nas coisas mais simples da vida em que esteve junto de seus familiares. Quando Izzy conhece Yoav, surge uma esperança de que dali em diante ela não estaria mais sozinha, pois a companhia do jovem poderia proporcionar a ela uma total segurança, mas diante das circunstâncias da criação dominadora de Weisz, Yoav não possui suas próprias escolhas, de modo que vive pela sobra do pai:

Peguei o metrô para Marble Arch e, dali o ônibus de volta para Oxford. Assim que abri a porta de meu quarto, uma tristeza esmagadora baixou sobre mim. Longe de Yoav, minha vida em Belsize Park assumia a qualidade incerta de uma peça cujo cenário foi desmontado, os atores dispensados, e só a heroína sobrou em suas roupas comuns no teatro escuro. (KRAUSS, 2012, 195).

A situação é sufocante para Izzy, pois mesmo mantendo uma relação aparentemente confortável, ela não é tratada como merece na relação por Yoav Weisz, por muitas vezes eles são surpreendidos com telefonemas de George Weisz informando-os de que está prestes a chegar de uma viagem de negócios. Então, Izzy mais que depressa precisa se ausentar da casa dos “Weisz”. Por esse motivo, a jovem sente solidão e insegurança na relação, pois Yoav não consegue se desvencilhar das amarras patriarcais.

3.4 A memória que significa prolongamento da finitude

As memórias de George Weisz são narradas em forma de um relato biográfico, compondo a segunda parte da quarta história, *Mentiras contadas por crianças*. Weisz, por meio de um mini relato, deixa suspensa mais uma peça do grande quebra-cabeça mnemônico que faz parte das demais histórias do romance *A memória de nossas memórias*, sendo considerado dentre os cinco narradores, o mais protagonista das memórias passadas que se conectam as demais narrativas.

Nesse relato, há eventos que reforçam o caráter constitutivo da quarta história, pois mesmo Izzy sendo a responsável por narrar *Mentiras contadas por crianças*, George Weisz é a figura central. Proprietário de um famoso antiquário, Weisz dedica toda sua vida em resgatar

objetos importantes que reportam épocas e memórias afetivas de diversos clientes, mas também há uma busca pessoal desse incansável antiquário, pois ele busca, também, por objetos particulares da sua família que também foram confiscados pelos nazistas em 1944:

Um enigma: uma pedra é atirada em Budapeste numa noite de inverno de 1944. Ela viaja no ar na direção da janela iluminada de uma casa onde um pai está escrevendo uma carta em sua escrivaninha, uma mãe está lendo e um menino está sonhando com uma corrida de patins no Danúbio gelado. O vidro estilhaça, o menino cobre a cabeça, a mãe dá um grito. Naquele momento, a vida que conhecem cessa de existir. Onde cai a pedra? (KRAUSS, 2012, p. 329, grifos da autora).

A memória de George Weisz é a grande responsável por transportá-lo ao passado para vislumbrar recortes importantes que fizeram parte da sua infância, e que de modo especial funcionaram como uma engrenagem de uma roda, possibilitando o trânsito dele em lugares em busca de memórias afetivas em forma de objetos. O instante em que a família “Weisz” está no interior da sua confortável casa, uma pedra é lançada contra ela. Nesse exato momento, os estilhaços consequentes do ato nefasto se transformam em fragmentos de histórias, memórias, afetos, sentimentos e sonhos. Então, a partir daquele instante, resta ao jovem Weisz tentar remontar os fragmentos pertencentes de sua família, especialmente a imponente escrivaninha que era a grande companheira de estudos de seu pai:

Meu pai era um estudioso de história. Escrevia numa enorme escrivaninha com grandes gavetas e quando eu era muito pequeno acreditava que havia dois mil anos guardados naquelas gavetas do mesmo jeito que Magda, a faxineira, guardava açúcar e farinha na despensa. Só uma gaveta tinha chave, e no meu aniversário de quatro anos, meu pai me deu uma pequena chave de latão. Eu não consegui dormir à noite, pensando o que ia guardar na gaveta. A responsabilidade era esmagadora. Muitas vezes, repassei mentalmente meus pertences mais perigosos, mas de repente todos eles pareciam inconsistentes e absolutamente insignificantes. Acabei trancando a gaveta vazia e nunca contei a meu pai. (KRAUSS, 2012, p. 330-331).

O trecho revela a grande admiração que Weisz sempre alimentou pela figura paterna, o uso que seu pai fazia da escrivaninha para estudar chamava a atenção dele, pois não era nada comum um móvel residencial possuir aquele tamanho. A quantidade de gavetas que ela possuía despertava curiosidade em Weisz, principalmente por ser uma criança. Sua memória remonta ao instante em que ele é apresentado pelo pai com uma chave que dá acesso a uma das gavetas desse móvel tão misterioso. Porém, mesmo depois de um tempo, ele não encontra nenhum objeto importante que possa realmente preencher aquele espaço especial ofertado pelo seu pai no passado. Weisz tem a certeza que aquela escrivaninha simbolizava as memórias mais vivas de sua infância e juventude. Motivado por esse sentimento, ele nunca cessou a procura pelo objeto.

Os fragmentos do passado de George Weisz são elementos essenciais para compreensão da trajetória dessa escrivaninha na vida de várias personagens pertencentes a diferentes épocas e condições. A escrivaninha sempre despertou mistério naqueles que de uma maneira direta ou indireta desfrutaram da sua presença. Mesmo depois de quarenta anos, Weisz sonhava sentar diante do móvel que exercia fascínio e servia seu pai como um altar para dias de estudos e reflexões. Encontrar esse móvel era se reconectar com o passado da sua família:

Abri a porta. A sala é fria e não tem janelas. Por um instante, quase acreditei que ia encontrar meu pai curvado sobre a escrivaninha, a caneta deslizando sobre a página. Mas a tremenda escrivaninha estava sozinha, muda e incompreensível. Três ou quatro gaveta aberta, todas vazias. Mas aquela que eu havia trancado em criança, continua trancada sessenta e seis anos depois. Entendi a mão e passei os dedos pela superfície escura da escrivaninha. Havia alguns riscos, mas fora isso, os que a usaram não deixaram marcas. Eu conhecia bem aquele momento. Quantas vezes o tinha testemunhado em outros, e no entanto quase me surpreendia agora: a decepção, depois o alívio de alguma coisa finalmente afundar. (KRAUSS, 2012, p. 336).

A ausência daquela escrivaninha (repito, verdadeiro objeto biográfico) foi a responsável involuntária pela trajetória de George Weisz no mercado dos antiquários, pois todos os seus trajetos, negócios, transações, telefonemas foram marcados pelo desejo obsessivo de tê-la novamente resgatada, pois não se tratava unicamente de possuí-la, mas sim de ter a sensação da presença afetiva de seu pai, mesmo depois de sessenta e seis anos. A memória de Weisz conservou durante todos esses anos a imagem silenciosa daquele objeto que foi testemunha de diversas situações e conflitos.

A representação da memória de George Weisz ilustra o quanto suas lembranças dialogam com um passado marcado por situações conflituosas, mas que ao mesmo tempo demonstra sua exacerbada dedicação ao trabalho e proteção aos seus entes queridos. Por meio da narrativa mnemônica, Weisz relata com requinte o quanto suas memórias são significativas no processo de construção da sua vida profissional e pessoal, desde a juventude até a maturidade:

Quando deixei a Hungria em 1949, tinha vinte e um anos. Eu era magro, uma pessoa parcialmente apagada, com medo de ficar parada. No mercado negro, transformei o anel de ouro que encontrara num soldado morto em duas caixas de salsichas e as duas caixas em vinte frascos de remédios, e os vinte frascos em cento e cinquenta pacotes de meias de seda. Estes enviei num contêiner com outros luxos que seriam minha sobrevivência em minha segunda vida, a vida que esperava por mim no porto de Haifa, como uma sombra se detém debaixo de uma pedra ao meio-dia. (KRAUSS, 2012, p. 329-330).

Foram sucessões de situações que corroboraram para que ele fosse reconhecido como referência no mercado de antiquários, e sobretudo, por dotar de um olhar sensível aos objetos

de desejos de seus clientes. Seu sucesso não foi consagrado de um dia para o outro, vários foram os percalços vivenciados durante sua trajetória de vida. Na passagem supracitada, Weisz descreve o quanto foi difícil sobreviver em um cenário de Pós-Guerra, espaços físicos e psicológicos devastados pela grande depressão do Regime Nazista, evento que marca traumáticamente a história de vida de milhões de pessoas e que maximiza a efetivação do trabalho da personagem, por também resgatar objetos confiscados pelos nazistas.

O fim da Segunda Guerra Mundial marca a possibilidade de uma segunda vida a todos aqueles que de maneira direta e indireta sofreram com as consequências drásticas da barbárie, mas algo na narrativa de Weisz fica suspenso, pois seu fascínio pelos objetos, especialmente pela escrivantina, demonstra o quanto o exercício profissional de um antiquário é delicado, pois não se trata apenas de procurar por um objeto qualquer, mas sim por um objeto-memória, que reporta a outras épocas e situações ligadas a afetividade particular de cada cliente e de si mesmo.

Os detalhes relatados por Weisz na última narrativa do romance reforçam o quanto a personagem transita por diferentes lugares e que ao mesmo tempo exerce um total domínio nas relações afetivas dos filhos. Seu ofício exige absoluta dedicação e cuidado ao lidar com as memórias-objetais de clientes. Weisz reitera durante a narrativa que o fascínio por estar em diferentes lugares ao mesmo tempo, sempre foi um desejo desde sua infância, ou seja, é algo muito subjetivo e particular: “Quando eu era menino, queria estar em dois lugares ao mesmo tempo. Era uma obsessão minha, falava disso sem parar” (KRAUSS, 2012, p. 332). Esse sentimento de não pertencimento de Weisz pelos lugares onde vai a procura dos objetos mobiliários, evidencia o quanto é complexa sua forma de lidar com seus sentimentos, além de impossibilitar uma abertura não-dominadora na relação com os filhos.

A memória de George Weisz foi responsável pela manutenção de todas as experiências e lembranças vivenciadas no passado, além de ser a responsável por alimentar a esperança de reencontrar aquela que esteve presente na vida de seu pai durante muitos anos: a escrivantina. Sua grandeza não é representada apenas pelas unidades de medidas (largura, altura, comprimento ou quantidade de gavetas) mas sim, por representar a grandeza de um passado que insiste na memória desse que faz do antiquário um ofício de resgate de várias outras memórias-objetais apartadas de seus verdadeiros proprietários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas últimas décadas, provavelmente devido ao contexto histórico-social das experiências traumáticas da Segunda Guerra Mundial, das inúmeras ditaduras enfrentadas em diferentes lugares e das vertiginosas crises mnemônicas acometidas aos sujeitos, as obras literárias tem assumido uma postura crítica de problematização do homem com a memória de diferentes maneiras: ora há incorporação do silêncio e trauma; ora conflitos associados a identidade e diáspora.

Essa necessidade de buscar uma resposta as possíveis problemáticas do sujeito, seja sob o viés mnemônico ou identitário, o romance *A memória de nossas memórias* atravessa o tempo e o espaço, para rememorar a trajetória daqueles que precisam lidar com suas memórias, traumas, solidão e esquecimento, mesmo que suas trajetórias sejam contadas sob o viés de outro olhar. Sem dúvida, o romance é rico no que concerne ao tema da constituição mnemônica dos narradores e personagens. O fato de Nicole Krauss escolher quatro narrativas para compor o romance reforça ainda mais o desafio de compreender os abismos que existem entre o passado e presente das personagens.

Além da arquitetura das histórias, existe presença marcante da escrivaninha, objeto que seve como conector entre as quatro histórias presentes: primeira história *Todos em pé*; segunda história *Bondade verdadeira*; terceira história *Buracos para nadar*; e por fim, quarta história *Mentiras contadas por crianças*.

Fatos marcantes como os Regimes Totalitários implantados durante o século XX (Estado Nazista — Ditadura Militar Chilena) corroboram para compreensão do comportamento de alguns personagens do romance. Partindo dessa premissa, é perceptível o entrelaçamento das histórias pelo viés da presença da escrivaninha, bem como existem traços traumáticos e solitários que são comuns a alguns personagens. A relação entre a primeira e terceira história chama a atenção pois ambos personagens são atravessados por Regimes Totalitários, Daniel Varsky e Lotte Berg, duas identidades misteriosas que são silenciadas ora pelo trauma em face do Mal de Alzheimer, ora pelo Regime Militar liderado por Pinochet.

A primeira história, *Todos em pé*, temos como exemplo a narradora-personagem Nadia, uma escritora que reside em Nova Iorque e que por indicação de um amigo recebe em seu apartamento uma mobília pertencente a Daniel Varsky. Personagem que representa a memória de milhares de sujeitos que tiveram o mesmo destino bárbaro, preso, torturado e assassinado pelo Regime de Augusto Pinochet.

A terceira história *Buracos para nadar*, configura o ponto de vista do narrador-personagem Arthur Bender, figura importantíssima que se torna responsável por narrar os fragmentos das memórias de sua falecida esposa, Lotte Berg. No percurso do relacionamento dos dois, Arthur divide a atenção e o misterioso silêncio de sua companheira com uma imponente escrivadinha que fica instalada na sala de estar da casa. Devido o Mal de Alzheimer, Lotte Berg é mais uma vez vítima do implacável silenciamento. Como se vê, o silêncio e o esquecimento são as grandes metáforas da vida de Berg, sobretudo o silêncio é uma temática bastante perceptível no caráter identitário das personagens do romance.

No estudo aqui realizado, notamos que Nicole Krauss constrói seu romance a partir dos grandes problemas que se mostram intransponíveis nas malhas do século XX, indivíduos solitários, angustiados, enlutados por perder seus entes queridos, além da presença de personagens traumatizados e silenciados por um passado marcado pelos conflitos advindos da grande barbárie (Holocausto), ou vítima algoz da Ditadura Militar de Pinochet. Eles buscam ressignificar fragmentos de memórias do passado para dar sentido a muitos eventos da vida.

Personagens do romance como: Daniel Varsky, Lotte Berg e George Weisz, foram impossibilitados pelo trauma, silêncio, doença e morte, de ressignificar suas memórias, então os narradores-personagens que estabeleceram convívio com tais indivíduos de maneira direta ou indireta, se responsabilizaram por tentar recompor as peças em seus devidos lugares, mesmo sabendo que muitas delas já não existem mais por inteiras.

Por fim, o que procurei demonstrar na pesquisa, amiúde no romance em tela, são os dilemas de diferentes personagens acerca da memória e identidade, buscando estabelecer um diálogo produtivo com as perspectivas dos estudos que envolvem a narrativa ficcional, possibilitando ao leitor uma intensa reflexão sobre as condições dos indivíduos que são atravessados pela história, e que em detrimento desta, o exercício mnemônico é indispensável. Posto isso, constata-se que a tentativa de desvencilhar o passado do presente é uma ação improfícua na constituição ficcional da narrativa de Nicole Krauss.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Selvino Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6.ed. Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Unicamp, 2016.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Trad. Maria L. Pereira. Campinas: Papyrus, 2012.
- BOLAÑO, Roberto. **Noturno no Chile**. Barcelona: Anagrama, 2000.
- BOSI, Ecleá. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecleá. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **D. Quixote I**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2010a.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **D. Quixote II**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Editora 34, 2010b.
- DRAAISMA, Douwe. **Metáforas da memória: uma história das ideias sobre a mente**. Tradução de Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2005.
- EBLE, Laetícia Jensen; DALCASTAGNÉ, Regina. (org.). **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017.
- FOER, Jonathan Safran. **Tudo se ilumina**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

KRAUSS, Nicole. **A memória de nossas memórias**. Tradução de José Rubens Siqueira: São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KREMER, S. L. **Holocaustliterature: an encyclopedia of writers and their work**. New York: Routledge, 2003.

JONAS, Hans. **O conceito de Deus após Auschwitz: uma voz judia**. Trad. Lilian Simone Godoy Fonseca. São Paulo: Paulus, 2016.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LYOTARD, Jean- François. **Heidegger e os judeus**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MEZAN, Renato. **Psicanálise e judaísmo: ressonâncias**. Campinas: Escuta, 1987.

MORRISON, Toni. **Compaixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, dez., 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 18 mar. 2020.

PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 18 mar. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 18 mar. 2020.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et.al. Campinas: Unicamp, 2007.

ROTH, Philip. **Homem comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2001.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SEBALD, Winfried Georg. **Austerlitz**. Trad. José Marcos Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura e trauma. **Pro-Prosições**, v. 13, n. 3, Campinas-SP, set/dez. 2002, p. 135-153. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2165/39-dossie-silvams.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, n. 43, 2014, p.13-34. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2316-40182014000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 6 jul. 2020.

SORJ, Bernardo; GRIN, Mônica. (org.). **Judaísmo e modernidade**: metamorfose da tradição messiânica. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

SORJ, Bernardo. **Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

WATT, Ian. **A ascensão do romance**: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

WEINRICH, Harald. **Lete**: arte e crítica do esquecimento. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 6 -130.